um Livro Pelicano

A Revolução Cultural na China

Joan Robinson

A AUTORA

Joan Robinson nasceu no Surrey, em 1903, e foi educada na St. Paul's Girl's School de Londres e no Girton College de Cambridge. Submeteu-se a exame para o Economics Tripos e, em 1931, foi convidada para assistente. Ascendeu a University Lecturer em 1937, e foi Reader in Economics em Cambridge de 1949 a 1965, altura em que passou a Professor of Economics em Cambridge. Publicou as seguintes obras: *Economics of Imperfect Competition* (1933), *Essays in the Theory of Employment* (1937), *Introdution to the Theory of Employment* (1937), *Essay on the Marxian Economics* (1942), *Collected Economic Papers Vol I* (1951), *Vol II* (1960), *e Vol III* (1965), *The Rate of Interest and Others Essays* (1952), *The Accumulation of Capital* (1956), *Essays in the Theory of Economics Growth* (1936), *Economic Philosophy* (1963) e artigos em jornais de economia. Publicação mais recente sobre economia: *An Awkward Corner* (1966).

Joan Robinson está casada com o Emeritus Professor of Economics de Cambridge e tem duas filhas. Vive em Cambridge.

LIVRARIA E PAPELARIA
Editorial Tanagra Ltda.
PRAÇA ROOSEVELT N.º 92
TEL. 256-0026 - SÃO PAULO

LIVROS PELICANO

AM 70

EVOLUÇÃO CULTURAL NA CHINA

JOAN ROBINSON

JOAN ROBINSON

A REVOLUÇÃO CULTURAL NA CHINA

Tradução de
FERNANDO HERMENEGILDO

EDITORA ULISSEIA

José Thales Nunes Ferreira

Edição em língua portuguesa por acordo com Penguin Books Ltd., Haamondsworth, Middlesex. Esta obra tem por título «THE CULTURAL REVOLUTION IN CINHA» e © Penguin Books, 1969.

Direitos reservados para Portugal
Editora ULISSEIA Limitada
Rua da Misericórdia, 137 - 1.º — LISBOA

ÍNDICE

Pàg.

1. INTRODUÇÃO 11

Uma Nova Revolução 11
A Luta 17
Guardas Vermelhos e Rebeldes 24
O Pensamentos de Mao Tsé-tung 28
O Exército do Povo 32
A Economia 34
As artes 39
Negócios Estrangeiros 40
O Caminho Futuro 42

2. A REVOLUÇÃO CULTURAL

VISTA DE XANGAI 45
Introdução 45
Discussões no Campo Cultural 49
Começa a Luta 52
Intervenção do Presidente Mao 54
Continuação da Luta 56
Desespero dos Direitistas 58
A Tomada do Poder 61
Crítica e Repúdio 64

Pàg.

Consequências Económicas 67
A Próxima Fase 68
Tarefas Futuras 68

3. DOCUMENTOS 70

1. A Circular de 16 de Maio 70
2. Bombardear os Quartéis-Generais 80
3. Os Dezasseis Pontos 84
4. O Tumulto de Janeiro em Xangai 97
5. O Grande Plano Estratégico 124

4. REPORTAGENS E ENTREVISTAS 126

Uma Fábrica de Máquinas-Ferramentas, Pequim ... 127
Uma Fábrica de Doces, Xangai 131
Uma Companhia de Transportes, Pequim 135
Uma Fábrica para Cegos e Surdos, Xangai 138
Instituições Educacionais, Pequim e Xangai 139

5. POST-SCRIPTUM 148

LEGENDAS DAS FOTOGRAFIAS

1. Uma cena de *Tomada do Reduto dos Bandidos*, uma ópera revolucionária contemporânea de Pequim. (Hsinhua News Agency).
2. Guardas Vermelhos e membros da Universidade de Pequim afixando cartazes de «grandes caracteres». (Hsinhua News Agency).
3. Encontro de Mao com professores e estudantes. (Hsinhua News Agency)
4. Revolucionários proletários numa fábrica de algodão em Tsingtao. (Hsinhua News Agency)
5. *Tachai:* Casas que escaparam às inundações.
6. *Tachai:* Preparando pedras para os socalcos.
7. Tachai começa a prosperar. (Hsinhua News Agency).
8. O recinto de debulha de Tachai. (Hsinhua News Agency).
9. Mercadorias e Pessoal do Abastecimento enviados para as aldeias da montanha em Tsai Ke Da, Shansi.
10. Moendo farinha. A antiga pedra do moinho manual é agora accionada por um motor.

PREFÁCIO

O fundamento deste pequeno volume são as informações sobre a Revolução Cultural que colhi em Xangai. A recolha foi cuidadosamente realizada. Proporciona uma visão clara e franca, mesmo sobre alguns pormenores que suponho ainda não divulgados fora da China. Fornece também uma análise filosófica dos acontecimentos que descreve, proporcionando uma valiosa panorâmica do que pensam sobre o significado da Revolução Cultural aqueles que a viveram.

Incluem-se um certo número de documentos, acompanhados de breves comentários, que tiveram papel importante na história da Revolução Cultural. As traduções foram realizadas pela Foreign Languages Press, de Pequim.

O estilo da propaganda Chinesa, quer no país quer no estrangeiro (especialmente quando vertida em inglês), não soa bem aos nossos ouvidos e é essa a verdadeira razão que a torna pouco convincente; os documentos, reproduzidos aqui, são de espécie diferente. São apelos ou declarações que tiveram um papel fundamental na luta. Têm grande interesse histórico e evidenciam melhor as suas implicações que qualquer análise tentada por um observador estrangeiro.

Algumas das informações que se seguem foram tiradas de notas de entrevistas realizadas por mim e Mr. Roland Berger.

A Introdução reproduz alguns parágrafos de um artigo publicado em *International Affairs (Chatham House)* em Abril de 1968 e em *Now* (Calcutá) a 22 de Dezembro de 1967.

Cambridge, Abril de 1968 JOAN ROBINSON

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

É extremamente difícil apreender o significado da Revolução Cultural por meio de traduções do Chinês, e também por que nos são estranhos a fraseologia e os conceitos em que se expressa. Qual o significado de *um dirigente do Partido que segue a via capitalista?* Como explicar a persistência da luta de classes numa sociedade em que a abolição da propriedade privada tornou impossível a exploração dos trabalhadores? Como é possível que o chefe de um governo estabelecido proclame que *a Rebelião justifica-se?* O que é uma *Grande Aliança* e uma *Tripla Combinação?* Como é que o Pensamento de Mao Tsé-tung faz nascer searas em montes de pedras?

UMA NOVA REVOLUÇÃO

A chave da concepção da Revolução Cultural, tal como a vê o seu porta-voz, encontra-se na análise Marxista da sociedade, aperfeiçoada e desenvolvida por Mao Tsé-tung, com base na sua longa experiência do Comunismo na China.

A análise Marxista distingue a *base* e a *superestrutura* de um sistema social. A base é o fundamento económico de um sistema. A base do capitalismo consiste na propriedade privada

dos meios de produção, que proporciona a mais-valia e confere à empresa privada o controlo do desenvolvimento económico. De igual modo, a base do socialismo é a detenção por parte do Estado da propriedade e do controlo da indústria. A superestrutura é a matriz de instituições, organismos, escalões de autoridade, tradições e modos de pensar que florescem numa sociedade. A desigualdade no consumo, a paixão pela carreira, posição e poder, o individualismo desenfreado e uma hierarquia social baseada na riqueza, fazem parte da superestrutura burguesa do capitalismo; a superestrutura do socialismo proletário exige que a propensão para o consumo seja substituída por um espírito de sacrifício.

Aceitando a dicotomia entre a base de um sistema social e a sua superestrutura, Mao Tsé-tung mostra como a superestrutura pode reagir sobre a base: *As ideias podem tornar-se uma força material.* Pelo contrário, quando a base é mudada, a superestrutura não se transformará automàticamente. Os Marxistas ultrapassados podem considerar isto uma heresia, mas a posição é difìcilmente sustentável. O significado de uma proposição depende daquilo que nega. Marx, combatendo o idealismo liberal que o circundava, negou que o pensamento por si só, agitando-se na atmosfera, pudesse influenciar os acontecimentos. Uma vez aceite o ponto de vista de que as ideias resultam de circunstâncias materiais, não faz sentido negar que esta relação de casualidade funcione nos dois sentidos. Se Marx estivesse convencido de que as ideias não têm qualquer efeito sobre os acontecimentos, porque haveria de tomar o problema como tema de um livro?

De acordo com o ponto de vista chinês, a experiência russa mostra como uma superestrutura de tipo capitalista pode desenvolver-se numa base socialista. Quando desaparecem os capitalistas que conduzem a indústria e os investimentos directos, o Estado cria órgãos que passam a desempenhar essas funções, e os indivíduos adstritos a esse controlo podem ser vítimas de deformações de carácter, por vezes ainda mais perniciosas, do ponto de vista dos ideais socialistas, que as da velha burguesia.

Em alguns casos, quem se coloque numa terceira posição, pode compreender até que ponto são exagerados e injustos os ataques azedos dos porta-vozes Chineses ao «revisionismo» Soviético. Mas estão nìtidamente dentro da razão ao negarem na contenda com Estaline, que abolindo a propriedade privada dos meios de produção, surja automàticamente uma sociedade sem classes. A experiência soviética mostra como o poder, o privilégio e o acesso à educação podem ser a base de distinções de classes que se transmitem de pais a filhos. Além disso, tentando afastar a excessiva rigidez do planeamento centralizado, os Soviéticos e as Democracias Populares lançam mão de incentivos económicos e de relações comerciais que, no ponto de vista chinês, são incompatíveis com a construção de uma superestrutura de relações humanas na forma genuìnamente socialista. Existe, é certo, uma diferença importante entre o uso do lucro como critério de êxito duma empresa e como motivação da iniciativa privada; mas os chineses sustentam que o primeiro conduzirá inevitàvelmente ao segundo.

Os Marxistas Chineses sustentam que Estaline cometeu um êrro grave e de grande repercussão ao afirmar que a luta de classes terminará logo que o socialismo for estabelecido. Mas o público é induzido a reverenciá-lo como grande socialista, ao passo que nós o consideramos o verdadeiro arquétipo da organização. (O seu perfil, tão ameaçador, parece a muitos um tesouro escondido, um dos profetas do Velho Testamento, tal como Marx, Engels e Lenin.) Khrushchev, que tem aspectos de certo modo simpáticos é, para os chineses, o arquétipo do traidor, pois para lisonjear os Americanos abandonou o combate internacional ao imperialismo. Talvez a contradição possa ser superada dizendo que Estaline salvou a base do socialismo na União Soviética, mas introduziu sérias deformações na superestrutura; enquanto Khrushchev, ao tentar reparar a superestrutura, apenas conseguiu danificar a base. Existe uma curiosa convenção na política Chinesa de não indicar ninguém pelo nome enquanto o seu estado não for oficialmente reconheci-

do (1). Enquanto permanecer na sombra, Liu Shao-ch'i, o alvo da Revolução Cultural, foi apelidado de Khrushchev Chinês. Pensamos que esta associação é errónea. Liu representa o que chamaríamos um elemento Estalinista no Partido Comunista.

Os dirigentes do Partido que seguem a via capitalista, a quem podemos chamar Direitistas (2) por abreviação, foram acusados de imitar o modelo Soviético. Foram acusados de desempenhar as funções de maneira autoritária, demonstrando uma atitude de superioridade em relação aos trabalhadores, formando bandos para os proteger e aproveitando-se da posição para obter privilégios e honras para si próprios. Seguem a via capitalista no sentido de obstruírem a superestrutura do socialismo. E se uma superestrutura burguesa não for extirpada a tempo acabará por destruir a base socialista. O objectivo da Revolução Cultural é introduzir o socialismo na superestrutura e apagar todos os vestígios de ideias burguesas e estilo de vida burguês.

Na União Soviética, a antiga classe média foi quase totalmente destruída. A nova classe desenvolveu-se por si. Na China, uma parte importante da classe média saudou a vitória dos Comunistas sobre o regime miserável e corrupto do Kuomintang, e dispôs-se a colaborar com o novo governo na reconstrução do país; na verdade, era-lhe indispensável, uma vez que a massa de camponeses que ganhou a guerra civil não podia fornecer os quadros necessários à administração, ao desenvolvimento da indústria nem, acima de tudo, prover ao extenso sistema de educação que o novo regime requeria. Muitas pessoas da classe média «voltaram-se» e acreditaram que se haviam tornado socialistas, mas a mudança nem sempre foi profunda. Na China,

(1) Cf. p. 105.

(2) Esta expressão é usada num sentido específico para indicar aqueles que foram objecto de ataque na Revolução Cultural, descritos nos Dezasseis Pontos como «Direitistas anti-Partido e anti-socialistas» (ver p. 102). Nas conversas em Inglês na China são usualmente denominados como «capitalist roaders».

os Direitistas do Partido encontraram simpatia e apoio na antiga classe média, e até muitos deles eram originários da classe média.

A concepção Chinesa de classe não é difícil de compreender. O movimento foi apresentado como luta de classes entre proletários e burgueses, mas os antigos burgueses foram auxiliares menores dos «dirigentes do Partido que seguiam a via capitalista», alvo principal do ataque. Os intelectuais burgueses, à excepção dos «déspotas da educação» que defendiam políticas educacionais reaccionárias, são tratados com tolerância nos Dezasseis Pontos (1), e é feita uma menção especial à necessidade de proteger os cientistas e técnicos que, apesar de burgueses, contribuíram para o desenvolvimento nacional.

A pertença a determinada classe não se difine pelo nascimento. Um antigo mandarim ou um proprietário pode ser proletário honorário; alguns dos homens mais viciados da organização são antigos camponeses pobres corrumpidos pelo poder. A classe define-se por um estado de espírito, e esse estado de espírito manifesta-se na conduta. Quando se aprecia o currículo para um cargo, o passado de camponês contará a favor, e o passado burguês é *prima facies* suspeito, mas de modo nenhum decisivo. É necessário que prove uma atitude *proletária* actual, e não uma origem proletária, para ser absolvido das faltas e readmitido no movimento.

Ainda menos importante é a herança de classe. Encontraram-se agluns ex-proprietários que albergavam sonhos de restauração e transmitiam aos filhos os títulos e registos das terras para lhes mostrar qual poderia ser a sua herança, mas isso não permitiu a perseguição de todos os filhos de proprietários. Quando pedi a um jovem funcionário exemplos de faltas cometidas pelos quadros ele apresentou o seu caso: «Como sou filho de um camponês pobre, pensei que não necessitava de participar na revolução. Estava convencido que era uma

(1) Ver p. 100

pessoa superior, e protestei contra a admissão de filhos de proprietários nos Guardas Vermelhos. Agora compreendo que estava enganado. Devemos traçar uma linha rígida entre a família e o indivíduo». Alguns dos maus elementos que se infiltraram nos Guardas Vermelhos e lançaram a confusão, provinham de famílias altamente colocadas no Partido — fenómeno bem conhecido na União Soviética. O ónus da prova está em cada pessoa mostrar, pela atitude mental e comportamento, que é um verdadeiro proletário, embora a usual teimosia e tolerância leve os trabalhadores Chineses a examinar com mais cuidado o indivíduo em questão se não for originário do proletariado do que se o for.

Os argumentos políticos para as grandes massas da população têm necessàriamente de ser simplificados. A um observador sofisticado podem parecer incipientes. No decurso da Revolução Cultural, os Direitistas foram apresentados como diabos. Como é evidente, na luta, lançaram mão de experientes traiçoeiros mas um estranho tem a impressão que não eram *apenas* bandidos; tinham um ponto de vista que se surpreende nas entrelinhas das acusações de que foram alvo ([1]). Passou-se algo como isto: as ideias de Mao eram adequadas à condução de um exército de camponeses mas insuficientes para o Governo de um Estado moderno. O Grande Salto de 1958 mostrou-se uma aventura irresponsável, pela qual se pagou um preço exagerado nos três anos de crise que se seguiram. (Os Direitistas recusaram-se a reconhecer o aumento da produção devido aos grandes investimentos que perturbaram o equilíbrio económico conseguido em 1958, ou a admitir que as comunas se justifiquem pelo contínuo aumento das colheitas desde 1962.) Os Direitistas insistem na necessidade da organização e da autoridade. Todos os exércitos e indústrias no mundo são dirigidos na base de uma cadeia de comandos que parte do topo. Que aqueles que ocupam um grau mais elevado da hierarquia devem ter um

([1]) Ver p. 75

modo de vida mais confortável que os inferiores é não só irrecusável como desejável, uma vez que aumentam o prestígio da autoridade. Os trabalhadores necessitam de tutela; exige-se-lhes obediência e diligência; não lhes compete ter a cabeça cheia de ideias políticas. O processo de industrialização deve ser apressado. É insensato esperar que a massa da população seja educada. Deve criar-se ràpidamente um escol de dirigentes e executantes; o que significa que deve lançar-se mão das velhas classes cultas, embora tenham sido proprietários e reaccionários. Nas artes, o predomínio da política, origina um filistinismo monótono, e na literatura, uma estúpida moralidade a preto e branco abafando toda a subtileza e graça das tradições Chinesas.

Por detrás, esconde-se uma posição mais sólida. Como pode a China permanecer sòzinha em face da terrível ameaça de agressão Americana? A simples prudência aconselha algumas concessões ideológicas aos Soviéticos (os quais, na verdade, os Direitistas acolheriam com prazer) com vista a recuperar o apoio de um poderoso aliado.

Argumentos como estes encontrariam eco em muitos corações ocidentais mas, na China, todas as questões se reduzem a uma: este é o caminho de regresso ao capitalismo ou de prossecução do socialismo?

A LUTA

Os Direitistas estribaram-se em postos de comando, a todos os níveis, no Partido Chinês e na administração. Na cúpula havia um grupo organizado, com amplas ramificações, que se preparava para tomar o poder. O Presidente da República, Liu Shao-ch'i, fora escolhido para suceder a Mao Tsé-tung, de acordo com as regras constitucionais. Careciam apenas de esperar pelo momento em que tivessem liberdade para conduzir o país segundo as suas ideias. Entretanto, Mao era uma figura-chave indispensável, mas os chefes da organização podiam colocar gradualmente os seus correligionários e obter cada vez maior controlo político. Isto era particularmente importante no domínio da educação. Por princípio, a educação devia

ser democratizada mas, na prática, constituía-se uma élite. Os filhos da classe média tinham naturalmente vantagem sobre os filhos dos camponeses e trabalhadores, uma vez que se mantinham o antigo estilo de educação convencional e os exames formais; com o pretexto de preservar a qualidade do ensino, consolidava-se a estratificação das classes.

As primeiras escaramuças visando a posição dos Direitistas tomaram a forma de artigos de crítica a obras literárias, acusadas de atacarem o Presidente sob vários disfarces. Peng Chen, Presidente do Município de Pequim, chefiava um comité encarregado de discutir a questão da cultura socialista (esta a origem do termo Revolução Cultural, que actualmente tem um significado mais amplo). Apresentou um relatório incorrecto, sem consultar os seus colegas, repudiado pelo Comité Central num documento publicado a 16 de Maio de 1966 [1]. Isto fez discorrer um certo número de pessoas, cujas suspeitas foram levantadas por complicações nos seus empregos de que alguma coisa estava errada no topo. O conhecido método de manifestar opiniões individuais por meio de cartazes, foi utilizado num ataque dramático ao reitor da Universidade de Pequim. A afixação deste cartaz tem sido considerado o momento inicial da Revolução Cultural. O movimento ràpidamente se espalhou a outras instituições e foi seguido, num grande número de fábricas, por uma explosão de críticas aos elementos do Partido encarregados da administração.

Os Direitistas reagiram prontamente. Usando a autoridade do Partido, apelaram para a maioria e isolaram os rebeldes. O contra-ataque, pitorescamente designado «terrorismo fascista» [2], consistiu apenas na sua essência, em caluniar os dissidentes e confundi-los com o argumento de que atacar um representante do Partido era atacar o próprio Presidente. Em alguns lugares revestiu aspectos mais violentos. Noutros, os Direitistas, tornando-se agressivos, apenas se ridicularizaram;

(1) Ver p. 76
(2) Ver p. 88

por exemplo, num instituto, ordenaram ao corpo directivo que cortasse a electricidade e fechasse a cantina dos estudantes. Os rebeldes trabalharam à luz de velas e arranjaram eles próprios uma cozinha [1]. Em muitas instituições e empresas os revoltosos foram coagidos rudemente mas, como é evidente, tinham aliados poderosos. O Reitor da Universidade de Pequim foi demitido, e reorganizado o Comité do Partido na cidade.

Tudo isto aconteceu enquanto Mao Tsé-tung esteve ausente da cidade. A única reacção aberta em relação à situação foi tomar um banho no Yang tsé, mostrando que não tinha ainda os pés na sepultura.

Regressou a Pequim no fim de Julho; a 5 de Agosto afixou o seu próprio cartaz, com o título «Bombardear os quartéis-generais» [2]; a 8 de Agosto a Revolução Cultural foi adoptada normalmente como política do Partido. O Comité Central promulgou um guia, que ficou conhecido pelos Dezasseis Pontos [3].

Os rebeldes ganharam coragem; os estudantes, organizados como Guardas Vermelhos, avançaram sobre Pequim e Mao Tsé-tung tomou a sua chefia. O movimento, contudo, fervilhava ainda na base, sem perfeito controlo superior. Os limites fixados nos Dezasseis Pontos, moderados e humanos, foram ultrapassados muitas vezes.

Dos Guardas Vermelhos, o movimento alastrou às empresas industriais. Em todos os escalões havia membros do partido nas mais elevadas posições de cada nível que, por terem conexões de organização com o centro da teia quer por haverem adquirido gosto do poder, estavam prontos a lutar pelas suas posições e pelo aparelho do Partido. Os membros honestos do Partido, dos níveis inferiores, ficaram desorientados. Por um lado, o Comité Central promulgara os Dezasseis Pontos, por

(1) Ver p. 168
(2) Ver p. 88
(3) Ver p. 93

outro, estavam habituados à obediência cega às ordens do Partido, transmitidas a cada um pelo escalão imediatamente superior. Muitos ficaram imobilizados num conflito mental bastante violento. Outros viram a verdade, mais cedo ou mais tarde. Um grupo importante, dos oficiais municipais de Xangai, juntou-se aos rebeldes em Novembro de 1966, como se relata mais adiante (1). Uns poucos deram o seu apoio aos rebeldes desde o início e por isso suportaram a reacção da disciplina do Partido.

Seguiu-se um combate longo e violento entre os Direitistas e os grupos revoltosos das fábricas, que se estendeu à cidade e aos governos provinciais. Houve choques terríveis nalguns locais, onde os Direitistas mobilizaram as massas a seu favor. A certa altura lançaram mão daquilo que, não com muita propriedade, se chamou economismo — pagando bons salários e oferecendo a aprendizagem completamente paga. (O termo deriva da palavra Russa usada por Lenine em *O que se deve fazer?*) Grupos de trabalhadores foram enviados a Pequim para fazer compras, e os objectos de luxo mais apreciados, a roupa de lã e os aparelhos de rádio desapareceram dos armazéns. Os rebeldes venceram este ataque. Os trabalhadores entregaram as mercadorias e devolveram o dinheiro às empresas. As consequências do economismo em Xangai estão descritas no Capítulo 2. O facto de ter surgido de súbito e simultâneamente em todo o país, sugere uma manobra dirigida do centro.

A Revolução Cultural é, por vezes, apresentada como depuração do Partido. É verdade que um certo grupo de dirigentes foi afastado do poder (embora as sanções aplicadas não fossem do estilo Estaliniano), mas o movimento foi conduzido de maneira desconhecida em qualquer outro país. Os componentes de todas as empresas e instituições foram chamados a criticar os quadros com quem trabalhavam. Reeducaram o Par-

(1) Ver p. 61

tido e, ao mesmo tempo, compreenderam que o Partido lhes era necessário.

Nos Dezasseis Pontos existe uma distinção nítida entre duas espécies de opositores da Revolução Cultural — os Direitistas anti-socialistas e os sobreviventes da sociedade burguesa. O ataque concentrou-se nos primeiros — os Direitistas do Partido. No decurso do movimento, a burguesia exterior ao Partido foi arrancada às velhas ideias, cultura, costumes e hábitos, mas esses elementos não foram atacados pessoalmente, a não ser aqueles que cometeram crimes punidos pela lei. Os cientistas e técnicos burgueses foram protegidos. Estes os princípios norteadores da revolução que, na primeira arremetida dos Guardas Vermelhos, nem sempre foram observados; intelectuais burgueses que não cometeram faltas para além do facto de *serem* intelectuais burgueses, foram submetidos a humilhações cruéis. E nem sempre foi observado o princípio de que «Um debate deve ser conduzido pela razão, e não pela coacção ou pela força». No desenrolar do movimento, a influência do Presidente Mao, e de todos aqueles que acatavam a sua direcção, traduziu-se numa oposição firme à violência e à desordem que (como demonstra o exame da revolução em Xangai) nem sempre se fez sentir com completa eficácia.

A maneira de considerar os quadros nos Dezasseis Pontos dá grande relevância à distinção entre o Partido como um todo e o pequeno número de inimigos da Revolução Cultural.

Na terceira secção, os encarregados das organizações do Partido, são divididos num certo número de categorias. Uns desempenham um papel importante na Revolução Cultural, outros temem adoptar uma conduta inequívoca. Outros, que têm consciência de ter enveredado pelo mau caminho receiam ser denunciados. Se fizerem uma auto-crítica honesta podem redimir a sua posição, mas se tentarem encobrir-se, inevitàvelmente cometerão mais erros. Outros ainda, colaboram activamente com os Direitistas. Esta é a descrição aproximada da situação no momento da publicação do documento. Na quinta secção

constata-se que, no termo, menos de cinco por cento dos quadros terão de ser rejeitados.

A oitava secção passa em sumário as quatro categorias de quadros e chama a atenção para a derrota completa do reduzido número de Direitistas anti-Socialistas. O acento tónico é colocado na ilibação da grande maioria.

Embora as vítimas da revolução fossem todas «dirigentes do Partido» não foi permitido atacar o Partido enquanto tal. A primeira e mais frequentemente apontada das citações do pequeno livro vermelho é: «A força principal, que levará a nossa causa à vitória, é o Partido Comunista Chinês». Os indivíduos surpreendidos no mau caminho são convidados a rectificar a sua maneira de pensar. As directrizes dos Dezasseis Pontos limitam o alvo do ataque a «um pequeno punhado» e são até mandados «redimirem-se através do trabalho produtivo». Ao tempo, os ministros desacreditados parece que viviam com residência fixa, mas, nas fábricas, os poucos Direitistas incorrigíveis trabalhavam nos locais onde anteriormente se pavoneavam com um orgulho ofensivo.

A partir de 1 de Outubro de 1967, quando terminou a fase mais turbulenta, colocou-se o acento tónico na «libertação dos quadros», reconciliando os rebeldes com aqueles que de início se lhes opuseram, e no desenvolvimento de um novo tipo de relações entre o povo e o Partido, o que não acontecera ainda noutro país socialista. A concepção que preside a esta política é que, no futuro, quando todas as pessoas assimilarem o Pensamento de Mao Tsé-tung, não permitirão que os dirigentes se afastem dele.

A decisão de empreender a revolução e permitir que o movimento popular tomasse o rumo que quisesse, não implicou tantos riscos como pode parecer à primeira vista, pois o Exército de Libertação Popular esteve sempre a postos, para o caso de os acontecimentos tomarem uma direcção perigosa [1]. Na

[1] Ver p. 68

primeira fase, as tropas intervieram ocasionalmente para separar grupos rivais que chegavam a vias de facto; os soldados estavam desarmados, para que se sujeitassem a tantos riscos como os contestantes. Quando a produção ou os transportes eram paralizados, unidades do exército obrigavam a retomar a actividade e as instalações chave estavam guardadas para evitar sabotagens. Só no fim de Janeiro de 1967 o EPL entrou abertamente em cena, com instruções para apoiar a esquerda.

A intervenção do EPL não se configura como nada do que estamos habituados a entender por apelo ao Exército. Num caso típico, (relatado por um estrangeiro no instituto respectivo) para o local onde a luta entre grupos rivais interferia na produção (pois normalmente a produção continuava e as discussões eram travadas fora das horas de trabalho) enviaram cinco jovens sem armas mas com algumas camas, que promoveram discussões e comícios durante três dias. Algumas vezes a reconciliação conseguida por este processo, quebrava-se após a partida deles e era preciso tentá-la de novo. (Outra das tarefas consistiu em fazer regressar as crianças à escola depois da sua experiência revolucionária para obviar a qualquer deformação, utilizando os homens do exército o esplendor do seu nome e bastante paciência.)

Quando foram afastados os dirigentes Direitistas de uma organização, o problema principal consistia em reconciliar os vários grupos que se formavam no decorrer da luta, cada um deles pretendendo ser o verdadeiro partidário do Presidente Mao.

A 1 de Outubro de 1967, a fase dramática chegou ao seu termo. Foram arrancados os cartazes e não se ouviram mais os desfiles de bombos e gongues. Reconciliação e reconstrução eram a ordem do dia. Isto marca a vitória da revolução na sua fase revolucionária.

Nesta fase foram constituídas Grandes Alianças entre os grpos contendores. Este processo é relatado na descrição da Revolução Cultural em Xangai, no Capítulo 2. As Alianças formaram-se, não só ao nível governamental, como em todas

as empresas e instituições. Muitas vezes foi pedida a intervenção de representantes do EPL para conciliar os grupos.

O estádio seguinte, após a formação de uma Aliança, consistiu em «libertar os quadros», isto é, examinar o comportamento e atitudes de membros do Partido com posições executivas, para verificar quem podia ser aceite como partidário da Revolução Cultural e quem pertencia ao «reduzido punhado» de Direitistas anti-socialistas.

Quando se completou o processo de separação dos quadros em cada empresa e instituição, na fase seguinte os que passaram nos testes, os representantes dos grupos rebeldes e membros do EPL (nos estabelecimentos pequenos, a milícia substituiu o exército), formaram uma tripla combinação que começou a funcionar como organização provisória para supervisionar as actividades da instituição e conduzir a revolução à fase seguinte.

(Foi nesta altura que visitei a China. As várias reportagens do Capítulo 4 estão datadas de Novembro de 1967)

Aconteceram, em todo o país, muitos episódios dramáticos no longo ano de luta, muitas histórias estranhas, muitas inversões e contra-reversões. Muitos acontecimentos são obscuros até para aqueles que os viveram, mas a linha-de-força principal é bastante nítida. O que ocorreu entre Junho de 1966 e Outubro de 1967 foi certamente uma revolução, no sentido de uma inversão abrupta do poder político, provocada por um movimento popular, diferente de um *coup d'état*, uma depuração interna do Partido ou uma eleição geral. Mas consistiu numa agitação popular instigada e conduzida pelo chefe do mesmo regime estabelecido antes e que permaneceu no poder.

GUARDAS VERMELHOS E REBELDES

A característica mais pitoresca e luminosa da Revolução Cultural foi o papel desempenhado pelas crianças da escola e estudantes.

São assim considerados nos Dezasseis Pontos, em Agosto de 1966:

Um grande número de jovens revolucionários, antes ignorados, revelaram-se pioneiros capazes e corajosos. São decididos na acção e inteligentes. Por meio de cartazes e de grandes debates, discutiram, expuseram os seus pontos de vista e criticaram em profundidade, lançaram ataques resolutos aos representantes declarados ou dissimulados da burguesia. Neste movimento revolucionário tão importante, é difìcilmente evitável que evidenciem uma ou outra deficiência, mas a sua orientação revolucionária geral tem sido correcta desde o início. Esta é a principal corrente da grande Revolução Cultural proletária. É a direcção fundamental que continua a orientar a Grande Revolução Cultural Proletária.

Quando o Presidente Mao lhes deu o seu consentimento, o movimento alastrou a todo o país. De uma vez, calcula-se que dois milhões de jovens da província tenham visitado Pequim.

Participaram amplamente nos protestos e discussões efectuados por meio de cartazes e jornais feitos em casa. Foram autorizados a criticar tudo e todos, a todos os níveis, sem barreiras. Desde os ministros aos professores das escolas, trouxeram à baila tudo o que de algum modo podia ser acusado de pensamento burguês ou de atitude reaccionária. Correm histórias acerca de Chen Yi, o Ministro dos Estrangeiros, conhecido pelo seu humor seco. Uma diz que estando sentado num estrado há algum tempo, com um chapéu redículo, a ser criticado, olhou para o relógio e disse: Desculpem-me, tenho que ir ao aeroporto receber o Presidente da Guiné. Ao dizer isto, abriu o livro das citações, e recitou na forma usual «O Presidente Mao ensina que Chen Yi é um bom camarada». Os Guardas Vermelhos gritaram: Tira esse chapéu. Não, disse Chen Yi; vocês enfiaram-no, não o podem tirar. Apararceram até alguns cartazes contra Chou En-Lai, mas é de crer que tenham sido fabricados por um grupo de jovens Direitistas que se infiltraram nos Guardas Vermelhos, ou então um grupo

afectado pelo anarquismo e «manifestando tendências contraditórias» que motivaram críticas aos Guardas Vermelhos (A opinião, de alguns observadores estrangeiros, de que a posição de Chou esteve sèriamente ameaçada parece, contudo, não ter fundamento). Andou muito ocupado todo o tempo, correndo de um ministério a outro, evitando que os assuntos do governo fossem prejudicados pelas escaramuças). A violência não constava no livro de regras, mas explodiu de vez em quando.

Por que razão foi a revolução orientada desta maneira, tão pouco ortodoxa? Em certo sentido, foi conduzida e instigada pelo próprio Presidente Mao, noutro, nasceu espontâneamente e não obedeceu a regras. Em qualquer momento o Presidente podia ter usado o seu enorme prestígio para esmagar a oposição. Qual o motivo que o levou a confiar aos jovens a iniciativa do ataque?

A resposta parece ser que, em primeiro lugar, se tivesse denunciado os Direitistas e tomado com maior firmeza as rédeas do Partido, teria criado a situação que mais lhe interessava evitar — uma luta pessoal pela sucessão, igual às que se seguiram à morte de Lenine e à de Estaline. Queria que a sucessão pertencesse ao povo, isto é, a um Partido que continuasse a servir e não a dominar e a um público que aprendesse a vigiar o Partido, em todos os níveis, pelos sinais de ambição, corrupção e privilégios que surgissem de novo. O slogan «A rebelião justifica-se» que parece estranho na boca do chefe de um governo constituído, torna-se equivalente a: O preço da liberdade dos chefes do Partido é a vigilância permanente.

Em segundo lugar, era impossível saber, olhando de cima, quem eram todos os Direitistas e quais as ramificações em que se apoiavam, ou identificar os seus aliados e simpatizantes entre a antiga burguesia e ex-proprietários. Denunciaram-se pelas reacções ao ataque, e pelo comportamento em relação às críticas ou a factos do seu passado que os estudantes descobriram, e por provas inequívocas, como reservas de armas ou títulos de posse de terras encontrados nas suas casas. (O célebre caso da freira maltratada e expulsa é explicado, na China, pela

alegação de que os Guardas Vermelhos encontraram na cela um transmissor e um maço de notas de dólar). Um procedimento legal nunca conseguiria este objectivo.

Os aspectos melodramáticos e, por vezes, burlescos do movimento dos Guardas Vermelhos desviaram a atenção da sua importância na estratégica política. Apelando para a juventude, Mao dissimulou o conflito interno do Partido e tornou possível, isolando algumas figuras destacadas de cada nível, permitir ao mesmo tempo a salvação e redenção dos seus partidários e aniquilar a oposição sem cindir o Partido. Os Direitistas tinham sido utilizados para auxiliar Mao que, como chefe camponês, estava muito desfasado das exigências políticas de um estado moderno. Talvez perguntem ainda a si próprios o que os atingiu.

Há um outro aspecto do movimento. Apelando para os Guardas Vermelhos, matou dois pássaros com uma só pedra. Falava-se há alguns anos do problema da terceira geração, as crianças afortunadas que nasceram já na Nova China que começavam a pensar na maneira de obter mais do que os seus pais sacrificaram para a construir. Os mais velhos temiam que se espalhasse o cinismo, a ociosidade e o egoísmo antes de a economia estar apta a proporcionar conforto, ainda que modesto, a todo o povo. Havia o perigo de a tentativa de os moldar pela doutrinação permanente redundar na formação de presumidos. Desta maneira, a nova geração foi lançada na revolução e ficou comprometida com ela. Dirigindo as suas organizações sem ajuda de adultos, e mais tarde nas Grandes Marchas, adquiriram em alguns meses mais conhecimentos acerca de política e do seu país que em toda a vida poderiam aprender através dos livros. A formação que a revolução lhes deu não foi menos importante que a sua contribuição política para ela.

Depois de medirem forças, rebentavam escaramuças entre grupos rivais formados no decorrer da rebelião. (Parece que a violência se prolongou em Cantão, embora muitas das «informações de testemunhas oculares» de estrangeiros sejam melhor qualificadas como testemunhos verbais.)

Uma vez mais, surge a pergunta: Que motivo levou Mao a deixar que isto acontecesse? Por que razão o EPL só foi autorizado a aconselhar, em vez de suprimir pela força os recontros? Outra vez o motivo foi deixar as pessoas aprenderem à sua custa. Os rebeldes precisavam de compreender que sem a ajuda do Partido não teriam uma administração estável. Depois de afirmarem o direito de criticar os quadros, deviam descobrir que precisavam da ajuda deles mesmo que não estivessem dispostos a aceitá-la.

O comportamento do chefe de um governo (que o Presidente é de facto e de direito) incitando à rebelião contra a administração, não se encaixa nas noções constitucionais que estamos habituados a utilizar. Foi isto que causou mais mal-entendidos no Ocidente e levou a imprensa a apresentar os acontecimentos sòmente como desintegração e caos. Aos Chineses, que concebem a política em termos de moral, é suficiente dizer que é a Grande Revolução Cultural Proletária, chefiada pelo Presidente Mao. Dado que se trata de um acontecimento sem paralelo, não há categorias pré-concebidas para o classificar. Ao historiador do futuro apresentar-se-á como o primeiro exemplo de um novo tipo de luta de classes — a revolta do novo proletariado, dos trabalhadores da empresa socialista e dos camponeses que passaram a membros da comuna, contra a nova classe incipiente de dirigentes do Partido Comunista.

O PENSAMENTO DE MAO TSÉ-TUNG

Os estrangeiros bem instalados na vida, embora simpatizantes, não podem sentir na sua carne o alcance das palavras do jovem soldado, cheio de saúde e energia, que lhes conta como as irmãzinhas foram vendidas, numa época de fome, para manter viva a família, ou do culto secretário do Partido que lhes confessa que a mãe era pedinte. Podem imaginar, mas não compartilhar o sentimento de gratidão, ao mesmo tempo íntimo e exaltado, que em todos provoca a evocação do nome de Mao Tsé-Tung.

A nova geração que não conheceu a velha China, é impregnada com igual emoção; o mesmo acontecendo com todos os Chineses, à excepção da escassa minoria que se recusa a ser liberta. Existe um elemento de adoração pessoal que seria altamente perigoso se o seu objecto se deixasse afectar por ela. Mas nada difere mais da vaidade e paranoia dos últimos anos de Estaline que o estilo de Mao. O prestígio de Mao é um património nacional e ele usa-o, muito sensatamente, para salvaguardar a unidade em face de conflitos políticos graves; na verdade, é difícil imaginar como poderia ganhar a partida sem esse trunfo. A força principal, contudo, não se encontra no homem mortal mas nos seus escritos imortais.

As *Obras Selectas* oferecem entretenimento aos espíritos subtis, mas as obras escolhidas para mais ampla divulgação, são escritos simples, que tocam o coração e alimentam a resolução dos soldados e camponeses no longo caminho que os conduzirá à Liberdade.

O Pensamento esclarece que devemos servir o povo com todo o coração, sem cálculos de perdas e ganhos; que nos devemos precaver contra os interesses próprios dissimulados. Ensina-nos que podemos resolver os problemas; para solucionar um problema é necessário analisá-lo correctamente; os erros devem ser ponderados a fim de extrair deles as lições convenientes; o fracasso deve ser enfrentado com firme determinação. Devemos discutir os problemas uns com os outros, e aceitar com franqueza a crítica mútua, se o problema nos conduz a caminhos escorregadios, subverte uma organização política ou insinua falsos conceitos no nosso espírito.

A força que move montanhas não brota destes preceitos vulgares, mas da resolução simples e sincera de os aplicar.

Tudo isto parece idealista, se não sentimental, mas tem uma vantagem muito importante. A China tem ainda à sua frente longos anos de trabalho duro e de acumulação antes de consolidar uma posição inatacável como grande nação moderna. Uma moral elevada é muito mais económica que salários de estímulo.

As reivindicações do ideal parecem muito menos extravagantes, num contexto socialista, do que o são para nós. É certo que não é històricamente correcto identificar interesse próprio e capitalismo. Outras formas económicas não são estranhas a ele. Além do mais, um mínimo de interesse próprio é indispensável à vida humana. A ambição e a necessidade de elogio fazem andar uma criança. Da mesma maneira, é verdade que numa sociedade mercantil, todos, e não apenas os grandes exploradores, são pressionados constantemente pela competição que aguça o egoísmo e embota a generosidade. Quando isto se combina com uma religião que prega: «Ama o teu próximo»; e, «Não penses no dia de amanhã», a moralidade pública desenvolve uma tendência perniciosa.

Contudo, os Chineses estavam habilitados pelas suas tradições a encontrar um coerente modo de vida moral. A sua religião nunca foi teológica, antes se baseou na recta conduta neste mundo.

Um jovem inglês que trabalhou na China no período de desagregação social do Koumitang, faz estas observações à geração que aprendeu a conhecer:

> ... uma coisa é certa: a colectivização que no presente estado da sociedade é fonte de perigo na China, mostrará ser também a sua herança mais preciosa e incomparável fonte de energia logo que novas e mais vigorosas formas de pensamento brotem do povo e quebrem as cadeias da burocracia.
>
> ... O instinto do povo Chinês para a democracia é manifestado claramente nas obras do sistema *pao-chia* (1) nos níveis inferiores; pois na prática, os Velhos Cem Nomes (2) dão prova constante do seu bom senso, tolerância e capacidade de coordenação prática.

(1) Uma organização de grupos de dez famílias, através das quais o KMT controla a populaça.

(2) O Chinês na rua.

> Mas a real aspiração da democracia reside nestas característica e não no sistema que, na procura de melhor solução, agora lhes dá expressão. Na pior versão, o sistema *pao-chia* é quase puro fascismo, e podia ter servido de inspiração ao sistema através do qual Hitler introduziu a disciplina do partido nas famílias Germânicas. Na melhor forma e, felizmente, a mais comum, não é mais que a distribuição democrática da responsabilidade das classes — um governo do povo pelo povo. O camponês Chinês aceita-o pela simples razão de ser camponês Chinês, e porque, em virtude da natureza da sociedade em que vive, uma vez que tem a cultura suficiente para compreender como as coisas se passam, *ipso facto* não pertence mais aos Velhos Cem Nomes, mas é um membro, embora humilde, das classes privilegiadas.
>
> A identificação da instrução com privilégio é ainda, após trinta e cinco anos de República e de educação obrigatória, o inimigo n.° 1 da democracia Chinesa. Desviou as atenções da condição essencial de toda a democracia que é — não, seguramente, a existência de governantes sábios e privilegiados, mas a existência de auto-confiança, opiniões formadas e ideias compreendidas pelas pessoas.

Prejudicando-se a si própria pelo povo, a juventude Chinesa, deixando de se preocupar com o facto de trazer sandálias e fatos-macacos, e com manifestar-se, encontrar-se-á a si própria. O patriotismo basear-se-á na realização popular nacional e não na deslocada epiderme ocidentalizada. Os modernos ideais da democracia e da produtividade podem ser fàcilmente introduzidos na China, encadeados na extraordinária aptidão dos camponeses para as formas democráticas de acção — aptidão que se pode pressentir nas tendências obscuras do sistema de *pao-chia*. E sabe que uma nova forma de sentido colectivo não surgirá sùbita-

mente, competindo cada um com o seu vizinho na conquista de uma reputação de esforço social ilimitado (¹).

É precisamente este objectivo que a Revolução Cultural procura atingir.

O EXÉRCITO DO POVO

Uma das questões mais debatidas entre Mao e os Direitistas, retrocedendo no afastamento de Peng Teh-huai do Ministério da Defesa em 1959, foi o carácter que devia revestir o Exército. (Este episódio foi objecto da exposição de Wu Han's, apresentada no Capítulo 2) Os Direitistas defendiam as concepções militares ortodoxas e rejeitavam o ideal de Mao de criar um verdadeiro exército proletário, acusando-o de romântico sonho em pleno dia, inspirado na nostalgia das tradições de Yenan, e impedindo a China de constituir as forças armadas modernas de que precisa. Por influência de Peng, foi adoptado o modelo Soviético e até nos uniformes imitaram os Russos. Lin Piao inverteu o rumo. Numa primeira fase, exigiu-se aos comandantes que servissem, de tempos a tempos, nas fileiras de outras unidades, para se informarem dos pontos de vista dos soldados. Actualmente, o regresso ao antigo estilo Yenan foi levado às últimas consequências; foram abolidas as divisas e as fileiras permanentes; a hierarquia necessária funda-se na eleição dos homens convenientes para as posições de chefia apropriadas. Juntos comem, dormem e estudam o Pensamento de Mao Tsé--Tung. Quando pretendem verdadeiramente aprender, os treinos militares ocupam pouco tempo. Os soldados percorrem as quintas para obter alimentos e ajudam os membros das comunas quando há falta de braços. Mais do que nunca é acalentada

(¹) *Fruition, The story of George Alwin Hogg*, por Rewi Alley. Caxton Press, Christchurch, New Zeland 1967, pp. 107, 133-4 e 145.

a velha tradição de guerrilha, de que o Exército vive no meio do povo como um peixe na água.

Ainda ninguém sugeriu que este modo particular de actuação prejudique a disciplina pois, mesmo os estudiosos menos simpatizantes dos assuntos Chineses, admitem que nenhum outro exército no mundo é mais disciplinado que o EPL. Mas resta-nos desejar que ninguém pense sèriamente experimentá-los como força de combate.

Tal como noutros aspectos da política de Mao, que parecem extravagantemente idealistas, existe uma finalidade prática na concepção do exército popular. Consideremos o recrutamento. As comunas oferecem segurança económica completa, no nível que conseguiu alcançar. Já ninguém ingressa no Exército pela razão tradicional — como refúgio da miséria. O serviço selectivo, quando os jovens escolhidos invejam amargamente aqueles que ficam em casa, não é moralmente conveniente. Em relação à classe dos oficiais, em qualquer país, a atitude é muito diversa. Faz-se sentir que é natural que os oficiais sejam escolhidos entre «os melhores», que não podem levar uma vida dura como a deles. Um exército convencional conserva algo das tradições do feudalismo. Promete-se aos aspirantes a oficiais uma carreira honrosa, posição social e uma auréola de glória. Não faltam candidatos, e por isso o exército convencional pode escolher os mais adequados.

Esta situação não existe na China em relação aos recrutas ordinários. Os jovens da milícia de cada aldeia equipam-se a si próprios àvidamente a fim de se candidatarem à honra de serem escolhidos. Assim a ideia, aparentemente romântica, de um exército sem classes serve um objectivo muito concreto.

O estudo dos escritos de Mao insinua aos soldados a convicção de que qualquer ocupação é igualmente honrosa. O livro das citações é utilizado diàriamente, e o pequeno artigo «Servir o Povo» torna-se fonte de inspiração. Actualmente, os estrangeiros visitam uma unidade do EPL como exemplificação da maneira como é feito o estudo do Pensamento de Mao Tsé-tung. Um recruta contou-nos o seu caso. Ingressou no EPL quando

chegou à faculdade e considerava-se razoàvelmente culto. Esperava ser condutor de tanques ou, pelo menos, aprender a manejar uma espingarda. Mas, com desgosto seu, foi destacado para as pocilgas. Ficou tão envergonhado que evitava encontrar os antigos companheiros de escola e não se atrevia a revelar a sua ocupação à namorada. O assistente político recomendou-lhe a leitura de «Servir o Povo» e discutiu o tema com ele. Compreendeu que não existem ocupações elevadas ou desprezíveis. Passou a amar os porcos e salvou a vida de um que adoeceu, cuidando dele dia e noite. Quando a namorada o visitou, a primeira coisa que lhe perguntou foi o que ele estava a fazer. Com ar solene, disse: O meu trabalho é muito importante e honroso; sirvo o povo cuidando de porcos. Ela sorriu: Porque tens esse ar tão imponente? Porque não dizes simplesmente que trabalhas numa pocilga? Não acredito que tenhas lido «Servir o Povo».

Quando os homens do EPL ajudam os membros das comunas nas colheitas, explicam-lhes e mostram-lhes pelo exemplo como aplicar o Pensamento de Mao Tsé-tung na vida quotidiana.

A ECONOMIA

Como veremos no próximo capítulo, houve momentos em que na confusão da luta contra os Direitistas, nalguns locais, a produção foi interrompida, e depois de os Direitistas serem repelidos, as escaramuças entre grupos rebeldes causaram sérias dificuldades. No conjunto, porém, o trabalho manteve-se de maneira notável. O grande desprendimento de energia, a decisão dos rebeldes em demonstrarem que cumpriam a ordem de Mao de «participar activamente na revolução e promover a produção», a possibilidade de suprimir formalismos burocráticos e reduzir a proporção do pessoal administrativo em relação aos trabalhadores, geraram indíces tão elevados de produção que muitas empresas puseram-se em dia e realizaram a produção programada com dois ou três meses de antecedência. Os peritos em assuntos chineses negarão, é claro, que isto seja possível, mas

perguntem a qualquer dirigente de empresa britânico o que aconteceria à produção se os operários *quisessem* aumentar a produtividade, sem demarcar problemas ou sem receio de excesso, e pudessem trocar ideias livremente com os engenheiros àcerca da maneira de o conseguir.

No campo, longe de reduzir a produção, a Revolução Cultural contribuiu para que a colheita de 1967 fosse «a maior da história da China». Houve uma melhoria nas colheitas a partir de 1962 e em 1967, embora o tempo fosse propício, não há dúvida que os espíritos esclarecidos acrescentaram alguma coisa. (As importações de trigo, que poupam transportes na alimentação das grandes cidades costeiras, são equilibradas pelas exportações de arroz.)

É certo que voltarão as «catástrofes naturais», mas em cada ano é aumentada, pouco a pouco, a área em que a água fica controlada, são constituídas reservas de cereais e aperfeiçoadas as técnicas, diminuindo a antiga dependência do capricho das águas.

Persiste a velha história do colapso das comunas agrícolas a seguir ao Grande Salto. As comunas formaram-se em todo o país, pela junção de quintas cooperativas vizinhas, em 1958, numa onda de entusiasmo. Tiveram um valor inestimável nos três anos de crise que se seguiram, pois constituíam uma rede administrativa que se encarregou de operações de salvamento e do controlo do auxílio às regiões onde as colheitas falharam. Mas foram organizadas à pressa; a necessária preparação psicológica não foi conseguida em todas as zonas, e algumas ideias extremas, como a abolição das leiras privadas e a distribuição da alimentação de acordo com as necessidades e não com o trabalho prestado por cada um, revelaram-se muito avançadas para a época. Durante os anos maus, procedeu-se à reorganização. Abandonaram-se as políticas extremistas. A equipa, pequeno grupo de vinte ou trinta famílias, tornou-se a unidade contabilística na distribuição do rendimento e do controlo de trabalho; organizaram-se feiras locais para encorajar a economia familiar. Isto pode entender-se como uma espécie de Nova Política Económica;

mas Lenine planeou a NPE como expediente temporário para fazer face às dificuldades e que deve ser abandonada logo que sejam superadas. Os Direitistas advogavam a continuação destas medidas e queriam ampliá-las. A recuperação, a partir de 1962, e os frutos do grande esforço de investimento levado a cabo em 1958, começaram a demonstrar que, afinal de contas, o Grande Salto não era um fracasso, mas os Direitistas tiveram relutância em admiti-lo.

A campanha, em 1964, de renovação dos aspectos político, ideológico, económico e de organização da vida e do trabalho nas comunas, foi uma espécie de ensaio geral para a Revolução Cultural; desmascarou a corrupção dos quadros e perigosas intrigas entre os ex-proprietários, e inverteu algumas das medidas tomadas nos anos maus — foram postas de parte as feiras locais, revertendo a venda dos produtos familiares a favor das Cooperativas de Mercado e dos circuitos regulares do Estado. Mas, nalgumas regiões, o movimento foi desviado para outros circuitos (1).

Existe uma brigada célebre em Tachai, no norte de Shansi, que foi apontada à nação como modelo a imitar. Aqui, como acontece muitas vezes, uma cooperativa que obtem êxito transforma-se em comuna. O terreno era o mais difícil que se possa imaginar — montes de pedras e ravinas de loesse. A brigada começou por arranjar terra cultivável pelo laborioso processo de fazer socalcos na encosta do monte e enchê-los de terra. Em 1963, foram atingidos por um dilúvio que destruiu a maior parte da obra e devastou a aldeia. Recusando o auxílio que o Estado lhes atribuíra, reconstruíram quer os socalcos quer a aldeia e aumentaram a superfície ocupada, conseguindo terra suficiente para as suas necessidades e contribuindo para a alimentação da nação.

Os Direitistas da Província consideraram odiosos e desagradáveis os hinos que celebraram estas realizações. Aproveitaram-se da campanha de renovação para contestar os números da produção de cereais apresentados por Tachai, argumentando que haviam diminuído a área da terra e aumentado a produção. Os aldeãos, responderam: Isto é para esclarecer ou para confundir? Mantendo as suas afirmações. Chou En-lai tomou conhecimento do assunto, e declarou que a honra nacional estava em jogo — a questão devia ser esclarecida. Foi enviada uma grande equipa a medir todas as leiras e contar os grãos um a um. A brigada tinha razão.

Actualmente estão a ser postas em prática algumas das concepções que eram prematuras em 1958. Simplificaram o sistema de apreciação do trabalho prestado e têm, todos os anos, um dia de decisão, em vez de se criticarem todas as tardes (outras comunas, seguindo o seu exemplo, passaram a fazê-lo uma vez por mês.) Os terrenos privados foram abolidos depois da inundação. Este outono, os cereais foram distribuídos depois de se perguntar a cada um qual a quantidade que necessitava para o próximo ano; apenas o rendimento em dinheiro obedeceu ao sistema das unidades-trabalho. Embora seja desnecessário dizê-lo, estes empreendimentos ficaram a dever-se à iniciativa pessoal do secretário do Partido, camponês local com espírito de sacrifício. Mas o exemplo pode ser reduzido a um sistema, uma vez que deu bons resultados.

Existe um outro aspeto na história de Tachai. São grandes as diferenças no nível de rendimento por cabeça das diversas comunas por razões de geografia económica. Este facto origina a «renda socialista». Provoca, além disso, um movimento cumulativo. O imposto da terra é insignificante na área de rendimento crescente, pois foi fixado com base no rendimento ao tempo da reforma agrária.

A comuna rica poupa e investe em melhoramentos e na instalação de indústrias de pequena escala, enquanto a pobre mal consegue fornecer alimentos aos seus membros. Seria polìticamente perigoso sobrecarregar a comuna próspera, e económicamente prejudicial desviar investimentos para a comuna sem recursos. O exemplo de Tachai apela para que as comunas pobres

(1) Ver p. 91.

puxem pelos seus atacadores, oferecem recompensas de emulação e orgulho que (uma vez que a alimentação e a habitação estão asseguradas) são preferíveis a tudo o que o dinheiro possa fezer. Este aparente idealismo vai basear-se uma vez mais no sólido senso comum dos Chineses.

O velho slogan socialista «Produção para o consumo, não para lucro» não é tão fácil de executar como pode parecer à primeira vista. Uma empresa socialista, do sector dos bens de consumo, tem um preço de venda, os salários e as matérias-primas têm um custo fixo, e é-lhe confiado o cumprimento ou, melhor, a ultrapassagem de um lucro programado. É impossível ajustar preços com tão delicada margem de variação, assim como dirigir a produção para os circuitos adequados de modo a atender as exigências do consumidor da melhor maneira possível, e as próprias directivas, em termos físicos, são muitas vezes inadequadas. Por outro lado, se a empresa é autorizada a manipular os preços (como acontece nalgumas experiências dos países da Europa socialista), os vícios da economia de mercado — competição monopolística — depressa se manifestam. Na China o sistema de planeamento tem sido, desde o início, mais favorável ao consumidor que em qualquer outra economia socialista; o departamento local do Ministério do Comércio Interno, funciona como agente de vendas por grosso, dando ordens às fábricas de acordo com a procura dos retalhistas, para que o produto seja continuamente adequado às exigências do mercado. (A soberania do consumidor nem sempre tem um efeito óptimo sobre o plano, pois, na China, como em qualquer outro país, o natural bom gosto do camponês sucumbe ao primeiro contacto com os produtos industriais. Apenas as «minorias nacionais» mantêm alguma resistência e insistem nos modelos tradicionais.) Ainda assim, o controlo não pode ser perfeito. A coberto da política favorecida por Liu Chao-ch'i, dominou o critério do lucro, que entrou por vezes em conflito com as necessidades humanas. Por exemplo, numa fábrica de lanifícios, as meias para crianças davam uma margem de lucro mais pequena que

as de maior tamanho, e por este motivo, de acordo com a política de Liu, escassearam nos armazéns.

Segundo os princípios do mercado, a solução correcta para remediar a situação seria aumentar os preços de fabrico dos tamanhos para crianças e subsidiá-los, mas é mais simples para os trabalhadores decidir produzi-los porque são necessários.

Para dar outro exemplo — os armazéns das cidades não têm ainda os recursos necessários, mas as raparigas que trabalham nos mercados de vegetais têm a preocupação de verificar se existem pessoas idosas sòzinhas no distrito que não tenham ninguém que lhes compre as coisas, e levam-lhes as provisões sem aumento de preço. Os armazéns da cooperativa da comuna enviam para as regiões montanhosas do interior, quando os trabalhadores andam muito atarefados nos campos e não podem ir à aldeia. Deste modo, o espírito de vizinhança da vida do campo é transportado para o comércio. O objectivo do socialismo Chinês consiste em utilizar as inovações técnicas da indústria moderna sem a monotonia e desumanização das relações pessoais que a acompanham por toda a parte. Não há razão para discutir *a priori* se isso é possível. Alcançaram já algumas vitórias e não pensam voltar atrás.

AS ARTES

Os admiradores da histórias e da arte Chinesa vão ficar um pouco decepcionados. Entre as citações do pequeno livro vermelho encontramos: «As obras de arte que carecem de qualidade artística não têm qualquer força, por mais progressivas que sejam pòlìticamente. Por isso, combatemos quer as obras de arte que exprimem um ponto de vista político errado quer a tendência para o 'estilo de cartaz e slogan'». Mas, por enquanto, o último ponto não é observado.

No Ocidente, os maiores amantes de arte são em geral descrentes, contudo, são capazes de admirar a Madona ou um Crucifixo, apreciando-o não só pela qualidade técnica mas também com um sentido de comunicação com o artista. Esta espé-

cie de abstracção do conteúdo não é possível para os jovens entusiastas da Revolução Cultural. O conteúdo político é fundamental; a única forma consentida provém de um aviltante realismo socialista importado dos Russos, antes de estes serem repudiados como revisionistas. Sem dúvida, a apreciação da herança Chinesa reviverá quando a mais jovem geração se afastar do passado feudal tão completamente que possa enfrentar sem repulsa as suas obras. Entretanto, os museus estão fechados e os antiquários não funcionam.

Durante a campanha contra os Quatro Velhos — ideias, cultura, costumes e hábitos — surgiu a iconoclastia, na tradição dos Puritanos Ingleses. Parece ter sido reprimida, mas, entretanto, causou alguns prejuízos. Contudo, posso testemunhar que é falso o boato de que o Palácio de Verão fora destruído — o único dano consistiu em serem caiados alguns dos pequenos quadros que, no corredor grande, glorificavam a vida feudal.

NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Os Chineses são acusados algumas vezes de xenofobia, pela qual se quer significar presumìvelmente que têm um sentimento de superioridade (enfraquecido durante o período semi--colonial) igual ao dos Ingleses. No movimento actual, o perigo é antes do contrário. O patriotismo dos Chineses, que está tão profundamente enraizado, está fundido tão completamente com a ideologia socialista que eles não se dão conta da existência de um elemento nacional. Quando os jovens glorificam Mao Tsé-tung como o chefe de todos os povos do mundo, não lhes ocorre que os vizinhos, que têm os seus chefes nacionais, podem julgá-los arrogantes ou fanáticos. Ensinados a distinguir o povo de um país do seu Governo, desconhecem que as diatribes contra o revisionismo Soviético ferem os sentimentos dos *Russos*. Deste modo, arranjam inimigos com a melhor das intenções.

As acusações à Ásia não-Comunista são, a maior parte das vezes, contundentes. A China é acusada de se isolar devido

a uma diplomacia inflexível, a notas redigidas numa linguagem azeda e a comentários fanáticos e mal informados sobre assuntos internos de outros países, na imprensa oficial. É difícil saber até que ponto isto é intencional e em que medida é uma questão de boas maneiras. No período em que estiveram de boas relações com os Russos, apoderaram-se do estilo de controvérsia ofensivo e pesado dos Marxistas Ocidentais. É de esperar que na actual campanha contra o revisionismo isso seja reconhecido e corrigido.

Devemos, contudo, manter um sentido de proporção. Os leitores assíduos dos jornais da Ásia que se indignam com as declarações Chinesas, sabem que a CIA corrompe os seus estudantes e tenta assassinar os seus chefes de estado com uma airosa leveza de espírito. «É verdade, os Americanos divertem--se com isso». Se o testemunho Chinês é razoàvelmente tributado com acções, não com palavras, parece que recebem com bastante calma uma dose elevada de provocação. (O mito da «agressão não provocada» de 1962 é, na verdade, acalentado ainda com alguns círculos na India e no estrangeiro, por razões óbvias.)

Também em relação aos erros diplomáticos dos Guardas Vermelhos, é fácil de compreender que o entusiasmo da juventude, alimentado por uma forte dose de anti-imperialismo e anti-revisionismo, extravasaria inevitàvelmente dos limites do comportamento correcto entre estados soberanos. Episódios como o incêndio da Chancelaria Inglesa em Pequim não constavam, como é evidente, do programa delineado nos Dezasseis Pontos. As autoridades foram colocadas perante um dilema. A etiqueta diplomática correcta exigia que os Guardas Vermelhos fossem reprimidos, ainda que isso significasse a utilização da polícia armada. A condução da Revolução Cultural exigia que eles fossem livres de cometer erros e que não ficassem atrapalhados por contradições da doutrina simples que apontava os imperialistas e revisionistas como representantes de uma coisa maléfica. A solução estava em deixá-los gritar em público, e dar-lhes um correctivo em particular por violação

das ordens restrictas contra a violência contidas nos Dezasseis Pontos.

No que diz respeito à campanha contra o imperialismo, os Chefes Chineses, apelam, com uma ênfase desconhecida, para a revolução mundial, mas insistem também, com uma ênfase desconhecida anteriormente, que cada nação deve libertar-se pelos seus próprios esforços. Declaram, ao mesmo tempo, que se forem atacados «as fronteiras perderão o significado». Quem deseja tornar-se refém dos EUA?

Entretanto, a China prossegue na sua política de se abster de tudo, menos de protestos verbais dissimulando provocações, que se tornam cada vez mais ruidosos. Tem tudo a ganhar na manutenção da confusão. Nenhum regime no mundo necessita tanto de desviar as atenções para o exterior.

Há, é certo, um elemento militar na Revolução Cultural, mas respeita à defesa no sentido literal, não no duplo sentido a que estamos habituados. O EPL, pela sua actividade civil, mantém-se em constante disposição para o combate; treinar uma milícia, construir celeiros de cereais em todas as aldeias, inculcar auto-confiança, para que as unidades locais possam continuar quando o centro se rompe — são preparativos para frustar um ataque no seu território. A bomba-H é uma advertência e não visa atingir essa finalidade.

O complexo militar-industrial dos EUA tem interesse em apresentar a China agressiva para se desculpar; não é fácil tornar plausível a sua pretensão. As autoridades Chinesas estão a construir a economia de um país enorme, pobre ainda mas bem equipado de recursos naturais, e comprometeram-se a consegui-lo sem atalhos, por um processo genuìnamente democrático. A Revolução Cultural torna plausível, mais do que nunca, a acusação de agressividade.

O CAMINHO FUTURO

Afastar e desacreditar os Direitistas e construir novos órgãos do governo, foi a primeira etapa da Revolução Cultural.

Foi a remoção de um obstáculo do caminho socialista que agora é necessário percorrer.

A primeira necessidade, delineada já nos Dezasseis Pontos, (1) consiste em reconstruir o sistema educacional, para estancar a fonte do privilégio de classe e preparar a nova geração a «servir o povo» com conhecimento, competência e entusiasmo político. É exactamente fácil denunciar os erros do antigo estilo dos mandarins; não é tão fácil estabelecer o sistema de selecção, métodos de ensino, programas e testes de qualificação que se ajustem à nova sociedade. Tudo isto se encontra em gestação, com professores e alunos experimentando em conjunto.

Simultâneamente, as novas relações, a todos os níveis, entre o Partido e o povo têm de ser aceites por ambas as partes, consolidadas e formalizadas.

O eterno conflito entre a necessidade de organização e as exigências da democracia não pode ser solucionado de uma vez. É preciso para desenvolver um moderno estado industrial, especialmente debaixo da ameaça de um inimigo poderoso, planeamento, coordenação e um comando unificado. Não se pode dispensar um governo hierarquizado que funcione na base de um aparelho burocrático. Contudo, muitos dos dirigentes podem dedicar-se a princípios revolucionários, a autoridade apega-se ao poder e os burocratas tornam-se «burocratas». A Revolução Cultural desviou violentamente a balança da organização para a espontaneidade popular; como fazê-la regressar radualmente à posição inicial?

A concepção que está na base da Revolução Cultural é que a reconciliação da democracia com a ordem pode ser conseguida imbuindo toda a nação com a ideologia expressa na frase «servir o povo». Uma ideologia é necessária a qualquer administração. É impossível abranger todos os pormenores num

(1) Ver p. 104

livro de regras. Deve haver uma atitude reconhecida que esclareça qualquer pessoa sobre a maneira conveniente de resolver os casos individuais. A ênfase excessiva do Pensamento de Mao Tsé-tung, na educação, propaganda, diversões e arte visa desenvolver uma atitude de espírito e hábito de trabalho que servirá de motor de propulsão de todas as realizações da Revolução Cultural e não a deixará perder o ritmo. (Contudo, o próprio Mao é realista, e tem o cuidado de salientar que pode ser necessária outra Revolução Cultural daqui a quinze ou vinte anos.)

No inverno de 1967, o movimento voltou-se para o interior; a orientação era: «Devemos combater os interesses próprios e extirpar o revisionismo dos nossos espíritos».

Nenhuma das grandes religiões conseguiu criar uma sociedade satisfatória. O objectivo do Pensamento de Mao Tsé-tung consiste em criar uma situação em que as exigências do ideal não estejam em desacordo com as necessidades da vida quotidiana.

CAPÍTULO II

A REVOLUÇÃO CULTURAL VISTA DE XANGAI

As considerações que se seguem foram-me facultadas em Novembro de 1967 por um membro do comité que então constituía o «órgão temporário do poder» no controlo da municipalidade de Xangai. (As reflexões e comentários da minha autoria estão entre parentesis. Suprimi algumas das frases-padrão, como «o dirigente máximo do Partido que segue a via capitalista», e «a Grande Revolução Cultural Proletária». Os títulos são da minha responsabilidade.)

INTRODUÇÃO

Toda a luta política é uma luta pelo poder. Houve três eventos fundamentais no caminho para a revolução socialista. O primeiro foi a Comuna de Paris. Falhou, mas com ela o proletário ganhou uma experiência valiosa. A Revolução de Outubro foi a primeira revolução proletária vitoriosa. A Revolução Cultural é o primeiro exemplo de uma revolução que tem lugar numa ditadura do proletariado já estabelecida. Por que razão foi necessário desencadear outra revolução após a tomada do poder, e que motivou o Partido Comunista Chinês e o proletariado Chinês a promover tal revolução? A explica-

ção encontra-se na lei objectiva da luta de classes. Toda a revolução deve ser consolidada algum tempo após a vitória inicial. Os inimigos da classe não se conformarão com o seu destino. Desapossada, a burguesia luta pela restauração.

(Deve observar-se que o Partido Comunista patrocinou o início da Revolução Cultural e o inimigo foi identificado com a antiga burguesia. Mas, simultâneamente, constata-se que a revolução visava essencialmente a tomada do poder aos «dirigentes do Partido que seguem a via capitalista». Neste aspecto, nota-se uma certa tendência para dar à propaganda uma coloração que protegerá o Partido e o poupará de se expôr à desonestidade, mas que deriva fundamentalmente, julgo, do modo Chinês de pensar mais em categorias morais que em categorias legais. Os proletários não são só os trabalhadores, mas todos aqueles que têm um ponto de vista proletário — ex-pobres, ex-pequenos e médios camponeses das comunas, e todos os bons e leais partidários do Pensamento de Mao Tsé-tung, qualquer que seja o seu estado social originário. A burguesia integra elementos feudais, ex-proprietários e funcionários que regressaram ao mau caminho, antigos literatos e ex-capitalistas.)

A revolução burguesa deixa intacta a propriedade. A revolução proletária apodera-se da propriedade. A classe detentora da propriedade tenta uma restauração. A história revela que frequentemente uma revolução tem sido seguida de uma restauração. Na União Soviética a contra-revolução foi vencida e a propriedade privada transferida para o Estado, mas falharam ao fazer uma Revolução Cultural. A ideologia burguesa não foi remodelada e corrompeu o poder proletário. Em 1956, Khrushchev realizou uma espécie de restauração do capitalismo. Uma vez mais, a História é colorida pela experiência Chinesa. O crime fundamental de Khruschchev foi no domínio da política internacional. Toda a responsabilidade pelo revisionismo lhe caiu em cima. Não se desenvolveu a ideia de que Estaline tornou inevitável a política de Khrushchev.)

A triste lição do revisionismo na União Soviética adverte-nos que não é suficiente a abolição da propriedade privada; a revolução deve alargar-se à superestrutura do sistema económico. Também na China, após a vitória da revolução em 1949, persistiu a luta de classes e as forças reaccionárias tentaram a restauração.

Nos dezoito anos que se seguiram à Libertação, a burguesia desencadeou três ataques principais.

Em 1951-2, utilizaram o poder económico que dominavam ainda, na tentativa de desviar a ditadura do proletariado. (Neste contexto, burguesia tem o significado normal de antiga classe de capitalistas e funcionários desapossados.) O Partido Comunista defendeu a revolução contra-atacando com as campanhas dos Três Pecados e dos Cinco Pecados (1).

Em 1957, os Direitistas lançaram um ataque nos campos político e ideológico. Serviram-se de algum poder político que lhes fora deixado (e do prestígio dos intelectuais, insubstituíveis ainda na administração e no ensino). O movimento anti-Direitista de 1957 foi reacção a este ataque.

Nos três piores anos da crise nas colheitas e da retirada do auxílio Soviético, 1959, 1960 e 1961, a burguesia lançou um grande ataque, sem precedentes. (Desta vez, dirigentes do Partido tiveram maior responsabilidade que a antiga burguesia.) O ataque centrou-se no campo ideológico. Utilizaram a rádio e a imprensa na propaganda da restauração. (Aqui, restauração significa revisionismo segundo o modelo de Khrushchev — uso de incentivos económicos, encorajamento do comércio privado e assim por diante.) Propuseram ideias políticas tendentes à restauração do capitalismo e muitos dos seus esquemas

(1) Os Três Pecados (san fan) eram vícios dos funcionários governamentais — corrupção, dissipação e burocracia. Os Cinco Pecados (wu fan) eram vícios dos homens de negócios capitalistas que, na altura, ainda não tinham sido absorvidos pelo sistema socialista — suborno do pessoal governativo, evasão fiscal, roubo de propriedades do estado, fraude nos contratos com o governo e desvio de informações económicas.

foram, total ou parcialmente, postos em prática. Atingiu o auge, neste período, a influência de certos dirigentes do Partido que defendiam a via capitalista. Usurparam o poder em algumas empresas. Esta a razão que tornou necessária a Revolução Cultural. Trata-se de uma luta pelo poder político, isto é, tomada do poder a esses dirigentes do Partido. A proclamação do Presidente Mao: A revolta justifica-se, significa, neste caso, arrebatar o poder ao dirigente máximo do Partido.

O marxismo ensina que o proletariado deve tomar o poder ao estado burguês. É a primeira fase do estabelecimento do socialismo. Conduzida por Lenine e Estaline, a revolução proletária venceu a burguesia. Foi a segunda fase. Sob a chefia de Mao Tsé-tung, executou-se a revolução numa sociedade semi-feudal e semi-colonial. A terceira fase é a Revolução Cultural na vigência da ditadura do proletariado, visando a sua consolidação. A necessidade da tomada do poder, não abrange o conjunto da sociedade, limita-se a certos domínios e regiões. A revolução proletária inverte a restauração nas zonas onde o dirigente máximo do Partido usurpou o poder. Trata-se de uma inovação, sem precedentes históricos.

Xangai foi o foco da Revolução Cultural, onde a luta atingiu proporções dramáticas. As forças de ambos os lados eram poderosas. O conflito de classes não terminou com a Libertação. Por um lado, existia um numeroso operariado industrial, dotado de elevada consciência política. A administração foi confiada ao Presidente do Município, Ko Chin-sze, verdadeiro proletário e autêntico partidário de Mao-Tsé-tung. Por outro lado, os antigos burgueses e os capitalistas nacionais autorizados a trabalhar com o regime revolucionário eram numerosos e a sua experiência na direcção da indústria conferia-lhes poder e influência. Os elementos do Partido que seguiam a via capitalista estavam bem intrincheirados. Chao Ti-chu, que substituiu Ko como presidente do município após a sua morte em Abril de 1965, e Chen Pei-shein, que passou então de segundo a primeiro secretário do Comité do Partido na cidade, revelaram-se adversários poderosos e destemidos da

orientação política do Presidente Mao. A Revolução Cultural foi, em Xangai, a grande batalha final entre estas forças opostas. O combate desenrolou-se em três fases.

DISCUSSÕES NO CAMPO CULTURAL

Como observou o Presidente Mao, um movimento político deve começar pela formação da opinião pública. Esta regra aplica-se quer aos contra-revolucionários quer ao proletariado. Em 1963, a ideologia burguesa foi alvo de ataque a propósito da transformação da ópera de Pequim, na qual Chiang Ching (esposa do Presidente) desempenhou um papel imprtante. (As novas óperas narram histórias colhidas no período das lutas prolongadas e numerosas que preparam a Libertação, e temas contemporâneos como a Guerra da Coreia. Abandonando a subtileza e refinamento de uma arte palaciana descrevem, com traços simples e incisivos, heróis e patifes. São extremamente populares, e transmitem aos espectadores um apelo poderoso. A ópera antiga falava de imperadores, mandarins, belezas da corte e histórias de magia. O povo era considerado, em geral, como cómico de baixa estirpe. Aureolou o feudalismo com as suas técnicas de fascínio e trajes esplendorosos. A nova geração não simpatizava com isto e a velha arte definhava, devido à falta de público.) A antiga ópera servia a propaganda da restauração do capitalismo. O simples facto de ser usada pela burguesia na luta política motivou a sua destruição.

A luta foi dura. Depois de uma das novas óperas — *A aldeia à beira do Lago* — subir à cena em Pequim, Peng Chen, o Presidente do Município, dispersou a companhia com o fim de evitar a apresentação noutros pontos do país. Chiang Ching foi a Xangai para aí conseguir algumas representações. Chao e Chen tentaram boicotá-las. Quando eram convidados para os espectáculos, recusavam-se a fazer comentários, dizendo que não eram peritos e não tinham opinião formada. Encorajaram a encenação de óperas antigas e evitaram a representação em público das novas. Quando não podiam evitar a assistência a

um espectáculo particular, expressavam opiniões como estas: Isto não é carne nem peixe. — Tem tanto sabor como a água — Não passa de uma peça ordinária com algumas canções. Chiang Ching replicava no mesmo tom: As óperas são enredos dramáticos com canções — As lágrimas e o vinho têm água — e assim por diante. (O que se segue é um exemplo do conflito entre padrões teatrais e a necessidade de simplificação tendo em vista um público não adulterado. Na *Tomada do Reduto dos Bandidos*, um soldado do Exército Popular de Libertação disfarça-se de bandido, junta-se ao bando e abre a fortaleza ao ataque do EPL. Embora pressupondo que ilude os bandido, o disfarce diferencia-o nìtidamente como herói.) A crítica reclamou que o herói da *Tomada do Reduto dos Bandidos* fosse convenientemente disfarçado de bandido. Sustentaram um insidioso combate às novas óperas (que, apesar de tudo, gozavam de grande favor do público.)

A luta no campo cultural continuou e ganhou maiores dimensões. Em 1965, o Presidente exigiu o repúdio de Wu Han, Vice-Presidente do Município de Pequim, que publicara artigos contendo ataques velados às orientações de Mao Tsé-tung. A sua peça *Hai Jui Demitido* (na forma de um episódio da história da Dinastia Ming, envolvendo a demissão de um «funcionário honrado») reabilitava o Ministro da Defesa, Peng Teh-huai, afastado em 1959. (Era adepto da aliança Russa e, presumìvelmente tinha relações com a facção anti-Mao do Comité Central. Assegurar a lealdade do EPL ao Presidente era uma pre-condição essencial ao lançamento da Revolução Cultural. A nomeação de Lin Piao para Ministro da Defesa, em Setembro de 1959, foi um passo importante.) Chiang Ching (a esposa do Presidente procurou arranjar artigos contra Wu Han. Mas este tinha a protecção de Peng Chen, Presidente do Município de Pequim (membro do Departamento Político do secretariado do Partido) e, por isso, os escritores temiam opor-se-lhe. Falhando em Pequim, Chiang Ching dirigiu-se a Xangai e aí encontrou voluntários para a tarefa, Chan Chun-chao e Yao Wen-yuan. Demonstraram uma coragem considerável,

pois não era de excluir o risco de assassinato. O artigo de crítica à peça de Wu Han foi escrito em segredo. Mas, Peng Chen (Presidente do Município de Pequim) teve conhecimento do que se passava e pediu para o ver. O seu expediente consistiu em aceitar o artigo, substituindo o quarto parágrafo, que lhe era desfavorável. Este parágrafo continha toda a acusação — que Wu Han atacava dissimuladamente o Presidente Mao. Chiang Ching recusou-se a permitir a alteração. Peng Chen não permitiu que fosse publicado em Pequim. Por fim, apareceu em Xangai, em Novembro de 1965, sendo autor Yao Wen-yuan.

Este facto levantou o pano da Revolução Cultural. Peng Chen ficou alarmado. A sua primeira reacção foi lançar mão da linha dura. Convocou Chang Chun-chao e perguntou-lhe: Onde está o teu espírito partidário? Simultâneamente, tentou a linha moderada. Numa circular acerca do problema da cultura Socialista, distribuída a 6 de Fevereiro de 1966, procurou reduzir o problema a uma questão meramente académica, versando a maneira de encarar as figuras históricas e a natureza da moralidade na época feudal. Tentou privar a questão de relevância na política actual e transformá-la numa discussão histórica. Este documento foi escrito sem conhecimento do Presidente, e Liu Shao-ch'i usou a sua autoridade para fazer dele um documento oficial do Comité Central. A decisão de o publicar foi tomada em casa de Liu Shao-ch'i. O Secretário do Partido e o Presidente do Município de Xangai, Chen e Chao, consideraram-no bastante valioso. Os jornais de Xangai receberam ordens para tratarem o assunto como discussão académica.

Chang Chun-chao foi a Pequim e fez notar ao Comité Central que a circular de 6 de Fevereiro era errónea e revelava uma orientação incorrecta. Chan e Yao ignoraram as suas directrizes e escreveram artigos a continuar em termos políticos a crítica de «Hai Jui». Estes começaram a despertar a classe trabalhadora. O movimento de crítica criou raízes e tornou-se nítido que Wu Han tinha o apoio poderoso do Presidente do

Município de Pequim. Em Abril de 1966, o presidente do Município experimentou um novo lance — sacrificar um cavalo para salvar a raínha. Sacrificou o seu subordinado Teng To (editor do *Diário de Pequim* e outros jornais), argumentando que este fora o sustentáculo principal de Wu Han, afastando assim a fogueira de si próprio. Em Maio, Yao Wen-yuan (autor do artigo de Novembro) publicou um resumo da série de histórias «Três Famílias da Aldeia», demonstrando que Teng To e os seus sequazes as tinham utilizado para lançar ataques mal disfarçados a Mao Tsé-tung, e que o próprio Teng To contava com um apoio poderoso — alusão a Peng Chen. Em Xangai, Chen e Chao procuraram suprimir o artigo de Yao e não o deixaram radiodifundir. Depressa mudaram de táctica e fingiram concordar que o repúdio da orientação errada devia continuar, tentando chamar a si o controlo e tirar proveito disso. Sustentaram que a crítica de «Três Famílias da Aldeia» devia ser feita pelo Comité do Partido, e não por Yao na imprensa.

Em Abril de 1965, morrera o estimado Presidente do Município de Xangai, Ko Chin-sze (que estivera impossibilitado pela doença durante algum tempo) e Chao ascendeu a Presidente do Município; Chen Pei-shien ocupou o seu lugar de Primeiro Secretário do Comité do Partido. Tinham nas mãos o Governo de Xangai. Tentaram apropriar-se do êxito e da popularidade do velho Presidente, mas denunciaram-se em certa medida pelos seus actos, e as massas começavam a ser mobilizadas contra eles.

Isto marcou o termo da primeira fase da Revolução Cultural. A partir daqui a luta atingiu a organização do Partido.

COMEÇA A LUTA

A segunda fase da Revolução Cultural, a luta activa, pode dividir-se em três partes.

A 16 de Maio o Comité Central emitiu uma circular a repudiar as considerações de Peng Chen de 6 de Fevereiro [1]. A circular foi esboçada e aprovada pelo próprio Presidente Mao. Refere-se a «esses, iguais a Khrushchev, que se aninham atrás de nós». Nesta fase, os membros do Partido em geral consideram que a expressão visava Peng Chen, Presidente do Município de Pequim, e que não apontava para alguém mais destacado; na realidade, visava o dirigente máximo do Partido, Liu Chao-ch'i, chefe dos revisionistas. A circular de 16 de Maio chamou a atenção de muitos funcionários para o que estava a acontecer, e o conflito generalizou-se. O famoso cartaz contra Lu Ping, Reitor da Universidade de Pequim, apareceu a 2 de Junho de 1966. Mao Tsé-tung deixara Pequim (ostensivamente) para uma das habituais viagens de inspecção. O seu comentário foi que aquele era o primeiro cartaz Marxista-Leninista, pois levantou a questão da tomada do poder numa organização. O seu espírito era o mesmo da Comuna de Paris. Deu instruções para a sua publicação na imprensa. Foi radiodifundido para todo o país. Estava aberto o Grande Debate. Nas ruas de Xangai apareceram cinco ou seis mil cartazes.

Os revisionistas ficaram profundamente alarmados. Liu Shao Ch'i (Presidente) e Teng Hsiao-ping (Primeiro Secretário do Partido, usualmente referido como «o outro elemento destacado do Partido que segue a via capitalista») tentaram mil maneiras de se esquivarem e contra-atacarem. Enquanto Mao esteve fora de Pequim, eles detinham o poder. Decretaram que os cartazes distinguissem os assuntos intra-Partido e extra-Partido, e que os assuntos do Partido não deviam ser discutidos em público. Isto escamotearia o debate, pois se a Revolução Cultural não pudesse denunciar os dirigentes do Partido, não teria eficácia. Enviaram grupos de trabalho para as instituições onde havia revoltosos e utilizaram os Comités do Partido nas universidades para refreá-los. Utilizaram em todo

(1) Ver p. 73

o país, a autoridade dos Comités do Partido para suprimir o movimento de rebelião. Aproveitaram os mais pequenos erros dos revoltosos para os acusarem de anti-Partido, anti-Socialistas e assim por diante. Argumentavam que quem se opusesse ao chefe de um grupo de trabalho, opunha-se ao Partido, e se se opunha ao Partido, opunha-se ao Presidente Mao. Os revoltosos foram estigmatizados como contra-revolucionários.

Também em Xangai, Chao e Chen, com toda a autoridade que os cargos lhes conferiam, se batiam pela orientação reaccionária. Sustentavam que a orientação do Comité do Partido de Xangai não podia ser incorrecta e que devia ser acatada. Dispunham de dois recursos. Em primeiro lugar, podiam recorrer ao capital de boa-vontade devido ao progresso conseguido pelo velho Presidente do Município, e que haviam creditado a seu favor; em segundo lugar, podiam insinuar que a eles se devia o início da Revolução Cultural em Xangai e, portanto, eram eles os verdadeiros partidários da orientação do Presidente Mao. Afirmavam que o Comité Municipal do Partido era a base do Comité Central e que a oposição a eles equivalia à oposição ao próprio Presidente. Procuravam voltar a ponta da lança da revolta contra as massas; os que cometiam o erro mais pequeno eram tratados como inimigos principais.

Os pontos fracos dos revoltosos eram voltados contra eles. Não estavam completamente esclarecidos na sua visão das questões económicas e morais; isto permitiu aos revisionistas lançarem a confusão nos espíritos menos avisados. Em algumas empresas, 50 por cento dos trabalhadores apoiaram os chefes do Partido, e noutras atingiram os 80 por cento. A luta atiçou-se em Junho e Julho. Assim terminou a primeira parte da segunda fase da Revolução Cultural.

INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE MAO

No fim de Julho o Presidente Mao regressou a Pequim. Constatou que a Revolução Cultural fora parcialmente abafada. Era nítido que Liu Chao-ch'i escolhera a linha reaccionária

burguesa. (O que não surpreendeu o Presidente) As massas eram atacadas, e Liu contava com o Partido para lutar pela sua causa. Atacavam a maioria para proteger a minoria.

O Presidente convocou imediatamente uma reunião do Comité Central. A Décima Primeira Sessão Plenária do Oitavo Comité do Partido promulgou, a 8 de Agosto, a sua «Decisão Acerca da Grande Revolução Cultural Proletária», vulgarmente conhecida pela designação de Dezasseis Pontos (1). (Não transpirou ainda qualquer pormenor sobre a maneira como Liu se comportou nesta reunião).

Mao Tsé-tung afixou o seu próprio cartaz «Bombardear os Quartéis Generais (2). Sem citar nomes, esclareceu que Liu era o chefe dos reaccionários. A linha de acção de Mao Tsé-tung consistiu em confiar nas massas, respeitar a sua iniciativa e aceitar, sem receio, o risco de distúrbios.

Os debates e a revolta propagaram-se de novo. A chama, que fora quase esmagada, reacendeu-se.

A 18 de Agosto, perante um agrupamento de Guardas Vermelhos, Mao Tsé-tung colocou também uma braçadeira vermelha. O movimento estendeu-se a todo o país. Os Guardas Vermelhos atacaram por toda a parte os Quatro Velhos—ideias, cultura, costumes e hábitos.

O Presidente Mao referira na reunião do Comité Central que algumas das pessoas no poder se recusariam a por em prática os Dezasseis Pontos. O Ministro e Vice-Ministro da Propaganda haviam sido demitidos em Junho. Tao Chu, nomeado para os substituir, definiu-se em oposição aos ultras da esquerda. Mostrou-se não menos reaccionário que aqueles que tinham sido afastados, facto que durante algum tempo causou grande confusão. Liu e Teng foram obrigados a ficar de fora, mas Tao continuou até à sua demissão, no começo de Janeiro de 1967.

---

(1) Ver p. 87
(2) Ver p. 82

Em Xangai, Chao e outros mantiveram as ligações com ele e continuaram a luta pela orientação reaccionária burguesa. Chao assistiu ao Décimo Primeiro Plenário. Quando regressou a Xangai e noticiou a reunião, teceu breves considerações sobre as actividades com a duração apenas de meia hora, mencionando a data, o tempo de duração e a lista de oradores, sem se referir aos assuntos discutidos. Ajudado por Chen, procurou suprimir o cartaz de Mao «Bombardear os Quartéis-Generais». O conteúdo deste só foi conhecido em Xangai quando, no fim de Agosto, os Guardas Vermelhos de Pequim o levaram. Lançaram o boato de que se tratava de uma falsificação. Muitos trabalhadores e funcionários acreditaram.

Isto fez com que os Guardas Vermelhos compreendessem que algo muito grave se passava com o Comité do Partido em Xangai. Começaram a «bombardear os quartéis-generais». Muitos dos trabalhadores e estudantes iludidos pelos reaccionários dispuseram-se a defender o Comité Municipal do Partido. Nos departamentos do Comité do Partido, dia e noite, juntavam-se multidões em debates e discussões. Chao e Chen, o Presidente do Município e o Primeiro Secretário, secundados pelos seus sequazes do funcionalismo, acusaram os estudantes de Pequim de má ascendência, de serem filhos de proprietários, e de serem os verdadeiros reaccionários. Apoiaram-se nos trabalhadores para combater os Guardas Vermelhos. Mas assim foram longe de mais — um número cada vez maior de trabalhadores compreendia que algo estava errado e punha-se ao lado dos estudantes.

No fim de Agosto, formou-se em Xangai um grupo de estudantes revolucionários. Na história da China, os estudantes ocuparam sempre a vanguarda da revolução. A luta espalhou-se de Agosto a Outubro. Mas os dirigentes do Partido em Xangai mantiveram obstinadamente a linha reaccionária.

CONTINUAÇÃO DA LUTA

Uma reunião do Comité Central, em Outubro, convocada pelo Presidente Mao, marcou o fim da segunda parte da segunda fase da Revolução Cultural. Nesta reunião foram proferidos importantes discursos por Lin Piao (Vice-Presidente e Ministro da Defesa, apontado à opinião popular como o colaborador mais directo de Mao e o seu herdeiro presumido) e por Chen Po-ta (editor do jornal do Partido *Bandeira Vermelha).* Lin Piao fez um apelo à luta contra a orientação burguesa e ao apoio aos revoltosos. Liu e Teng apresentaram a sua auto-crítica, mas esta não foi aceite com o pretexto de não ser sincera. Os discursos de Lin Piao e Chen Po-ta foram distribuídos aos Guardas Vermelhos, para frustar o boicote que se verificava há algum tempo. Mais uma vez, Chao e Chen tentaram suprimir os discuros em Xangai, que por fim chegaram ao conhecimento das massas.

A luta tornou-se ainda mais acesa em Dezembro. Depois da reunião do Comité Central, as massas compreenderam que tinham sido ludibriadas. No começo de Novembro, constituiu-se um Quartel-General para coordenar os vários grupos revoltosos. O operariado industrial é a força principal de um movimento revolucionário. Assim que os trabalhadores despertaram, a situação transformou-se ràpidamente. Os reaccionários ficaram profundamente alarmados. Pregaram aos trabalhadores que não deviam desperdiçar tempo com a política. Citavam a ordem de Mao constante dos Dezasseis Pontos: *promover a produção,* mas deixavam de fora a primeira parte: *empenhar-se na revolução.* O Comité Municipal do Partido nada tinha a fazer com o Quartel-General dos trabalhadores rebeldes. Nunca o reconheceria, e muito menos o apoiaria.

O Comité Central enviou a Xangai Chang Chun-chao, que apoiara a Revolução Cultural desde o início, com a missão de solucionar a questão das relações entre o Quartel-General dos trabalhadores e o Comité do Partido. Pediu a Chen e Chao que convocassem uma reunião; estes conseguiram neutralizá-lo, de modo que os resultados foram quase nulos. Entretanto, os revoltosos ganharam força. No princípio de Novembro, o Quartel-General rebelde agrupava menos de 10.000 membros, mas no

fim do mês tinha 500 000. O equilíbrio de forças alterou-se profundamente. Consequentemente, os funcionários da municipalidade encorajavam-se a desafiar a direcção do Partido e a juntarem-se aos trabalhadores. Nesta altura, os funcionários de muitos departamentos municipais decidiram-se pelos revoltosos. Foi uma explosão na rectaguarda do inimigo. (O meu informador pertenceu a este grupo. A reunião de Outubro do Comité Central abriu-lhe os olhos.) Os funcionários tiveram um papel especial na revolução, que os trabalhadores não podiam desempenhar. Os estudantes estavam na vanguarda, mas não conheciam por dentro o Comité Municipal do Partido; os trabalhadores sabiam alguma coisa do Comité do Partido e podiam desmistificar a opinião pública, mas só os funcionários da municipalidade conheciam em pormenor o que se passava e tinham experiência dos problemas de organização. A adesão dos funcionários municipais à revolução provocou uma mudança total na opinião pública. O exército revolucionário tripartido, de estudantes, trabalhadores e funcionários era potencialmente uma força importante. Se se unissem, venceriam a oposição de um punhado de reaccionários.

Assim acabou a segunda parte da segunda fase da Revolução Cultural.

DESESPERO DOS DIREITISTAS

O Presidente do Município e o Primeiro Secretário não se deram por vencidos. Encorajaram o grupo de trabalhadores que haviam mistificado a constituírem uma organização conservadora com o título de Destacamento da Milícia Vermelha (Òbviamente, nenhum se integraria conscientemente numa organização reaccionária.) Em Dezembro, por instigação de Chao e Chen, estalaram incidentes violentos. Simultâneamente, recorreram a métodos mais astuciosos. Desencadearam a influência nefasta do «economismo». Fazendo crer que a revolta se

devia exclusivamente às injustiças cometidas em relação aos trabalhadores, mostraram-se extremamente simpáticos. Aumentaram os salários, inventaram pagamentos em atraso, ofereceram ordenados completos aos aprendizes. Isto originou novos conflitos entre os trabalhadores jovens e a velha guarda. Qualquer pessoa recebia tudo o que pedisse. Alguns trabalhadores, pertencentes a escalões mais elevados, pediram pagamentos com dez anos de atraso. Alguns embolsaram dois ou três mil yuan (o ordenado normal é de 60 yuan por mês). Os reaccionários favoreceram a deslocação de grupos de trabalhadores a Pequim, para se associarem à revolução. Desta vez citavam a ordem de Mao «empenhar-se na revolução» e esqueciam «promover a produção». Ofereceram descontos na viagem de comboio. O seu slogan era agora «dedicar-se inteiramente à política e não se preocupar com o sistema económico». Os trabalhadores viajaram, fazendo compras e provocando escassez no mercado.

Algumas fábricas pararam completamente. (O célebre Cais N.º 5, que teve um papel dramático na revolução, foi cenário de alguns episódios pitorescos. Estava ancorado um navio da Alemanha Oriental. Devia ser descarregado com quatro guindastes, mas tinham ido viajar tantos estivadores que os que ficaram só puderam trabalhar com dois. Estavam, por isso, a cumprir mal o combinado e o capitão caluniava-os, dizendo que a Revolução Cultural não passava de uma greve e insultando Mao Tsé-tung. Quando os estivadores souberam disto, juntaram homens suficientes para dar um avanço ao trabalho e fizeram em dois dias o trabalho de quatro, quatro horas antes do prometido. Quando o navio se preparava para largar, os estivadores gritaram: Não podem dizer mal da Revolução Cultural. O capitão respondeu em Inglês: Sim, os trabalhadores Chineses são venturosos com a chefia do Presidente Mao.

Um estivador comprou um relógio com o dinheiro que arranjou por meio do «economismo» e mostrou-o orgulhosamente ao pai. Este, também estivador, contou-lhe que nos velhos tempos, numa greve em que participara, o chefe de um grupo

de trinta homens se vendera ao empresário capitalista, sendo presos e despedidos muitos dos trabalhadores. O rapaz compreendeu que o relógio era uma algema no seu pulso. Correu à loja a entregá-lo, e lançou o dinheiro aos pés do homem que lho dera.)

Para lançar maior confusão, os reaccionários foram a algumas comunas para onde, durante os anos de crise, haviam sido reenviados os trabalhadores agrícolas, e disseram-lhes que tinham sido enganados e que podiam voltar à cidade, provocando assim falta de trabalhadores na comuna. Por fim, incitaram o Destacamento de Milícia Vermelha a cortar o abastecimento de electricidade, de água e os transportes à cidade, tornando caótica a situação, com vista a fazer pressão sobre o Comité Central, argumentando: vejam os resultados da vossa preciosa Revolução Cultura.

Dos finais de Dezembro ao começo de Janeiro, a situação foi delicada. O porto, com uma capacidade de descarga de 80.000 toneladas por dia, não movimentou mais de 30.000 no fim de Dezembro. Os navios estrangeiros ficaram ancorados no rio. Os comboios estavam imobilizados nas linhas. (No auge do «economismo», alguns trabalhadores apoderaram-se de um comboio e dirigiram-se a Pequim; grupos revoltosos detiveram-no, e a linha ficou bloqueada durante vários dias.) Só um ou dois comboios chegavam e partiam por dia. Os abastecimentos começaram a escassear na cidade.

Chang Chun-chao e Yao Wen-yuan visitaram outra vez Xangai. Nos debates com os trabalhadores perguntaram: são o presidente do Município e o Secretário do Partido que trabalham nas docas e nos caminhos de ferro? Nós podemos pô-los a funcionar. Deste modo, os trabalhadores começaram a compreender a necessidade de tomar o poder. A tomada do poder era o seguimento natural da Revolução Cultural. Enquanto os reaccionários tivessem assento nos cargos oficiais, teriam nas mãos a chave da situação, e a revolução ficaria incompleta. Os trabalhadores aprenderam esta lição através do economismo. Assim terminou a segunda fase da Revolução Cultural.

A TOMADA DO PODER

A terceira fase, que começou em Janeiro de 1967, completou-se por volta do final do ano. Foram tomadas todas as instituições e empresas onde os reaccionários detinham ainda posições de autoridade, e os Comités Revolucionários Representativos constituíram órgãos temporários com poderes para as administrar.

O conflito atingiu grandes proporções com o tumulto de Janeiro. Envolveu todas as classes e grupos. Ao nível municipal, formaram-se pelo menos 700 diferentes organizações de massas. Algumas integravam grupos revolucionários autênticos, outras eram conservadoras, e outras ainda apenas queriam aproveitar o economismo. Umas poucas eram efectivamente contra-revolucionárias. A luta tornou-se extremamente complicada.

O primeiro momento da tomada do poder foi o domínio dos órgãos com influência na opinião pública. Os revoltosos apoderaram-se dos principais jornais de Xangai a 4 e 5 de Janeiro. Começaram a fazer a sua propaganda, tal como os reaccionários, em 1962, haviam iniciado a sua campanha, trabalhando a opinião pública.

No passo seguinte obtiveram o controlo dos caminhos de ferro, do abastecimento de água e electricidade, e dos bancos. Frustaram a tentativa de desorganizar a cidade e puseram estes serviços a funcionar. Na forma, o antigo Comité Municipal do Partido e o governo municipal ainda existiam, mas estavam reduzidos à impotência. Foi convocado um grande plenário para demitir o Presidente do Município. Informaram-no que já não era reconhecido como tal. O Quartel-General Executivo dos revoltosos tomou conta dos assuntos municipais. Outro Quartel-General foi encarregado de combater o economismo e fazer regressar os trabalhadores. Entretanto, o público era solicitado a trabalhar nas docas e nos caminhos de ferro. Grupos de trabalhadores e estudantes trabalharam, algumas vezes, vinte e quatro horas por dia; e um homem três dias seguidos.

As mais importantes organizações de rebeldes afixaram uma «Notícia Urgente» ao Povo de Xangai ([1]). Apelava-se para a resistência ao economismo e para a adesão ao Quartel-General rebelde.

O Presidente Mao deu a sua aprovação calorosa. Afirmou que esse era o segundo cartaz Marxista-Leninista, pois levantava a questão da tomada do poder ao nível de toda uma cidade.

Transformada a opinião pública e conseguido o controlo da economia da cidade, o passo seguinte consistiu em arrebatar o poder à administração e ao Partido. Chang e Yao sugeriram aos vários grupos revoltosos que constituíssem uma Grande Aliança, antes de assumirem o poder. Se ficassem de fora alguns grupos, as disputas continuariam e o novo regime seria instável. Tomaram e perderam o poder por quatro vezes. Na primeira, participaram apenas algumas organizações; noutra, só duas. Chang e Yao tentaram convencer os grupos de insurrectos que era inútil a tomada do poder numa base restrita, pois as organizações deixadas de fora seriam hostis ao novo regime. Em Nanquim, por exemplo, foi cometido este erro. No fim de Janeiro, juntaram-se alguns grupos de rebeldes para constituírem um órgão temporário de poder. Chamaram-lhes os *Bons,* pois afirmavam que era bom tomar o poder. Opunham-se-lhes os *Maus,* que sustentavam a opinião contrária. Em Novembro de 1967 era satisfatória a situação de Nanquim, mas isso só foi conseguido após seis meses de lutas sanguinárias entre os dois conjuntos de insurrectos. Uma Grande Aliança entre os grupos deve preceder a tomada do poder. Em Xangai, depois de quatro tentativas, a lição foi aprendida e conseguida a unidade suficiente para tornar irreversível a tomada do poder. A quinta tentativa, a 5 de Fevereiro, agrupou trinta e oito organizações revolucionárias; Chang e Yao participaram. A situação melhorou ràpidamente, em consequência da Grande Aliança que baseou a quinta tomada do poder. Chang e Yao

---

([1]) Ver p. 104

passaram a trabalhar com os representantes dos grupos de revoltosos, fortalecendo e prestigiando o seu comité. É essencial haver aliados aos grupos de insurrectos funcionários que se tenham evidenciado como bons revolucionários.

As lutas não acabaram com a formação do Comité Revolucionário. Este foi obrigado a eliminar não só os sequazes da via capitalista, o seu objectivo principal, mas também os maus elementos disfarçados de insurrectos. Alguns ex-proprietários e direitistas haviam-se introduzido na organização — só precisavam de vinte cêntimos para comprar uma braçadeira — com o fito de sabotar e lançar a confusão. Também alguns revolucionários, embora bem intencionados, caíram no erro. O Comité Revolucionário Universitário dos Guardas Vermelhos, em especial, desenvolveu um espírito de anarquismo e de «abandono a todas as tendências». Suspeitaram até de Chang e Yao e gritavam: Fora com eles! Impedem o funcionamento do Comité. Foram organizados grupos revolucionários para combater este espírito de irresponsabilidade. O Grupo Revolucionário Cultural do Comité Central enviou um telegrama de apoio, que convenceu os estudantes do seu erro.

O Comité foi constituído então. Formalmente, o Comité do Partido da Cidade era uma organização separada do Conselho do Povo que compreendia a administração da municipalidade. Agora, o Partido e a administração estão integrados no Comité Revolucionário.

O Comité representa uma aliança de três elementos. Primeiro, os funcionários mais importantes; no começo só Chang e Yao foram considerados dignos, mas mais tarde foram ilibados e admitidos no Comité alguns funcionários e membros do Secretariado do Partido de Xangai. (O meu informador era um desses.) Em segundo lugar, membros das unidades do EPL estacionadas na região. E em terceiro lugar, os representantes dos grupos rebeldes que surgiram espontâneamente no decorrer da luta.

Em princípio, metade dos membros do Comité seriam funcionários do antigo Comité Municipal do Partido, um

quarto do EPL e o outro quarto dos chefes das organizações de massas.

Os antigos funcionários, de escalão mais elevado, tomam a direcção da nova organização em virtude dos seus conhecimentos e experiência. Alguns deles erraram e aderiram à linha reaccionária; criticados pelos trabalhadores, reconheceram os seus erros e foram reabilitados pelos insurrectos. No julgamento do mérito de um funcionário, é incorrecto considerar apenas o seu comportamento durante a luta. Todo o passado deve ser tomado em conta. Muitos deles foram considerados bons. O método de trabalho foi bastante aperfeiçoado (tendo sido eliminadas as tendências para a ostentação e para fazer segredo de tudo). O contacto com o EPL operou uma mudança para melhor. Além disso, os chefes rebeldes introduziram um refinado espírito de luta. Na verdade, o Comité é bastante diferente dos antigos Comités do Partido e Governo municipal. Também a atitude do público se modificou. As pessoas orientam-se pelo Pensamento de Mao Tsé-tung que os ensina a julgarem por si próprios e a não acatar cegamente a autoridade, como acontecera no passado. Se o Comité se afasta da orientação de Mao, as massas devem revoltar-se contra ele. Os reaccionários afastados. que haviam actuado burocràticamente, acusam-nos de burocratas. Mas pelo contrário, estão em contacto com as massas e servem-nas.

A primeira fase da tomada do poder e da constituição de órgãos temporários de governo processou-se de Janeiro a Abril. Em Abril começou uma nova fase — a crítica do Khrushchev Chinês, Liu Shao-ch'i.

CRÍTICA E REPÚDIO

De Abril a Setembro de 1967 a Revolução Cultural atravessou a fase de crítica a Liu Shao-ch'i e de repúdio das suas orientações políticas.

(Para o público Chinês, Liu deixou de ser um ser humano individual; tornou-se o símbolo da via capitalista. Se fosse considerado como pessoa, encontrar-se-iam desagradáveis vestígios de rancor nas caricaturas que dele e da sua vida apareceram em muitos cartazes; mas as coisas não se passaram assim; é uma efígie tal como Guy Fawkes. Nesta altura — Novembro de 1967 — foi por certo submetido, a uma espécie de residência fixa. Formalmente, não foi privado do cargo de Presidente; nem o seu nome foi citado oficialmente, mas a incómoda convenção de o referir como «o dirigente máximo do Partido que segue a via capitalista» ou como «o Khrushchev Chinês» foi desrespeitada nas conversas particulares).

A crítica de Liu foi, na realidade, a continuação da tomada do poder. Não é possível tomar apenas a organização detentora do poder. O problema real coloca-se na tomada política e teórica do poder. Foi fácil demitir o Presidente do Município e o Secretário do Partido. Tornou-se mais difícil tomar política e ideològicamente o poder e conseguir desacreditá-los.

Seria fácil demitir Liu Shao-ch'i do seu cargo; mais importante era vencer as ideias que ele sustentava. De outro modo, a sua posição voltaria mais cedo ou mais tarde.

Em Abril, começou um período de análise e crítica sistemáticas aos vários aspectos das ideias de Liu.

Primeiro que tudo, ao servilismo e obediência cega que tiveram grande preponderância no Partido na China, assim como no resto do mundo. Os membros do Partido foram educados a acatar cegamente o chefe, sem se interrogarem sobre se cada orientação em particular era correcta ou não. Hoje, também alguns membros do partido de outros países criticam o servilismo.

Continuava ainda o debate sobre a tomada do poder. Surgiram conflitos acerca da questão de saber qual a maneira correcta de tomar o poder. Podia evitar-se a violência? O próprio debate descambou na violência. Em Julho e Agosto houve combates em Xangai, primeiro com os punhos mas depois com armas. Devido à violência, os transportes foram suspensos e a produção baixou.

Não é de estranhar uma explosão de violência numa situação revolucionária. Além do mais, os elementos do Partido que seguiam a via capitalista conseguiram envolver em luta grupos de trabalhadores. Houve exemplos disto em Xangai. Por outro lado, algumas organizações que se apresentavam do lado dos insurrectos, estavam na realidade sob a influência de ex-proprietários, antigos direitistas afastados em 1957, etc., que pretendiam vingar-se, provocando a confusão. Um desses grupos teve a ousadia de propor a sua lista de candidatos ao Comité Revolucionário e maquinou levá-los ao poder. Em terceiro lugar, as massas evidenciavam ainda atitudes incorrectas, como facciosismo e anarquismo. Alguns queriam tomar o poder em proveito apenas do seu grupo. Os recontros entre os grupos e desordens provocaram um abaixamento da produção.

O Comité opôs-se à violência. Se fosse correctamente manejada, a violência podia ser uma coisa má com consequências benéficas — através dela, os maus elementos denunciar-se-iam por si e as massas aprenderiam com os seus erros. O Presidente Mao ensina: «Não tememos a violência nem os distúrbios. Quanto maior for a agitação, mais as contradições se salientarão e mais fàcilmente poderemos resolver os problemas».

Em Agosto de 1967, em Xangai, ocorreram vários incidentes violentos. A divisão de classes manifestou-se claramente. Em Setembro, o Presidente Mao (que na sua volta de inspecção visitou Xangai em segredo, na preparação do 1 de Outubro) apelou para que os insurrectos constituíssem uma Grande Aliança. (Proclamou: «Não existem conflitos de interesses fundamentais no interior da classe trabalhadora. Sob a ditadura do proletariado, não existe razão plausível para as classes trabalhadoras se separarem em duas organizações irreconciliáveis.) Em Novembro, no auge da Grande Aliança, a aliança mostrou-se mais firme nos locais onde os recontros foram mais violentos. Em Kiangsi, por exemplo, onde houve combates com armas, a situação era excelente e, em certos aspectos, talvez melhor que em Xangai. Nas minas de carvão de Hwai Nan, grassou a violência nos meses de Julho e Agosto. Foram danificadas algumas das instalações das minas. Em Setembro constituiu-se uma Grande Aliança. A produção começou a recuperar. As minas foram mostradas recentemente, por sugestão do Presidente, a um visitante notável — o Primeiro Ministro do Congo (B).

No período mais crítico, Julho e Agosto, o Presidente Mao ausentou-se de Pequim — para visitar as zonas onde alastrara a violência. Os seus guardas pessoais temeram pela sua segurança; alguns pediram-lhe que ficasse em Pequim; outros procuraram persuadi-lo a, pelo menos, viajar de avião, mas ele respondeu que do comboio se vêem mais coisas.

CONSEQUÊNCIAS ECONÓMICAS

Em que medida foi afectada a produção em Xangai? De Janeiro a Abril, após o Grande Tumulto, aumentou significativamente. Em Maio e Junho houve distúrbios; a produção total permaneceu no nível que atingira em Abril. De Janeiro a Junho, a produção total apresentou um aumento de 3 por cento em relação aos mesmos meses de 1966. Devido aos distúrbios de Julho e Agosto, a produção diminuiu em algumas empresas. A dificuldade maior respeitou à falta de carvão devida a avarias nas minas e à interferência nos transportes. A produção industrial recuperou com a formação da Grande Aliança em Setembro. Resolvido o problema do carvão, assistir-se-á a um grande aumento na produção. Em muitas fábricas já está a aumentar. O problema que agora se põe é o de saber qual a melhor utilização a dar a tão grandes quantidades de mercadorias. O rendimento nacional de Janeiro a Outubro de 1967 é aproximadamente o mesmo de 1966. É possível que no resto do ano consigamos recuperar, de tal modo que o total para 1967 não seja inferior ao de 1966, e talvez maior.

A agricultura não foi afectada. As colheitas de verão de 1967 foram cerca de 10 por cento mais elevadas que em 1966.

As colheitas de outono ainda não estão prontas, agora em Novembro; espera-se que ultrapasse em 10 ou 20 por cento as de 1966. Estão a ser construídos celeiros para estas colheitas.

A PRÓXIMA FASE

A partir de 1 de Outubro de 1967, desenvolveu-se uma nova situação. Seguindo a directriz «combater o egoísmo e extirpar o revisionismo dos nossos espíritos», a Revolução Cultural ganha maior profundidade. Para eliminar o egoísmo, cada um deve aceitar uma nova orientação e remodelar a sua maneira de pensar. A Revolução Cultural não se pode consolidar sem a remodelação da ideologia de todas as pessoas. Se não for eliminada a semente do egoísmo, o capitalismo e o revisionismo surgirão de novo.

Presentemente (Novembro de 1967) a situação da Revolução Cultural é não só satisfatória como excelente. Assiste-se a um acordar das massas e a uma participação nos negócios do estado como nunca acontecera antes na história.

O debate continua. Todas as reuniões familiares acabam na discussão da Revolução Cultural. Em todas as famílias se assiste ao confronto de opiniões diferentes. O marido pode ter uma, a mulher outra e a sogra uma terceira. Em todo o país, cada família promove uma reunião permanente. Pode ser dirigida pela filha; o avô e a mãe participam na discussão. É a primeira vez que isto acontece na China.

Embora tenhamos a Bomba-H, pensamos que essas bombas são tigres de papel — é o povo que conta.

TAREFAS FUTURAS

Muitos funcionários têm sido criticados, em maior ou menor grau. Primàriamente, a Revolução Cultural visou a inspecção dos funcionários. A maioria veio a enquadrar-se nas duas primeiras categorias delineadas nos Dezasseis Pontos — isto é, bons e razoàvelmente bons. Muitos dos que erraram voltaram

à orientação do Presidente Mao. É muito pequeno o número dos incorrigíveis. Até Chao e Chen encontrarão uma saída se corrigirem os seus erros. Existem ainda elementos burgueses com os quais podemos trabalhar, uma vez que corrijam a sua atitude. Entre os intelectuais burgueses, só um punhado de «tiranos escolares» terão de ser afastados. A generalidade dos intelectuais aceitará a crítica das massas. E mesmo que sejam burgueses não são necessàriamente reaccionários. Política do Presidente Mao: «Seguimos a regra da união à queles com quem nos podemos unir».

Espera-se que a tomada do poder se complete, em Xangai, no fim de 1967. Hoje (isto é, a meio de Novembro de 1967), há já uma Grande Aliança em 90 por cento das fábricas de Xangai, e Comités Revolucionários em 60 ou 70 por cento delas.

DOCUMENTOS

1. A Circular de 16 de Maio de 1966

No decurso da luta, a «Revolução Cultural» adquiriu um significado amplo, abrangendo todos os aspectos da vida. Nos primeiros meses de 1966 o seu significado restringia-se a uma questão respeitante à natureza da arte e da literatura numa sociedade socialista. O Grupo de Cinco, nomeado pelo Comité Central para tratar a questão, apresentou um documento em Fevereiro, repudiado pelo Comité Central na seguinte circular, publicada a 16 de Maio. Esta veio pôr a descoberto uma violenta cisão política no interior do Partido; esclareceu o público de que os pontos de vista e as orientações políticas do Presidente Mao eram desrespeitados por indivíduos que ocupavam os cargos mais elevados e pedia o apoio do povo contra eles. Segundo nos informaram em Xangai, só tardiamente a generalidade do público compreendeu que implicava o «dirigente máximo do Partido» — Liu Shao-ch'i, Presidente da República. Nesta altura, acreditava-se que Peng Chen era o chefe dos adversários de Mao. Isto era suficientemente escandaloso, pois era conhecido como membro influente do Departamento Político e Presidente do Município de Pequim. A linguagem clara e enérgica da circular alertou os partidários de Mao e encorajou uma explosão

crítica, inspirada no célebre cartaz de protesto contra as orientações do Reitor da Universidade de Pequim. Também alertou, certamente, os Direitistas para o facto de os dissídios no campo cultural se estarem a transformar num sério conflito político.

Alguns dos argumentos atribuídos aos intelectuais burgueses, como: «Todos são iguais perante a verdade», dirigem-se aqui, indubitàvelmente, aos intelectuais burgueses. Infelizmente (tal como aconteceu à ópera antiga) ficaram desacreditados em virtude do uso que deles foi feito.

CIRCULAR DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS

(16 de Maio de 1966)

A todos os departamentos regionais do Comité Central; a todos os comités provinciais, municipais e das regiões autónomas do Partido; a todos os comités e departamentos subordinados ao Comité Central; a todos os grupos de membros dirigentes do Partido e comités do Partido nos departamentos governamentais e organizações populares; e ao Departamento Político Geral do Exército Popular de Libertação:

O Comité Central decidiu revogar as Linhas Gerais da Discussão Académica apresentadas pelo Grupo de Cinco Encarregado da Revolução Cultural, que foram aprovadas para publicação em 12 de Fevereiro de 1966, dissolver o «Grupo de Cinco Encarregado da Revolução Cultural» e os seus cargos, e criar um novo Grupo da Revolução Cultural directamente subordinado ao Comité Permanente do Departamento Político. As assim chamadas Linhas Gerais do «Grupo de Cinco» estão fundamentalmente erradas. Contrariam o rumo da revolução cultural socialista traçado pelo Comité Central e pelo camarada Mao Tsé-tung e os princípios fundamentais formulados na Décima Sessão Plenária do Oitavo Comité Central acerca do significado das classes e da luta de classes na sociedade socialista. Simulando concor-

dância, o Relatório opõe-se na realidade e resiste obtinadamente à grande revolução cultural, pessoalmente iniciada e conduzida pelo camarada Mao Tsé-tung, assim como às instruções visando a crítica de Wu Han transmitidas à Conferência de Trabalhadores do Comité Central em Setembro e Outubro de 1965 (isto é, à sessão do Comité Permanente do Departamento Político do Comité Central, a que assistiram os dirigentes de todos os departamentos regionais do Comité Central).

As assim chamadas Linhas Gerais do «Grupo de Cinco» são na realidade, o Relatório de Peng Chen sòzinho. Forjou-o de acordo com as suas próprias ideias, de conivência com o camarada Kang Sheng, um dos membros do «Grupo de Cinco», e outros camaradas. Ao elaborar um documento desta natureza, focando importantes questões que afectam a situação global da revolução socialista, Peng Chen não suscitou discussões ou troca de pontos de vista no «Grupo de Cinco». Não pediu a opinião de nenhum comité local do Partido, nem esclareceu que o Relatório devia ser enviado ao Comité Central para ser examinado como documento oficial, nem sequer obteve a aprovação do camarada Mao Tsé-tung, Presidente do Comité Central. Empregando os métodos mais desonestos, agiu arbitràriamente, excedeu os seus poderes e, usurpando o nome do Comité Central, distribuiu precipitadamente o Relatório ao Partido.

Os erros principais do Relatório são os seguintes:

1. Partindo de uma base burguesa e da visão burguesa do mundo, o Relatório na sua apreciação da situação e do carácter da presente crítica académica transpõe completamente o inimigo e a nós próprios, colocando um na posição do outro. O nosso país encontra-se presentemente numa maré alta da Grande Revolução Cultural Proletária que está a bater todas as posições culturais e ideológicas decadentes, ainda mantidas pela burguesia e pelos sobreviventes do feudalismo. Em vez de encorajar audaciosamente o Partido a estimular as largas massas de trabalhadores, camponeses e soldados e os combatentes da cultura proletária, para que possam continuar a vencer, o Relatório procura por todos os meios voltar o movimento à Direita. Utilizando

uma linguagem confusa, contraditória e hipócrita, obscurece a dura luta de classes que se trava na frente cultural e ideológica. Em especial, oculta o objectivo desta grande luta, que visa a crítica e o repúdio de Wu Han, e um número considerável de outros representantes anti-Partido e anti-socialistas da burguesia (existem alguns no Comité Central e no Partido, governo e outros departamentos quer ao nível central, quer provincial, municipal e das regiões autónomas). Evitando qualquer referência ao facto repetidamente apontado pelo Presidente Mao, de que o fulcro do drama de Wu Han *Hai Jui Demitido* é a questão da demissão do cargo, o Relatório encobre a verdadeira natureza política da luta.

2. O Relatório viola a tese básica Marxista de que toda a luta de classes é uma luta política. Na altura em que a imprensa começava a abordar as consequências políticas do *Hai Jui Demitido* de Wu Han, os autores do Relatório chegaram ao ponto de dizer: «A discussão na imprensa não deve confinar-se às questões políticas, mas deve aprofundar as várias questões académicas e teóricas implicadas». A respeito da crítica de Wu Han, declararam por várias vezes que era inadmissível argumentar com o fulcro do tema, nomeadamente, a demissão dos oportunistas da Direita na Reunião de Lushan de 1959 e com a oposição de Wu Han e outros ao Partido e ao socialismo. O Camarada Mao Tsé-tung tem dito muitas vezes que o combate ideológico à burguesia é uma luta de classe protelada, que não pode ser resolvida através de arranjos políticos precipitados. Contudo, Peng Chen divulgou deliberadamente que o Presidente Mao acreditava em que, após dois meses, se poderiam tirar as conclusões políticas da crítica de Wu Han. Peng Chen disse também que os objectivos políticos poderiam ser discutidos dois meses mais tarde. A sua intenção era transpor a luta política para o campo cultural, transformando-a numa questão meramente académica, como frequentemente advogava a burguesia. Nìtidamente, isto significa dar relevo à política burguesa, na medida em que se abstem de dar relevo à política proletária.

3. O Relatório acentua especialmente o que chama «abertura ampla». Mas, usando uma astuciosa artimanha, destorce grosseiramente a política de «abertura ampla» preconizada pelo Camarada Mao Tsé-tung na Conferência Nacional do Partido em Março de 1957 e nega o conteúdo de classe da «abertura ampla». Foi a propósito desta questão que o Camarada Mao Tsé-tung apontou: «Temos que travar ainda um demorado combate à ideologia burguesa e pequeno-burguesa. É inconveniente não compreender isto e abandonar a luta ideológica. Todas as ideias falsas, todas as ervas daninhas, todos os fantasmas e monstros, devem ser sujeitos a crítica; em nenhuma circunstância se devem perder de vista». O Camarada Mao Tsé-tung disse também: «A abertura ampla» significa permitir que todas as pessoas exprimam livremente as suas opiniões, para que elas ousem falar, ousem criticar e ousem debater...» Este Relatório, contudo, volta a «abertura ampla» contra a revelação pelo proletariado da posição reaccionária da burguesia. O que se quer dizer com «abertura ampla» é a liberalização burguesa, que permitiria apenas à burguesia «abrir-se amplamente», mas não permitiria ao proletariado «abrir-se» e defender-se da burguesia; por outras palavras, é um escudo para reaccionários, representantes da burguesia, como Wu Han. A «abertura ampla» deste Relatório opõe-se ao pensamento de Mao Tsé-tung e quadra às necessidades da burguesia.

4. Quando desencadeámos a contra-ofensiva aos ataques ferozes da burguesia, os autores do Relatório arranjaram o slogan: «Todos são iguais perante a verdade». Este é um slogan burguês. Negando completamente a natureza classista da verdade, usam o slogan para proteger a burguesia e combater o proletariado, combater o Marxismo-Leninismo e combater o pensamento de Mao Tsé-tung. Na luta entre o proletariado e a burguesia, entre as verdades do Marxismo e os sofismas da burguesia e das outras classes exploradoras, quer o Vento Ocidental prevaleça sobre o Vento Oriental, quer o Vento Oriental prevaleça sobre o Vento Ocidental, nunca pode existir a igualdade. Poderá admitir-se a igualdade em questões básicas como a luta

do proletariado contra a burguesia, a ditadura do proletariado sobre a burguesia, a ditadura do proletariado na superstrutura, incluindo as múltiplas esferas da cultura, e os contínuos esforços do proletariado para eliminar esses representantes da burguesia que se introduziram no Partido Comunista e que brandem «bandeiras vermelhas» para combaterem a bandeira vermelha? Durante décadas a velha linha dos Sociais-Democratas, e os modernos revisionistas há dez anos, nunca permitiram a igualdade do proletariado com a burguesia. Negam que os vários milénios da história da humanidade sejam a história da luta de classes. Negam totalmente a luta de classes do proletariado contra a burguesia, a revolução proletária contra a burguesia e a ditadura do proletariado sobre a burguesia. Pelo contrário, são os lacaios de confiança da burguesia e dos imperialistas. Juntamente com burguesia e com os imperialistas, mantêm-se fiéis à ideologia burguesa de opressão e exploração do proletariado e ao sistema capitalista, e combatem a ideologia Marxista-Leninista e o sistema socialista. São um bando de contra-revolucionários que combatem o Partido Comunista e o povo. Este combate é de vida ou de morte, não há igualdade possível. Do mesmo modo, também a nossa luta tem de ser de vida ou de morte, e as relações com eles não podem ser de igualdade. Pelo contrário, trata-se de uma relação em que uma classe se opõe a outra, isto é, da ditadura do proletariado sobre a burguesia. Não pode haver outro tipo de relações, como as chamadas relações de igualdade ou de coexistência pacífica entre as classes exploradora e explorada, ou de amizade ou generosidade.

5. O Relatório constata: «É necessário não só vencer politicamente o adversário, mas também ultrapassá-lo e vencê-lo numa larga margem nas posições profissionais e académicas». Esta concepção, que não faz qualquer distinção de classe nos assuntos académicos, é também incorrecta. A verdade nas questões académicas, a verdade do Marxismo-Leninismo, do pensamento de Mao Tsé-tung — que o proletariado adoptou firmemente — ultrapassou e venceu há muito a burguesia. A formulação que consta do Relatório mostra que os seus autores elogiam

os académicos burgueses e tentam levantar-lhes o prestígio, e que odeiam e reprimem as novas forças militantes, representativas do proletariado, nos círculos académicos.

6. O Presidente Mao diz frequentemente que não é possível a construção sem a destruição. Destruição significa crítica e repúdio, significa revolução. Implica o emprego da razão, que é construção. À destruição, seguir-se-á a construção. O Marxismo-Leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung empenharam-se, no decurso da luta, na destruição da ideologia burguesa, Mas o Relatório acentua que «sem construção, não pode haver destruição real e profunda». Isto equivale a impedir a destruição da ideologia burguesa e impedir a construção da ideologia proletária. Opõe-se diametralmente ao pensamento do Presidente Mao. Contraria a luta revolucionária que temos estado a travar para a destruição total da ideologia burguesa. E equivale a impedir o proletariado de desencadear uma revolução.

7. O Relatório declara que «não devemos comportarmo-nos como tiranos-escolares que agem sempre arbitràriamente e procuram esmagar o povo com o seu poder» e que «devemos precaver-nos contra as tendências dos trabalhadores académicos de Esquerda de seguir o caminho dos especialistas burgueses e dos tiranos-escolares». Qual é o verdadeiro significado de «tiranos-escolares»? Quem são os «tiranos-escolares»? Não poderá o proletariado exercer a ditadura e subjugar a burguesia? Não poderá o trabalho académico do proletariado esmagar e extirpar o da burguesia? E se o proletariado académico esmagar e extirpar o trabalho académico burguês, pode considerar-se um acto de «tiranos-escolares? O Relatório dirige a sua ponta de lança contra a esquerda do proletariado. Òbviamente, visa rotular de «tiranos-escolares» os Marxistas-Leninistas e, deste modo apoiar os verdadeiros tiranos-escolares burgueses e ressuscitar a sua posição de monopólio nos meios académicos. De facto aqueles membros destacados do Partido que seguem a via capitalista e que apoiam os tiranos-escolares burgueses, e os representantes burgueses que se introduziram no Partido e protegem os tiranos-escolares burgueses, são grandes tiranos do Partido

que usurparam o nome do Partido. Não lêem livros, não lêem a imprensa diária, não contactam com as massas, não têm instrução, e confiam ùnicamente em «agir arbitràriamente e procurar esmagar o povo com o seu poder».

8. Para os seus ulteriores propósitos, os autores do Relatório pedem uma «campanha de rectificação contra a Esquerda fiel, numa tentativa deliberada de criar a confusão, ofuscar os alinhamentos de classe e desviar o povo do objectivo da luta. A intenção principal, ao preparar com tanta precipitação o Relatório, foi atacar a Esquerda proletária. Abandonaram o processo de fazer o cadastro da Esquerda, procuraram arranjar todos os pretextos para a atacar, e planearam lançar futuros ataques através de uma «campanha de rectificação», na esperança vã de desbaratar as suas fileiras. Impedem abertamente a orientação explìcitamente formulada pelo Presidente Mao de proteger e apoiar a Esquerda e de considerar sèriamente a formação e expansão das suas fileiras. Por outro lado, conferiram o título de «Esquerda fiel» aos representantes burgueses, revisionistas e renegados que se introduziram no Partido e se escudam nele. Por estes processos procuram enfunar a arrogância dos Direitistas burgueses e baixar o ânimo da Esquerda proletária. Estão cheios de ódio ao proletariado e de amor à burguesia. Tal é a concepção burguesa de irmandade sustentada pelos autores do Relatório.

9. Na altura em que a nova e violenta luta, no campo ideológico, do proletariado contra os representantes da burguesia apenas despontava — em muitos campos e lugares ainda não começou, ou se começou, muitos dos respectivos comités do Partido têm uma fraca compreensão da tarefa de direcção neste grande combate e essa direcção está longe de ser conscienciosa e efectiva — o relatório insiste repetidamente em que a luta deve ser conduzida «sob direcção», «com prudência», e «com a aprovação dos principais organismos implicados». Tudo isto é usado para levantar restrições à Esquerda proletária, para impor tabus e ordens com vista a manietar-lhe as mãos, e para levantar toda a espécie de obstáculos no caminho da revolução cultural

proletária. Numa palavra, os autores do Relatório tentam aplicar os travões e desencadear um contra-ataque vingativo. Quanto aos artigos escritos pela Esquerda proletária para refutar as «autoridades» reaccionárias burguesas, alimentam um ódio violento aos já publicados e estão a suprimir os que ainda não foram publicados. Por outro lado, largam as rédeas dos fantasmas e monstros que durante muitos anos abundaram na nossa imprensa, rádio, revistas, livros, livros de textos, tribunas, nas obras de literatura, cinema, teatro, baladas e histórias, nas belas-artes, música, dança, etc., induzindo-os a nunca advogarem a chefia proletária ou a nunca sublinharem a necessidade de aprovação. Este contraste demonstra a verdadeira posição em que se colocam os autores do Relatório.

10. A luta presente situa-se na questão do cumprimento ou da resistência à orientação do Camarada Mao Tsé-tung sobre a revolução cultural. Contudo, o Relatório declara: «Com esta luta, e guiados pelo pensamento de Mao Tsé-tung, abriremos caminho para a solução deste problema (isto é, «a liquidação das ideias burguesas no domínio do trabalho académico»)». O Camarada Mao Tsé-tung abriu o caminho há muito tempo ao proletariado na frente ideológica e cultural, nas obras «On New Democracy», «Talks at the Yenan Peking Opera Theatre After Seeing *Driven to Join the Liangshan Mountains Rebels*», «On the Correct Handling of Contradictions Among the People», e «Speech at the Chinese Communist Party's National Conference on Propaganda Work». Contudo, o Relatório sustenta que o pensamento de Mao Tsé-tung nunca nos abriu esse caminho e que isso tem de ser feito de novo. Usando como capa a bandeira «sob a direcção do pensamento de Mao Tsé-tung». O Relatório procura abrir efectivamente o caminho oposto ao pensamento de Mao tsé-tung, isto é, o caminho do revisionismo moderno, o caminho da restauração do capitalismo.

Em resumo, o Relatório contraria a prossecução da revolução socialista, contraria a orientação da revolução cultural traçada pelo Comité Central do Partido chefiado pelo Camarada Mao Tsé-tung, ataca a Esquerda proletária e defende a

Direita burguesa, preparando deste modo a opinião pública para a restauração do capitalismo. Trata-se de um reflexo da ideologia burguesa no Patrido; é revisionismo importado. Longe de ser uma questão menor, a luta contra esta linha revisionista é uma questão de primacial importância que será decisiva para o destino e futuro do nosso Partido e do nosso país, para a futura feição do nosso Partido e do nosso país, e para a revolução mundial.

Os comités do Partido a todos os níveis devem suspender imediatamente a aplicação das Linhas Gerais da Discussão Académica produzidas pelo Grupo de Cinco Encarregado da Revolução Cultural. O Partido deve seguir as instruções do Camarada Mao Tsé-tung, levantar bem alto a bandeira da Revolução Cultural Proletária, denunciar a posição reaccionária e burguesa das chamadas autoridades académicas que se opõem ao Partido e ao socialismo, criticar e repudiar totalmente as ideias reaccionárias e burguesas no domínio da actividade académica, educação, jornalismo, literatura, arte e publicações, e tomar a direcção dessas esferas culturais. Para consegui-lo, é necessário simultâneamente criticar e repudiar os representantes da burguesia que se introduziram no Partido, e afastá-los ou transferi-los para outras posições. Acima de tudo, não podemos confiar a essas pessoas a condução da Revolução Cultural. Na verdade, muitos deles estiveram e estão ainda encarregados dessa tarefa, o que é extremamente perigoso.

Os representantes da burguesia que se introduziram no Partido, no Governo, no Exército e nos vários domínios da cultura, são um bando de contra-revolucionários revisionistas. Uma vez que as condições sejam propícias, tomarão o poder político e transformarão a ditadura do proletariado numa ditadura da burguesia. Alguns deles já nós sinalizámos, outros não. Alguns ainda têm a nossa confiança e preparam-se para nos sucederem, pessoas como Khrushchev, por exemplo, que ainda se ocultam junto de nós. Os comités do Partido a todos os níveis devem dispensar a maior atenção a este assunto.

Esta circular, juntamente com o documento erróneo distrubuído pelo Comité Central em 12 de Fevereiro de 1966, deve ser enviado aos comités distritais do Partido, aos comités do Partido das organizações culturais e aos comités regimentais do Partido do Exército. Pede-se a esses comités que discutam qual dos dois documentos está errado e qual está correcto, a sua interpretação destes documentos, e as suas realizações e erros.

2. *Bombardear os Quartéis-Generais*

O presidente Mao regressou a Pequim no fim de Julho de 1966. Foi convocada uma reunião do Comité Central, que se prolongou por dez dias. Evidentemente que se travou uma luta feroz entre Mao e os seus partidários (que de início eram a minoria) e o grupo chefiado por Liu Shao-ch'i. Nesta altura, os estudantes revoltosos eram duramente atingidos pelos contra-ataques dos Direitistas, embora alguns pequenos grupos tomassem a iniciativa da luta através de cartazes e reuniões.

No meio da discussão, Mao teve o gesto teatral de afixar o seu próprio cartaz.

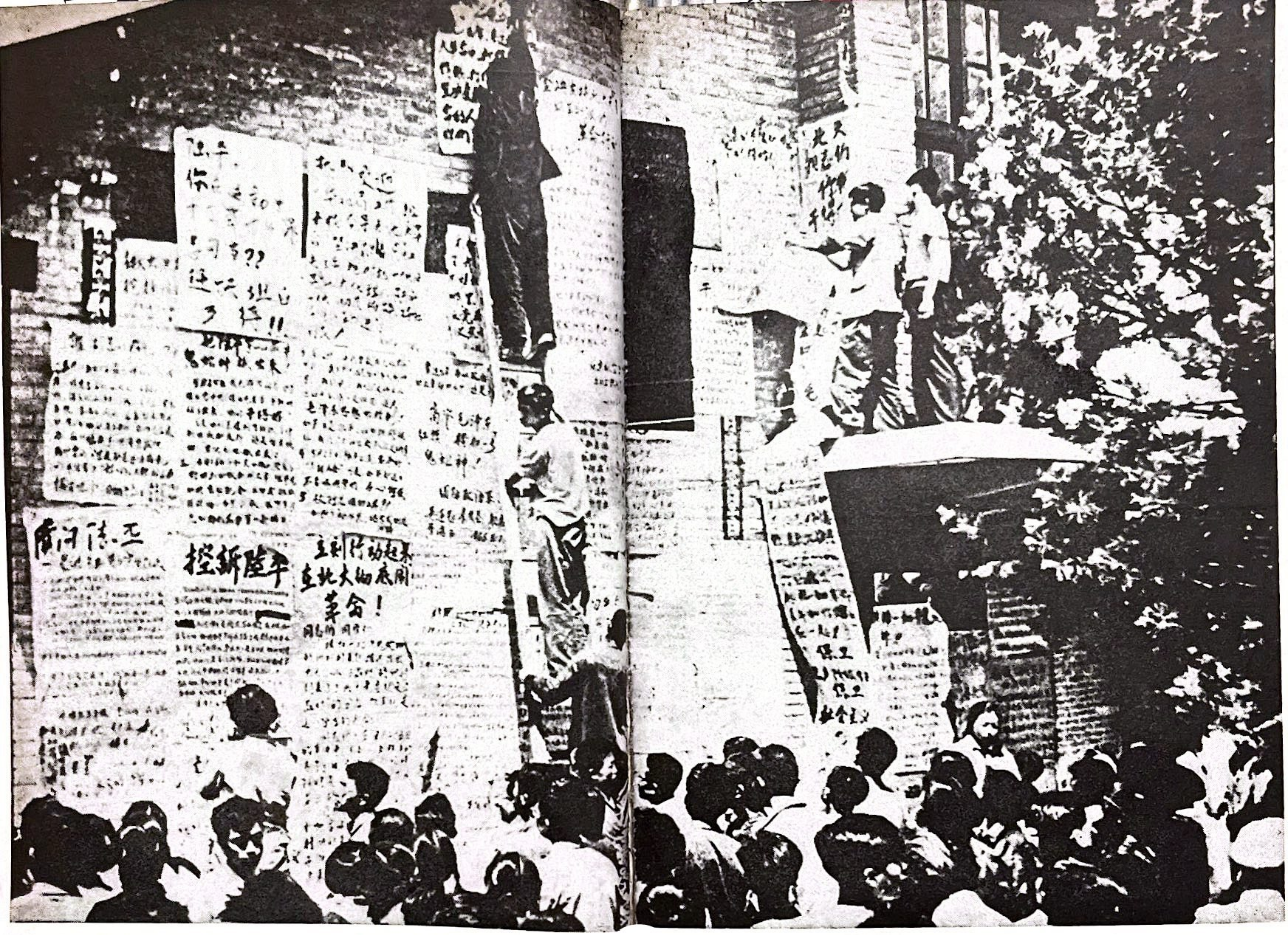
BOMBARDEAR OS QUARTÉIS-GENERAIS — O MEU CARTAZ

(5 de Agosto de 1966)

Mao Tsé-tung

O primeiro cartaz Marxista-Leninista da China e o artigo de comentário publicado no *Renmin Ribao* (Diário do Povo) estão extraordinàriamente bem escritos. Camaradas, leiam-nos outra vez. Mas nos últimos cinquenta dias, mais ou menos, alguns camaradas com responsabilidades nos organismos, quer centrais quer locais, têm agido de maneira diametralmente oposta. Adoptando a posição reaccionária da burguesia, têm encorajado uma ditadura burguesa e contrariado o movimento nascente da Grande Revolução Cultural do proletariado. Inven-

1. Uma cena de *Tomada do Reduto dos Bandidos*, uma ópera revolucionária contemporânea de Pequim. (Hsinhua News Agency)



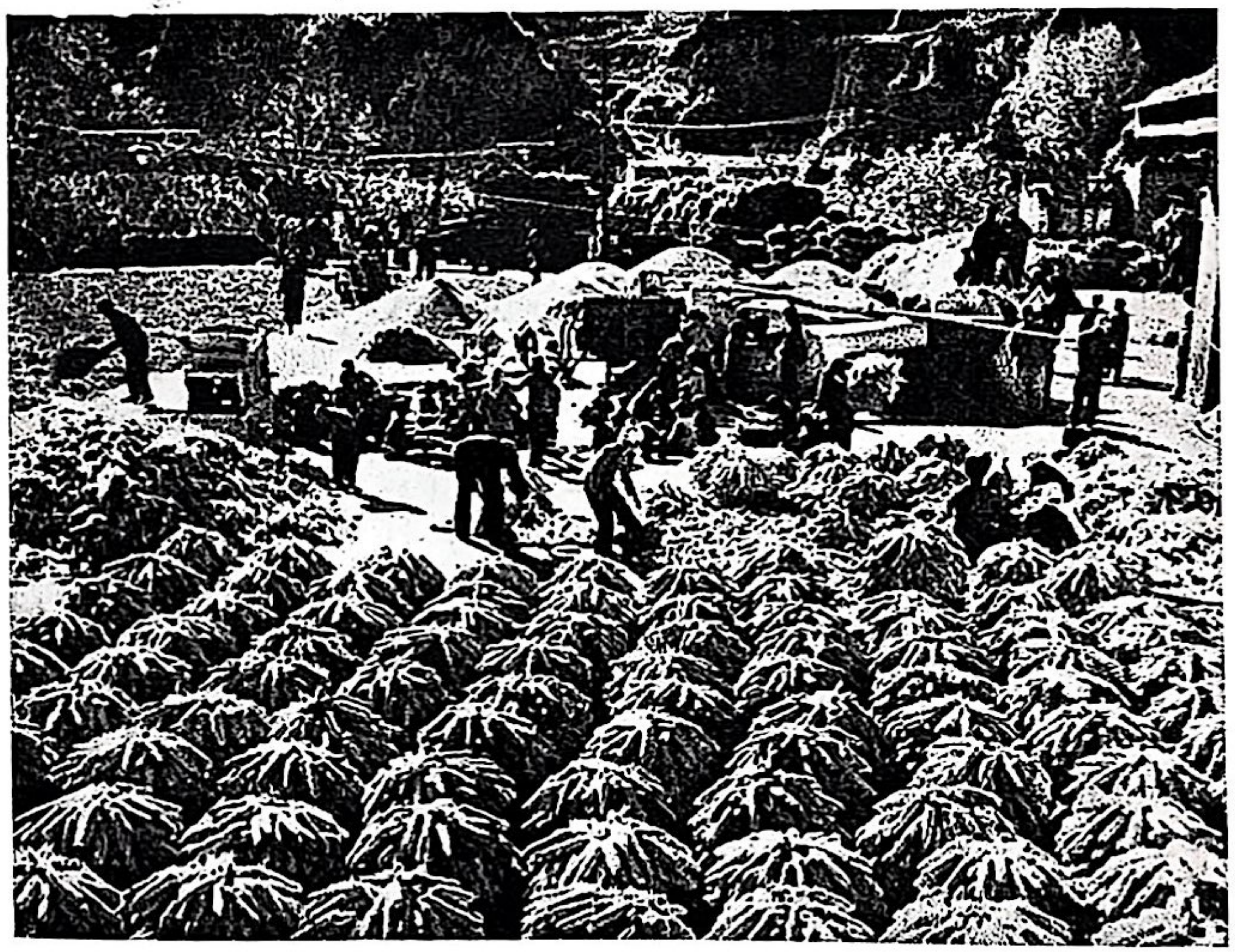
2. Guardas Vermelhos e membros da Universidade de Pequim afixando cartazes de «grandes caracteres». (Hsinhua News Agency)

3. Encontro de Mao com professores e estudantes. (Hsinhua News Agency)

4. Revolucionários proletários numa fábrica de algodão em Tsingtao. (Hsinhua News Agency)

5. *Tachai:* Casas que escaparam às inundações.

6. *Tachai:* Preparando pedra para os socalcos.



7. Tachai começa a prosperar. (Hsinhua N. A.)

8. O recinto de debulha de Tachai. (Hsinhua N. A.)

9. Mercadorias e Pessoal do Abastecimento enviados para as aldeias da montanha em Tsai Ke Da, Shansi.

10. Moendo farinha. A antiga pedra do moinho manual é agora accionada por um motor.

taram factos e propalaram mentiras, cercaram e suprimiram revolucionários, abafaram opiniões diferentes das suas, estabeleceram uma atmosfera de terror fascista e sentiram-se satisfeitos consigo próprios. Exaltaram a arrogância da burguesia e esvaziaram a moral do proletariado. Como são perniciosos! Considerada em conexão com o desvio de Direita de 1962 e a tendência errada de 1964, que era «Esquerda» na forma mas Direita na essência, não nos há-de abrir os olhos definitivamente? (1).

O «primeiro cartaz em grandes caracteres Marxistas-Leninistas a que se refere Mao é o protesto, hoje célebre, contra o Presidente da Universidade de Pequim, afixado em 25 de Maio de 1966, por Nieh Yuan-tzu e outros membros do Departamento de Filosofia. Foi publicado na imprensa a 2 de Junho. O artigo de comentários no *Diário do Povo* (2) exalta os autores do cartaz, calunia os seus adversários e termina: «A luta revolucionária da grande massa de professores e estudantes da Universidade de Pequim, visando os representantes da burguesia, sairá vitoriosa. Em breve surgirá na capital uma Universidade nova, florescente e genuìnamente socialista.»

A primeira volta fora ganha pelos revoltosos. Em Junho de 1966 foi organizado o Comité do Partido de Pequim e demitido o Presidente da Universidade de Pequim, mas os Direitistas recompuseram-se deste revés e pareciam ganhar terreno. Ao afixar o cartaz, Mao usou a magia do seu nome para unir os estudantes e o povo contra eles.

«O Desvio de Direita de 1962» refere-se ao período em que, superados os três anos maus da crise nas colheitas, Liu Shao-ch'i aproveitou a experiência da crise para insistir nas suas ideias em especial no desenvolvimento dos incentivos monetários individualistas na produção agrícola, em detrimento

(1) A versão inglesa foi publicada in *Peking Review*, 1967, n.º 33, no aniversário do aparecimento do cartaz.

(2) Foi publicada uma versão inglesa in *Peking Review*, 1966, n.º 37.

dos princípios de cooperação e responsabilidade colectiva sustentados por Mao. Liu advogou o alargamento de lotes de terreno para uso privado, a expansão das feiras onde as famílias pudessem vender os seus produtos em mercado livre, o aumento do número de pequenas empresas nas aldeias, decorrente do princípio do lucro privado, e a afixação de quotas de rendimento no plano de produção anual, com base nas famílias, em vez dos grupos ou brigadas. (1)

A campanha de educação Socialista de 1963 e 1964 visou «o esclarecimento das quatro questões» a política, ideologia, economia e organização. Os funcionários foram enviados para a província a fim de tomarem contacto com os problemas locais, detectar os efeitos da actividade do Partido e combater o «desenvolvimento espontâneo do capitalismo», tentação crónica numa comunidade camponesa.

A «tendência errada de 1964, de «Esquerda» na forma mas de Direita na essência» do cartaz, é uma alusão ao facto de em algumas regiões o movimento dos «quatro esclarecimentos» ter sido aproveitado pelos Direitistas (nos quais a esposa de Liu desempenhou um papel de destaque) para, a coberto das frases de Mao, advogarem a «via capitalista».

A publicação pelo Presidente Mao de um cartaz não tem correspondente em termos Parlamentares. Em certo sentido, nessa altura, Mao Tsé-tung representava a oposição, e Liu o governo. Estivera efectivamente em posição de fraqueza nos anos de crise que se seguiram ao Grande Salto de 1958. Oficialmente admitiu-se que a crise das colheitas não era de atribuir de modo nenhum às péssimas condições meteorológicas verificadas nesses anos, mas, parcialmente, a erros cometidos na actividade do Partido — erros políticos, como o forçar da formação das comunas, e erros técnicos, como a aplicação indiscriminada de regras, por exemplo, acerca da lavra profunda da terra e de proibições de plantar, sem ter em conta as variações locais. Os

(1) Ver Peking Review, 1967, n.º 49, p. 15.

adversários de Mao exploraram estes erros. Nessa altura, os Direitistas «atingiram o auge». (1).

A partir de 1962, as colheitas melhoraram, e superou-se a crise provocada pela retirada dos técnicos Soviéticos. (Em 1964 chamou-se-lhe «uma coisa má com consequências benéficas» pois estimulou os técnicos chineses a solucionar os problemas em aberto, e os seus métodos adaptaram-se melhor às necessidades da China). É de crer que a posição do Presidente se tenha fortalecido. A campanha dos «quatro esclarecimentos» foi, em algumas regiões, desviada para os objectivos dos Direitistas. Em Janeiro de 1965 o Presidente Mao procurou fazê-la regressar à sua orientação, emitindo as instruções conhecidas por «documento dos 23 artigos». Aqui, declara que o alvo principal do movimento são os membros destacados do Partido que seguem a via capitalista. (2) Em Setembro de 1965, numa reunião do Comité Permanente da Secção Política do Comité Central, lançou o repto: «Que farão se o revisionismo surgir no Comité Central? Isto é altamente provável. Este é o maior perigo». (3)

Na altura, agudizava-se o conflito no interior do Comité Central que veio a público com a circular de 16 de Maio de 1966. Data, sem dúvida, de 1960, ou talvez do Décimo Segundo Congresso na União Soviética em 1956.

Pode descortinar-se de comum ao ataque da oposição Parlamentar a um governo no poder. Mas a analogia não pode ser levada às últimas consequências. Para o povo em geral Mao *era* o governo, embora formalmente tivesse cedido a posição do Presidente a Liu Shao-ch'i e nominalmente fosse apenas Presidente do Comité Central do Partido Comunista da China. Além disso, desde que Lin Piao fora empossado como Ministro da Defesa, consolidara a sua influência no EPL. A sua posição não se pode comparar à do Chefe da Oposição na Câmara dos Comuns.

(1) C. f. p. 48
(2) *Peking Review*, 1967, n.º 33, p 7
(3) IBID.

Talvez a analogia mais acertada seja com o apelo do Presidente Roosevelt ao povo Americano na época do New Deal, contra um Congresso indisciplinado. Mas nenhuma analogia pode ser levada às últimas consequências. Em qualquer caso, esta aproximação política formal é alheia à tradição Chinesa, que sempre colocou a justiça acima da Lei.

3. *Os Dezasseis Pontos*

Os Dezasseis Pontos traçam as linhas fundamentais da Revolução Cultural deixando, contudo, grande liberdade de acção ao movimento espontâneo da base.

O documento opera numa tripla dimensão temporal. Diz respeito à situação imediata, ao desenvolvimento no ano seguinte e, a longo prazo, à evolução futura.

As primeiras quatro secções e a sétima ocupam-se principalmente da situação existente no momento da publicação do documento. Nessa altura, os revoltosos precisavam de ser encorajados e defendidos dos ataques Direitistas. Outras partes, como as Secções 5, 8, 9, 14 e 16 versam fundamentalmente princípios gerais e imprimem uma orientação ao desenvolvimento do movimento.

A secço 10, sobre a reforma do ensino, ocupa-se de um programa a longo prazo que levará anos a ser executado.

A secção 11 estabelece a convenção de referir Liu Shao--ch'i (o Presidente), nas declarações oficiais, como o Khrushchev Chinês, ou o dirigente máximo do Partido que segue a via capitalista, e Teng Hsiao-ping (o Primeiro Secretário do Partido) como o outro dirigente importante do Partido, etc. podendo os Ministros como Po I-po e Tau Chu, demitidos dos seus cargos, ser livremente referidos pelos seus nomes.

A secção 13 ocupa-se do movimento geralmente conhecido como os «quatro esclarecimentos». Tencionava-se fazer voltar aos carris a orientação de Janeiro de 1965, ao mesmo sítio onde fora desviada pelos Direitistas, e onde seria retomada pela Revolução Cultural.

DECISÃO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA CHINÊS ACERCA DA GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

(Adoptada a 8 de Agosto de 1966)

1. *Um Novo Estádio na Revolução Socialista*

A Grande Revolução Cultural Proletária que agora desabrocha é uma grande revolução que interessa as pessoas na sua totalidade e constitui um novo estádio no desenvolvimento da revolução no nosso país, um estádio que é simultâneamente amplo e profundo.

Na Décima Sessão Plenária do Oitavo Comité Central do Partido, disse o Camarada Mao Tsé-tung: Para derrubar o poder político, é necessário, em primeiro lugar, criar a opinião pública e trabalhar no campo ideológico. Isto é verdade, quer para a classe revolucionária, quer para a classe contra-revolucionária. Esta tese do Camarada Mao Tsé-tung mostrou-se inteiramente correcta na prática.

Embora a burguesia tenha sido derrubada, tenta usar ainda as velhas ideias, cultura, costumes e hábitos das classes exploradoras para corromper as massas, confundi-las e tentar preparar uma restauração. O proletariado deve fazer exactamente o contrário: deve enfrentar todas as intimações da burguesia no campo ideológico e utilizar as novas ideias, cultura, costumes e hábitos do proletariado para transformar a atitude mental do conjunto da sociedade. No momento presente, o nosso objectivo é combater e derrubar as pessoas do poder que seguem a via capitalista, criticar e repudiar as «autoridades» académicas burguesas e reaccionárias e a ideologia da burguesia e de todas as outras classe exploradoras, transformar a educação, a literatura e a arte e as restantes componentes da super-estrutura que não correspondem à base económica socialista, e facilitar a consolidação e desenvolvimento do sistema socialista.

2. *A corrente principal e as voltas e reviravoltas*

As massas de trabalhadores, camponeses, soldados, intelectuais revolucionários e funcionários revolucionários são a força principal desta grande Revolução Cultural. Grande número de jovens revolucionários, anteriormente ignorados, revelaram-se pioneiros audazes e corajosos. São decididos na acção e inteligentes. Utilizando cartazes e grandes debates, discutiram muitas coisas, expuseram os seus pontos de vista e criticaram em profundidade, lançaram ataques resolutos aos representantes declarados ou dissimulados da burguesia. Num movimento revolucionário de tão grande intensidade, é dificilmente evitável que revelem uma ou outra deficiência mas a sua orientação revolucionária geral tem sido correcta desde o início. Esta é a corrente principal da Grande Revolução Cultural Proletária. É a direcção geral que a revolução está a seguir.

Uma vez que a Revolução Cultural é uma revolução, é inevitável que encontre resistência. Essa resistência provém principalmente das autoridades que se infiltraram no Partido e abraçaram a via capitalista. Provém também da força dos hábitos da sociedade velha. Presentemente, essa resistência é ainda consideràvelmente poderosa e obstinada. Mas, apesar de tudo, a Grande Revolução Cultural Proletária constitui uma corrente geral irresistível. É evidente que tal resistência será vencida ràpidamente assim que as massas forem convenientemente esclarecidas.

Dado que a resistência é poderosa, haverá nesta luta inversões e até inversões repetidas. Não é de estranhar que isso aconteça. Porá à prova o proletariado e as outras pessoas trabalhadoras, em especial a nova geração, dar-lhes-á experiência e conhecimentos, e ajudá-los-á a compreender que o caminho revolucionário se processa em ziguezague e não é fácil de percorrer.

3. *Colocar a ousadia acima de tudo e despertar audaciosamente as massas*

O resultado da grande Revolução Cultural será determinado pela questão de saber se a direcção do Partido se atreverá ou não a despertar audaciosamente as massas.

Em geral, existem quatro posições diferentes a respeito da chefia que pode ser imprimida, ao movimento da Revolução Cultural, pelas organizações do Partido nos vários níveis:

(I) Existe a posição que se traduz em as pessoas encarregadas das organizações do Partido se colocarem na vanguarda do movimento e ousarem audaciosamente despertar as massas. Põem a ousadia acima de tudo o mais, são destemidos combatentes Comunistas e bons discípulos do Presidente Mao. São partidários dos cartazes e dos grandes debates. Encorajam as massas a denunciar todos os fantasmas e monstros, e criticar as deficiências e erros nos actos das pessoas com posições de comando. Esta chefia correcta resulta da colocação, em primeiro plano, da política proletária e, no topo, o Pensamento de Mao Tsé-tung.

(II) Em muitos organimos, as pessoas encarregadas da direcção têm uma compreensão deficiente da chefia neste grande combate, a sua direcção está longe de ser consciencioso e efectiva, e, por conseguinte, consideram-se incompetentes e numa posição de fraqueza. Acima de tudo colocam o temor, ficam presos a processos e regulamentos antiquados, e são incapazes de superar as práticas convencionais e de seguir em frente. Foram ultrapassados pelo novo estado de coisas, a ordem revolucionária das massas, resultando que a sua chefia fica atrás da situação fica atrás das massas.

(III) Noutros organismos, os dirigentes, que no passado cometeram erros de uma ou outra espécie, são ainda mais propensos a deixarem-se dominar pelo temor, temendo que as massas os desalojem. No entanto, se fizeram uma auto-crítica séria e aceitarem a crítica das massas, o Partido e as massas tolerarão os seus erros. Mas se essas pessoas não o fizerem,

continuarão a cometer erros e serão obstáculos ao movimento das massas.

(IV) Outros organismos são controlados por aqueles que se infiltraram no partido e seguem a via capitalista. Tais pessoas receiam ser denunciadas pelas massas e, por isso, exploram todos os pretextos possíveis para suprimir o movimento das massas. Recorrem a tácticas como a mudança dos alvos do ataque e a tranformação do preto em branco para conseguirem extraviar o movimento. Quando se vêem completamente isolados e incapazes de continuar como dantes, recorrem ainda mais às intrigas, apunhalando as pessoas pelas costas, espalhando boatos e, baralhando tanto quanto possível a distinção entre revolução e contra-revolução, com a intenção de atacar os revolucionários.

O que o Comité Central do Partido pede aos comités do Partido em todos os níveis é que persistam numa chefia correcta, coloquem a ousadia acima de tudo, despertem audaciosamente as massas, transformem o estado de fraqueza e incompetência onde ele exista, encorajem os camaradas, que cometeram erros mas querem corrigí-los, a por de parte os seus fardos mentais e a aderir à luta, e demitam dos postos de comando todos aqueles que seguem a via capitalista, tornando possível assim a recuperação da chefia pelos revolucionários proletários.

4. *As massas devem educar-se a si próprias no movimento*

Na Grande Revolução Cultural Proletária, o único método consiste em as massas se libertarem a si próprias, não tendo eficácia nenhum outro método em que elas sejam substituídas.

Confiar nas massas, contar com elas e respeitar a sua iniciativa. Afastar o medo. Não temer distúrbios. O Presidente Mao tem-nos dito muitas vezes que a revolução não pode ser requintada, amável, moderada, generosa, cordial, comedida e magnânima. É preciso que as massas se eduquem a si próprias neste grande movimento revolucionário, e aprendam a distinguir a maneira certa da errada e a maneira correcta da incorrecta de fazer as coisas.

Utilizem largamente cartazes e debates para discutir os assuntos, para que as massas possam clarificar as visões correctas, criticar as visões falsas e denunciar todos os fantasmas e monstros. Por este meio, as massas ficarão aptas a desenvolver a sua consciência política no decorrer da luta, realçar as suas habilidades e talentos, a distinguir o verdadeiro do falso e a traçar uma linha nítida entre nós e o inimigo.

5. *Executem firmemente a orientação de classe do Partido*

Quem são os nossos inimigos? Quem são os nossos amigos? Esta é uma questão de importância fundamental para a revolução e, do mesmo modo, é uma questão de importância fundamental para a Grande Revolução Cultural.

A direcção do Partido deve ser hábil em descobrir a Esquerda e em desenvolver e fortalecer as fileiras da Esquerda; deve confiar firmemente na Esquerda revolucionária. No decurso do movimento, é esta a única maneira de isolar profundamente os Direitistas mais reaccionários, vencer o centro e unir-se à grande maioria para que, no termo do movimento, consigamos unir mais de 95 por cento dos funcionários e mais de 95 por cento das massas.

Concentrem todas as forças para combater o punhado de Direitistas burgueses reaccionários e revisionistas contra-revolucionários, e denunciar e criticar todos os crimes contra o Partido, contra o socialismo e contra o pensamento de Mao Tsé-tung, e isolá-los totalmente.

O alvo principal deste movimento são aqueles elementos do Partido que seguem a via capitalista.

Deve ter-se um cuidado especial em distinguir os anti--Partido, os Direitistas anti-socialistas, e os que apoiam o Partido e o socialismo mas disseram ou fizeram alguma coisa errada ou escreveram alguns artigos errados ou outras obras.

Deve ter-se um cuidado especial em distinguir, por um lado, os déspotas e «autoridades» escolares burguesas reaccionárias e, por outro, as pessoas que sustentam as vulgares ideias académicas burguesas.

6. Utilização correcta das contradições do povo

Deve fazer-se uma distinção rigorosa entre os dois tipos diferentes de contradições: as que ocorrem no povo e as que se verificam entre nós e o inimigo. As contradições entre as pessoas podem não se transformar em contradições entre nós e o inimigo; nem as contradições entre nós e o inimigo devem ser consideradas como contradições do povo.

É normal que as massas manifestem ópticas diferentes. O confronto de diferentes maneiras de ver é inevitável, necessário e benéfico. Por meio de debates normais e amplos, as massas afirmarão a verdade, corrigirão o que está errado e alcançarão gradualmente a unanimidade.

O método a utilizar nos debates deve consistir na apresentação dos factos, compreensão das coisas e na persuasão pelo raciocínio. Não é lícito nenhum método que force a submissão de uma minoria com opiniões diferentes. Deve ser protegida a minoria, pois algumas vezes a verdade está do lado da minoria. Mesmo que a minoria esteja enganada, deve ser permitida a defesa da sua posição e a reserva das suas opiniões.

Um debate deve ser dirigido pelo raciocínio, e não pela coacção ou pela força.

Num debate, um revolucionário deve estar apto a pensar por si e deve desenvolver o espírito comunista de ousar pensar, de ousar falar e de ousar agir. Partindo do princípio de que tenham a mesma orientação geral, os camaradas revolucionários devem, por uma questão de reforço da unidade, evitar o debate contínuo de problemas marginais.

7. Desconfiem daqueles que estigmatizam as massas revolucionárias de «contra-revolucionárias».

Em algumas escolas, organismos e equipas de trabalho da Revolução Cultural, alguns dirigentes organizaram contra-ataques visando as massas que afixaram cartazes a criticá-los. Essas pessoas puseram a circular slogans como: A oposição aos chefes de uma unidade ou equipa de trabalho significa oposição ao Comité Central do Partido, significa oposição ao Partido e ao socialismo, significa contra-revolução. Desta maneira, é inevitável que os seus golpes atinjam alguns verdadeiros activistas revolucionários. Trata-se de um erro em matéria de orientação, um erro de conduta, que é absolutamente inadmissível.

Algumas pessoas que cometeram erros ideológicos sérios, e em particular alguns dos Direitistas anti-Partido e Anti-socialistas, estão a tirar partido de certas deficiências e erros do movimento para lançarem boatos e difamações, e tomaram parte na agitação, estigmatizando alguns dos grupos como «contra-revolucionários». É necessário ter cuidado com tais «carreiristas» e denunciar os seus golpes na altura própria.

No decorrer do movimento, com excepção dos casos de contra-revolucionários activos que se evidenciam por crimes como assassínio, fogo posto, envenenamento, sabotagem ou roubo de segredos de estado, que devem ser punidos de acordo com a lei, não se devem tomar medidas contra estudantes das universidades, colégios, escolas médias e escolas primárias, por causa dos problemas que levantam ao movimento. Para prevenir que a luta seja desviada do seu objectivo principal, não é permitido, sob qualquer pretexto, incitar as massas ou os estudantes a lutarem uns contra os outros, mesmo que se prove que os Direitistas possam tirar partido do mérito de cada caso, numa fase posterior do movimento.

8. A questão dos funcionários

Os funcionários distribuem-se aproximadamente pelas seguintes categorias:

(I) bons;

(II) relativamente bons;

(III) os que cometeram erros sérios mas não se tornaram Direitistas anti-Partido e anti-socialistas;

(IV) o pequeno número dos Direitistas anti-Partido e anti-socialistas.

Nas situações normais, as duas primeiras categorias (bons e relativamente bons) formam a grande maioria.

Os Direitistas anti-Partido e anti-socialistas devem ser totalmente denunciados, refutados, afastados, desacreditados e eliminada a sua influência. Simultâneamente, deve-lhes ser dada a possibilidade de começar uma nova vida.

9. *Grupos revolucionários culturais, comités e congressos*

Muitas coisas novas começaram a surgir na Grande Revolução Cultural Proletária. Os grupos revolucionários culturais, comités e outras formas de organização, criadas pelas massas em muitas escolas e unidades, são inovações e têm grande importância histórica.

Esses grupos revolucionários culturais, comités e congressos são formas novas e excelentes de organização através das quais as massas se educam a si próprias, sob a chefia do Partido Comunista. Representam uma ponte excelente para manter o nosso Partido num estreito contacto com as massas. São orgãos de governo da Revolução Cultural Proletária.

A luta do proletariado contra as antigas ideias, cultura, costumes e hábitos, odiada pelas classes exploradoras há milhares de anos, demorará necessàriamente muito tempo. Por isso, os grupos revolucionários culturais, comités e congressos não serão organizações temporárias mas, pelo contrário, organizações de massas contínuas e permanentes. Podem ser adoptadas não só nos colégios, escolas, governo e outras organizações, mas também nas fábricas, minas, outras empresas, distritos urbanos e aldeias.

É necessário instituir um sistema de eleições gerais, como o da Comuna de Paris, para eleger os membros dos congressos

revolucionários culturais. As listas seriam sugeridas pelas massas revolucionárias após discussão e as eleições realizadas depois de as massas discutirem as listas várias vezes.

As massas são autorizadas a criticar, em qualquer altura, os membros dos grupos e comités culturais revolucionários e os delegados eleitos aos congressos revolucionários culturais. Se esses membros ou delegados se mostrarem incompetentes, devem ser substituídos por eleição ou demitidos pelas massas após discussão.

Os grupos revolucionários culturais, comités e congressos nos colégios e escolas consistirão essencialmente de representantes dos estudantes revolucionários. Ao mesmo tempo, terão um certo número de representantes dos professores revolucionários, pessoal administrativo e trabalhadores.

10. *Reforma da educação*

Uma das mais importantes tarefas da Grande Revolução Cultural Proletária consiste em tranformar o velho sistema educacional e os velhos métodos de ensino.

Através desta grande Revolução Cultural, deve ser completamente alterado o facto de as nossas escolas serem dominadas pelos intelectuais burgueses.

Devemos pôr em prática, nas escolas de todos os níveis, a política preconizada pelo Camarada Mao Tsé-tung, que consiste em a educação servir a política proletária e a educação se combinar com o trabalho produtivo, e em habilitar aqueles que recebem a educação a desenvolverem-se moral, física e intelectualmente e a tornarem-se trabalhadores da consciência e cultura socialistas.

O período de escolaridade deve ser abreviado. Os cursos devem ser em menor número e melhores. O material escolar deve ser profundamente transformado, começando em alguns casos pela simplificação do material complicado. Embora a tarefa principal seja estudar, os estudantes devem também aprender outras coisas. Isto quer dizer que, em complemento dos seus

estudos, devem familiarizar-se também com o trabalho industrial, agrícola e com os assuntos militares, e participar nos combates da Revolução Cultural criticando a burguesia onde esses combates ocorrerem.

11. *A questão da referência de nomes na crítica na imprensa*

No decorrer do movimento de massas da Revolução Cultural, a crítica da ideologia feudal e burguesa deve combinar-se com a divulgação das perspectivas mundiais do proletariado, do Marxismo-Leninismo e do pensamento de Mao Tsé-tung.

A crítica deve visar representantes burgueses típicos que se infiltraram no Partido e «autoridades» académicas burguesas reaccionárias típicas, e abranger a crítica de vários tipos de visões reaccionárias na filosofia, história, economia política e educação, nas obras e teorias da literatura e da arte, nas teorias das ciências naturais, e noutros campos.

A crítica pelo nome na imprensa, de quem quer que seja, deve ser decidida após discussão pelo comité do Partido do mesmo nível, e em alguns casos submetida à aprovação do comité do Partido de nível superior.

12. *Política em relação aos cientistas, técnicos e membros ordinários dos corpos administrativos.*

Em relação aos cientistas, técnicos e membros ordinários dos corpos administrativos, uma vez que demonstrem patriotismo, trabalhem com energia, não sejam contrários ao Partido nem ao socialismo e não mantenham relações ilícitas com países estrangeiros, continuaremos a praticar, na actual conjuntura, a política de «unidade, crítica, unidade». Deve ter-se um cuidado especial com os cientistas e o pessoal técnico e científico que deram a sua contribuição. Devem ser feitos esforços para os ajudar a tranformar gradualmente a sua visão do mundo e estilo de trabalho.

13. *A questão da harmonização para a integração do movimento de educação socialista na cidade e no campo*

As unidades culturais e educacionais e os orgãos principais do Partido e do Governo nas cidades grandes e médias, constituem pontos de concentração da actual Revolução Cultural Proletária.

A Grande Revolução Cultural enriqueceu o movimento de educação socialista quer na cidade quer no campo, e elevou-o a um nível superior. Devem fazer-se esforços para conduzir os dois movimentos em estreita conexão. Para este efeito, a harmonização pode ser realizada nas várias regiões e departamentos à luz das condições específicas.

O movimento de educação socialista que agora se verifica no campo e empresas da cidade, não será contrariado onde as adaptações originais sejam apropriadas e o movimento prossiga, pois continuará de acordo com essas adaptações. Contudo, as questões levantadas pela Grande Revolução Cultural Proletária serão na altura própria postas à discussão das massas para encorajar vigorosamente a ideologia proletária e abater a ideologia burguesa.

Em algumas regiões, a Grande Revolução Cultural Proletária está a ser usada como foco que dá energia ao movimento de educação socialista e clarifica o horizonte nos domínios da política, da ideologia, da economia e da organização. Isto deve ser feito onde os comités locais do Partido julgarem conveniente.

14. *Empenhar-se firmemente na Revolução e promover a produção.*

O objectivo da Grande Revolução Cultural Proletária cifra-se em revolucionar a ideologia do povo e, consequentemente, alcançar resultados maiores, mais rápidos, melhores e mais económicos em todos os domínios do trabalho. Se as massas despertarem completamente e forem feitas as adaptações convenientes, será possível manter quer a Revolução Cultural quer a produção,

sem uma impedir a outra, e garantir elevada qualidade ao nosso trabalho.

A Grande Revolução Cultural Proletária é uma força motriz poderosa do desenvolvimento das forças produtivas sociais no nosso país. São incorrectas as ideias que contraponham a Grande Revolução Cultural ao desenvolvimento da produção.

15. *As forças armadas*

Nas forças armadas, a Revolução Cultural e o movimento de educação socialista serão conduzidos de acordo com as instruções da Comissão Militar do Comité Central do Partido e do Departamento Político Geral do Exército Popular de Libertação.

16. *O Pensamento de Mao Tsé-tung é o guia de acção na Grande Revolução Cultural Proletária*

Na Grande Revolução Cultural Proletária, é indispensável manter hasteada a bandeira vermelha do pensamento de Mao Tsé-tung e obedecer à política proletária. O movimento para o estudo criador e aplicação das obras do Presidente Mao Tsé-tung deve generalizar-se entre as massas de trabalhadores, camponeses e soldados, de funcionários e de intelectuais, e o pensamento de Mao Tsé-tung deve ser o guia de acção da Revolução Cultural.

Nesta complexa e grande Revolução Cultural, os comités do Partido de todos os níveis devem estudar e aplicar as obras do Presidente Mao conscienciosamente e de uma maneira criadora. Em particular, devem estudar repetidamente os textos do Presidente Mao àcerca da Revolução Cultural e os métodos de chefia do Partido, como «Sobre a Nova Democracia», «Palestras no Forum Yenan sobre Literatura e Arte», «Sobre a maneira correcta de tratar as contradições do povo», «Discurso na Conferência Nacional do Partido Comunista Chinês sobre Trabalho de Propaganda», «Algumas questões a Respeito do

Método de Direcção» e «Métodos de Trabalho dos Comités do Partido».

Os comités do Partido de todos os níveis devem submeter-se às ordens dadas pelo Presidente Mao todos os anos, e nomeadamente aplicarão eficazmente o princípio «das massas, para as massas» e que serão discípulos antes de serem mestres. Procurarão evitar serem parciais ou tacanhos. Encorajarão a dialéctica materialista e contrariarão a metafísica e a escolástica.

A Grande Revolução Cultural Proletária alcançará uma vitória retumbante sob a chefia do Comité Central do Partido, dirigido pelo Camarada Mao Tsé-tung.

4. O Tumulto de Janeiro em Xangai

O documento que se segue ilustra a narrativa da tomada do poder em Xangai.

As repartições dos jornais foram tomadas pelo Quartel-General Rebelde a 4 e 5 de Janeiro. A «Mensagem ao Povo de Xangai» saíu imediatamente. A 9 de Janeiro, seguiu-se a célebre «Notícia Urgente». A 11 de Janeiro, esta declaração foi confirmada por um telegrama do Comité Central.

MENSAGEM A TODO POVO DE XANGAI

Sob a orientação da linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao, a Grande Revolução Cultural Proletária tem alcançado vitórias retumbantes, nos últimos meses, no movimento de massas de crítica à linha reaccionária burguesa. Entrámos no ano de 1967 ao som de cânticos de guerra triunfantes. O editorial do Dia de Ano Novo do *Renmin Ribao* e do jornal *Hongqi* salientava:

1967 será o ano do desenvolvimento total da luta de classes em toda a China. Será um ano no qual o proletariado, unido às outras secções das massas revolucionárias, lançará um ataque geral ao punhado de elementos do Partido que seguem a via capitalista, e aos fantasmas e monstros da sociedade. Será um

7

ano em que se verificará a crítica e repúdio ainda mais penetrantes da orientação reaccionária burguesa e a eliminação da sua influência. Será um ano de vitórias decisivas no desenrolar da luta [para afastar os governantes que seguem a via capitalista], da crítica e repúdio [das «autoridades» académicas burguesas reaccionárias e da ideologia da burguesia e todas as classes exploradoras] e da tranformação [da educação, literatura, arte e todas as componentes da superestrutura que não estão em correspondência com a base económica socialista].

Por outras palavras, será um ano em que a linha reaccionária burguesa sucumbirá totalmente e se desintegrará completamente, um ano em que a Grande Revolução Cultural Proletária alcançará a grande vitória final.

As amplas massas revolucionárias de Xangai alcançaram já uma vitória inicial na luta de crítica e repúdio da linha reaccionária burguesa seguida por um punhado de pessoas do Partido na área de Xangai, e conduziram a luta a uma nova fase, mais ampla e profunda.

O movimento de massas da Grande Revolução Cultural Proletária nas nossas fábricas de Xangai aumenta vigorosamente, esmagando toda a resistência com a força de uma avalancha e o poder de um relâmpago. Nós, trabalhadores dos grupos revolucionários rebeldes, seguimos à risca os ensinamentos do Presidente Mao e praticamos resolutamente a política de «empenharmo-nos na revolução e promovermos a produção» preconizada pelo próprio Presidente Mao. O Presidente Mao ensina-nos: «O trabalho político é o sangue de todo o trabalho económico» (1). Nós, dos grupos revolucionários rebeldes, compreendemos perfeitamente que, se a Grande Revolução Cultural Proletária não for levada a bom termo, perderemos a orientação da produção e deslizaremos na direcção do capitalismo.

A nossa experiência da Grande Revolução Cultural Proletária tem-nos provado, de uma maneira crescente, que o pro-

(1) Citação de uma nota introdutória a «A Serius Lesson», *The Socialist Upsurge in China's Countryside*

cessamento da Grande Revolução Cultural Proletária é a condição do desenvolvimento da produção numa escala ainda maior. São erróneas todas as ideias que contraponham a Grande Revolução Cultural ao desenvolvimento da produção.

Porém, um punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista, e aqueles que aderem obstinadamente à linha reaccionária burguesa, têm um ódio mortal à Grande Revolução Cultural Proletária. Têm tentado resistir por todos os meios à política definida pelo Presidente Mao de «empenhar-se firmemente na revolução e promover a produção». As suas maquinações e expedientes podem sumariar-se nos seguintes processos:

No começo do movimento, usaram como pretexto a «promoção da produção» para reprimir a revolução e contrariar a participação activa na revolução. Quando nós, trabalhadores dos grupos revolucionários rebeldes, quisemos fomentar a revolução e criticar e repudiar a linha reaccionária bruguesa, usaram as tarefas da produção para pressionar os trabalhadores e rotularam-nos com a etiqueta de «sabotadores da produção». Eles querem realmente «promover a produção»? Não, querem defender as suas posições e procuram impedir a nossa revolução. Denunciámos as suas maquinações e declarámos a rebelião.

Então, lançaram mão de outro expediente, isto é, jogaram com sonoras palavras revolucionárias, dando a ilusão de excederem a «Esquerda», com o fito de incitarem um grande número de membros dos Destacamentos de Trabalhadores da Milícia Vermelha, que ludibriaram, a arruinar a produção e a sabotar os transportes e comunicações com o pretexto de se absterem de «apresentar queixas». Fizeram isto para atingir o seu objectivo de destruir a Grande Revolução Proletária e a ditadura do proletariado. Mais recentemente, um punhado de elementos reaccionários planeavam cortar o abastecimento de água e electricidade e imobilizar os transportes públicos. Devemos afastar estes elementos reaccionários e exercer a ditadura do proletariado, puni-los severamente e nunca permitir que ponham em prática as suas maquinações criminosas.

Camaradas, trabalhadores revolucionários! Decidam-se a agir imediatamente! Executem com resolução a política de «participar activamente na revolução e promover a produção». Seremos a vanguarda e a espinha dorsal, não só da participação activa na revolução, mas também da promoção da produção. A nossa cidade de Xangai, o maior produtor industrial da China, tem um papel extremamente importante na vida económica global do país. Mas ùltimamente, em muitas oficinas e fábricas, aconteceu que alguns ou até a maioria dos membros dos Destacamentos de Trabalhadores da Milícia Vermelha suspenderam a produção e abandonaram os seus postos na produção. Infrigiram directamente as instruções do Comité Central do Partido que manda participar activamente na revolução e promover a produção, e afectam directamente os meios de subsistência do povo e o desenvolvimento da reconstrução económica nacional. Os nossos trabalhadores revolucionários rebeldes, tendo presente no espírito os ensinamentos do Presidente Mao, sustentaram a nossa posição em face desta corrente adversa, deram prova do nosso elevado sentido de responsabilidade revolucionária e, em condições extremamente difíceis, assumiram todas as tarefas de produção das oficinas e fábricas, dando um notável golpe no punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista, e esmagando a sua grande conspiração, pela qual esperavam frustrar a revolução, sabotando a produção. São correctas e magníficas as acções desses trabalhadores! Todos nós, camaradas dos grupos revolucionários rebeldes, devemos aprender com eles. O Presidente Mao ensina-nos: «Devemos apoiar tudo o que o inimigo combate e combater tudo o que o inimigo apoia» (1). Nós, trabalhadores dos grupos rebeldes revolucionários, tenhamos a sublime aspiração, a determinação e a força de fazer ainda melhor, quer pela revolução quer pela produção,

(1) Mao Tsé-tung, «Entrevista com três Correspondentes da Central News Agency, o *Sao Tang Pao* e o *Hsin Min Pao*», *Selected Works*, edição em Inglês, Foreign Languages Press, Pequim, Vol. II, p. 272.

e satisfazer o grande apelo do Presidente Mao de «participar activamente na revolução e promover a produção».

Os largos sectores dos nossos irmãos de classe dos Destacamentos de Trabalhadores da Milícia Vermelha que queiram fazer a revolução! «Participar activamente na revolução e promover a produção» é uma política preconizada pelo Presidente Mao, uma política em que o Comité Central do Partido insistiu muitas vezes, uma política importante que garante a realização da Grande Revolução Cultural Proletária. Apoiar ou não apoiar, executar ou não executar esta política é uma questão de princípio, um problema fundamental de justiça ou injustiça. Permitindo que sejam instigados por essas pessoas (dirigentes do Partido que seguem a via capitalista-Tr.) e abandonando os vossos postos na produção, quais os interesses que servem? Agindo dessa maneira, quais os corações que, no fim de contas, se alegram e quais os que se entristecem? Esperamos que sigam os ensinamentos do Presidente Mao, que, nesta importante questão de princípio, vejam as coisas com maior nitidez, façam uma distinção rigorosa entre o justo e o injusto, deixem de se iludir, despertem ràpidamente, regressem aos vossos postos na produção e regressem à orientação revolucionária proletária. Nós, camaradas dos grupos rebeldes revolucionários, acolheremos calorosamente o vosso regresso à participação conjunta na revolução e a ajudar-nos a aumentar a produção. Não vos culparemos, porque somos classes irmãs, e porque, na esmagadora maioria, sois vítimas da linha reaccionária burguesa, sois massas revolucionárias enganadas por aqueles que dentro do Partido seguem a via capitalista e por aqueles que obstinadamente adoptam a orientação reaccionária burguesa.

Estudantes revolucionários e funcionários do governo revolucionário da cidade! Unamo-nos às massas de trabalhadores revolucionários e, tendo em vista a execução resoluta da política de «participar activamente na revolução e promover a produção» preconizada pelo Presidente Mao, comprometamo-nos a incentivar o trabalho e a luta, a abrir fogo orgulhosamente e, ainda com maior determinação em relação à orientação reaccionária

burguesa, a esmagar todos os novos contra-ataques da linha reaccionária burguesa e insuflar nova vitalidade à Grande Revolução Cultural Proletária nas fábricas e oficinas!

Com o esplendor ilimitado do alto pensamento de Mao Tsé-tung, olhamos para o futuro e vislumbramos a magnífica perspectiva da revolução. Nós, as classes trabalhadoras pobres e pequenos-e-médios camponeses, e todas as pessoas trabalhadoras, devemos unir-nos aos estudantes, intelectuais e funcionários revolucionários, devemos fazer um esforço comum, lutar ombro com ombro e continuar os nossos avanços vitoriosos para levar a bom termo a Grande Revolução Cultural Proletária!

Viva a Grande Revolução Cultural Proletária!

Viva o sol vermelho que aquece os nossos corações, o grande chefe Presidente Mao Tsé-tung e muitos, muitos anos de vida para ele!

4 de Janeiro — O Quartel-General Rebelde dos Trabalhadores Revolucionários de Xangai e dez organizações de massas revolucionárias

NOTÍCIA URGENTE

Presentemente, quando a Grande Revolução Cultural Proletária entra no momento da batalha decisiva entre as duas orientações, quando o Comité Municipal do Partido de Xangai, que obstinadamente se mantem fiel à linha reaccionária burguesa, está a ser derrotado, o punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista maquinam, uma vez mais, novos expedientes. De conivência com as forças capitalistas da sociedade, tiram partido dos problemas respeitantes a benefícios económicos para desviar a orientação geral da luta e incitar um grupo de pessoas contra outro, provocando perturbações na produção das fábricas, nos caminhos de ferro e no tráfego rodoviário. Incitaram os estivadores a suspender o trabalho, causando dificuldades na actividade do porto e prejudicando o prestígio internacional da China. Dissipam de ânimo leve a riqueza do estado, aumentando arbitràriamente os salários e os benefícios

materiais, e concedendo todas as espécies de descontos e subsídios, instigando as pessoas a tomarem pela força os edifícios públicos. Estas são as formas mais recentes utilizadas pelo Comité Municipal do Partido de Xangai na prática da orientação reaccionária burguesa.

Recorrendo a este fundamento e a estes processos traiçoeiros, os dirigentes do Partido que seguem a via capitalista visam apenas: 1) Oporem-se ao Presidente Mao e ao Comité Central do Partido, e fazer pressão sobre o grupo da Revolução Cultural adstrito ao Comité Central do Partido sabotando a produção, interrompendo as comunicações e arriscando a economia nacional e os meios de subsistência do povo, para conseguirem destroçar a Grande Revolução Cultural Proletária; 2) Utilizar os benefícos económicos para desviar a orientação geral da luta numa tentativa de tranferir a verdadeira luta política para o falso caminho da luta económica e, ao mesmo tempo, corromper a força revolucionária das massas com ganhos materiais, fomentar a revolução pacífica e permitir que as ideias burguesas se espalhem.

Por este meio, advertimos solenemente o Comité Municipal do partido de Xangai que nunca mais terão êxito os expedientes que visam desviar da luta a atenção do povo por meio da rotura da produção, da interrupção das comunicações e do aumento dos salários e benefícios materiais. Os rebeldes revolucionários, munidos do Pensamento de Mao Tsé-tung, denunciam firmemente esta conspiração e repelem resolutamente os ataques revolucionários burgueses. Devemos executar firmemente a política de «participação activa na revolução e de promoção da produção» preconizada pelo Presidente Mao, tomando por um lado, parte activa na Grande Revolução Cultural Proletária e por outro, permanecendo firmes nos postos da produção e da reconstrução, mantendo o dia de trabalho de oito horas, esforçando-nos ao máximo para cumprir e superar os planos de produção e fazendo o melhor para conseguir produtos de elevada qualidade. Acreditamos que as massas de trabalhadores revolucionários possuem elevado sentido de res-

ponsabilidade política em relação à grande pátria socialista; que serão capazes de colocar o interesse público acima de tudo, e que, estando em jogo os interesses globais do estado, tratarão correctamente as questões acima mencionadas e alcançarão uma dupla vitória, na Revolução Cultural e na produção.

Com vista a restabelecer ràpidamente a grave situação social criada pelo Comité Municipal do Partido de Xangai, apelamos para os camaradas-de-armas dos grupos rebeldes revolucionários de toda a cidade:

1. Os trabalhadores, funcionários e estudantes dos grupos rebeldes revolucionários devem executar firmemente a ordem do Presidente Mao de «se empenhar na revolução e promover a produção», participando activamente na grande Revolução Cultural e, ao mesmo tempo, mantendo-se firmes nos seus postos na produção, servindo de exemplo de «participação activa na revolução e promoção da produção».

2. Apelamos para que os rebeldes revolucionários de todo o país entrem em contacto com os trabalhadores, funcionários, membros administrativos de empresas e aprendizes de Xangai que se encontram fora da cidade e os persuadam a regressar imediatamente para que, nas unidades em que se integram a Revolução Cultural prossiga efectivamente e os planos de produção para 1967 sejam superados.

3. Todos os certificados que autorizam as pessoas a partir e trocar a experiência revolucionária noutros pontos do país, emitidos anteriormente pelas autoridades das várias organizações e empresas, são declarados nulos e expiram no dia da publicação deste documento. Essas autoridades serão responsabilizadas pela devolução (por prestações, se necessário) das grandes somas de dinheiro emitidas para cobrir as permutas de pessoas (excluindo os custos de transporte).

4. Àparte as despesas necessárias à produção, salários, Revolução Cultural, administração e outros objectivos apropriados, os fundos circulantes dos serviços do governo, organizações e empresas, serão imobilizados a partir da publicação deste documento. Esta medida será executada pelas organizações financeiras, ao nível municipal e a todos os níveis, com a supervisão conjunta dos grupos rebeldes revolucionários e das massas revolucionárias, para garantir que a economia do estado não sofra prejuízos (isto não se aplica às economias pessoais).

5. Para evitar a alteração da orientação geral da luta, os problemas relacionados com o reajustamento de salários e pagamentos atrasados destes e benefícios materiais serão, em princípio, resolvidos numa fase posterior do movimento. (Os casos especiais são tratados de modo diferente, depois de se pedir instruções às autoridades centrais).

6. A integração de estudantes, trabalhadores e camponeses é o caminho inevitável pelo qual os estudantes modificarão a sua visão do mundo e participarão com êxito na grande Revolução Cultural. Com vista a provocar o descontentamento dos trabalhadores contra os estudantes, à sabotagem da integração dos estudantes e dos trabalhadores e à prática da «evolução pacífica» dos estudantes, algumas autoridades foram ao ponto de pagar salários relativamente elevados aos estudantes. É uma prática inteiramente revisionista, que será suspensa a partir da publicação deste documento.

7. Os edifícios públicos e as casas confiscadas aos capitalistas são propriedade do povo e devem ser utilizados pelo estado de maneira unificada numa fase posterior do movimento. A ninguém é permitido apoderar-se dos edifícios públicos pela força. Após investigações, os transgressores serão punidos pelo Departamento de Segurança Pública. Os que incitaram à ocupação de edifícios públicos serão punidos pela lei de acordo com a gravidade do delito. Os que se mudaram para casas ocupadas à força, devem voltar às casas primitivas no prazo de uma semana.

8. Reforcem a ditadura do proletariado. Os que se opõem ao Presidente Mao, ao Vice-Presidente Lin Piao, ao Grupo da Revolução Cultural adstrito ao Comité Central do Partido, e os que desacreditam a grande Revolução Cultural e sabotam a produção, serão presos imediatamente pelo Departamento de

Segurança Pública, de acordo com a lei. Os que, no decurso do movimento, procuraram destruir insidiosamente a ordem social, espancaram pessoas ou cometeram atrocidades, que cometeram roubos ou furtos, serão punidos pela lei de acordo com a gravidade do delito; as mercadorias roubadas devem ser restituídas imediatamente. Os que repetirem tais delitos ou se recusem a fazer vida nova depois de repreendidos, serão punidos severamente.

9. Pede-se às várias unidades das organizações rebeldes e às massas revolucionárias da cidade que ponham imediatamente em prática estes pontos, e ponham em movimento todos os órgãos de propaganda para os divulgar e educar as massas.

10. O Comité Municipal do Partido e o Departamento de Segurança Pública ordenam que se executem estes pontos. Todo aquele que agir em contrário, após investigações, será punido imediatamente sob a acusação de minar a grande Revolução Cultural.

9 de Janeiro, 1967

O Quartel-General Rebelde dos Trabalhadores Revolucionários de Xangai e trinta e uma organizações de massas revolucionárias.

MENSAGEM DE PARABÉNS ÀS ORGANIZAÇÕES REBELDES REVOLUCIONÁRIAS DE XANGAI

Ao Quartel-General Rebelde dos Trabalhadores Revolucionários de Xangai e trinta e uma organizações de massas revolucionárias:

A vossa «Notícia Urgente» de 9 de Janeiro de 1967 é, na verdade, excelente. São inteiramente correctos os princípios orientadores que invocaram e os métodos de acção que adoptaram.

Hastearam a grande bandeira vermelha do pensamento de Mao Tsé-tung. Sois exemplares no estudo criador e na aplicação das obras do Presidente Mao.

Marcastes uma posição firme a favor da linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao. Surpreendestes e denunciastes a tempo as maquinações da linha reaccionária burguesa de iniciar um novo contra-ataque, e lançastes uma poderosa contra-ofensiva.

Defendestes a ditadura do proletariado, mantivestes a orientação geral do socialismo e iniciastes o combate ao economismo do revisionismo contra-revolucionário.

Formulastes uma política correcta de acordo com o princípio do Presidente Mao de «participar activamente na revolução e promover a produção». ,

Provocastes uma grande aliança das organizações revolucionárias proletárias e tornaste-vos o ponto de união de todas as forças revolucionárias. Tomastes com firmeza nas vossas mãos o destino da ditadura do proletariado, da Grande Revolução Cultural Proletária e da economia socialista.

Toda esta vossa conduta revolucionária é um exemplo brilhante para a classe operária, os trabalhadores e as massas revolucionárias de todo o país.

Pedimos por este meio ao Partido, Governo, Exército e meios civis, aos trabalhadores, camponeses, estudantes revolucionários, intelectuais e funcionários de todo o país que sigam a experiência dos grupos rebeldes revolucionários de Xangai, que ajam da mesma maneira e façam recuar o contra-ataque da linha reaccionária burguesa, para garantir que a Grande Revolução Cultural Proletária levará a bom termo e triunfalmente a linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao.

11 de Janeiro, 1967

O Comité Central do Partido Comunista Chinês.
O Conselho de Estado.
A Comissão Militar do Comi-

té Central do Partido Comunista Chinês.
O Grupo da Revolução Cultural adstrito ao Comité Central do Partido Comunista Chinês.

TELEGRAMA DE SAUDAÇÕES AO PRESIDENTE MAO

Muito, muito respeitado e amado Presidente Mao:

Nós, combatentes das organizações rebeldes revolucionárias de Xangai, fiéis a ti para sempre, endereçamos-te a nossa mais sublime saudação pela Grande Revolução Cultural Proletária, nosso grande mestre, grande chefe, comandante supremo, grande timoneiro, e sol vermelho que mais esplendorosamente cintila nos nossos corações.

Muito respeitado e amado Presidente Mao, nós escutámos a tua voz de Pequim — a Mensagem de Parabéns enviada pelo Comité Central do Partido Comunista Chinês, o Conselho de Estado, a Comissão Militar do Comité Central do Partido Comunista Chinês e o Grupo da Revolução Cultural adstrito ao Comité Central do Partido às organizações rebeldes revolucionárias de Xangai, no preciso momento em que mais entusiàsticamente aclamávamos a tua decisão de radiodifundir para todo o país a «Mensagem ao Povo de Xangai» e a «Notícia Urgente», posta a circular aqui pelas várias organizações de massas revolucionárias. Essa voz comunicou-nos a maior compreensão e apoio, e é para nós a voz da mais alta inspiração e encorajamento. Nós rejubilamos e cantamos. Milhares de palavras não seriam suficientes para expresar a nossa felicidade. Milhares de cânticos não seriam suficientes para exprimir a nossa gratidão. A única coisa que nos resta fazer é saltar de alegria e cantar repetidamente: Viva o Presidente Mao! Viva, viva!

Muito, muito respeitado e amado Presidente Mao, nos momentos mais críticos da revolução, sempre nos indicastes a direcção geral que a luta devia seguir; deste-nos uma força espiritual ilimitada quando a luta se tornou mais dura. Demonstraste sempre um carinho caloroso e apoio pelos grupos rebeldes revolucionários. Presentemente, quanto a nós, os grupos rebeldes revolucionários, travamos uma batalha feroz para desfechar golpes severos no novo contra-ataque da linha reaccionária burguesa, aprovaste a nossa orientação geral, confirmaste o nosso modo de actuação e deste-nos apoio na realização de uma grande aliança das organizações revolucionárias proletárias e na união de todas as forças revolucionárias, e a manter firme nas nossas mãos o destino da ditadura do proletariado, da Grande Revolução Cultural Proletária e da economia socialista. A tua grande e sábia decisão atiçará ràpidamente a chama intensa que propagará a todo o país a luta de classes eminente. O economismo contra-revolucionário, o novo contra-ataque organizado pelos representantes da linha reaccinária burguesa e a renitente cidadela da linha reaccionária burguesa ficarão totalmente desacreditados e reduzidos a cinzas nesse fogo violento.

Tu, muito, muito respeitado e amado Presidente Mao, ensinaste-nos muitas vezes que o inimigo não se extinguirá por si nem de livre vontade sairá do palco da história. Os factos demonstram isso mesmo. Foi denunciado o artifício contra-revolucionário do economismo planeado pelo punhado de governantes que seguem a via capitalista e pelo reduzido número de conservadores extremistas que se mantêm fiéis à linha reaccionária burguesa, pertencentes ao Comité Municipal de Xangai do Partido Comunista Chinês; foram progressivamente cercados e começaram a sucumbir em todas as frentes, mas lutam ainda desesperadamente e procuram, por todos os meios possíveis, desmembrar a grande aliança dos nossos grupos revolucionários de Xangai, na vã esperança de criar cisões e levantar disputas entre as organizações rebeldes revolucionárias. Desta maneira esperam escapar, conseguir uma oportunidade

de lhes cortar a respiração e preparar a restauração. Não podemos permitir a concretização desta maquinação. Devemos seguir as tuas instruções: «Com energia e para nos pouparmos, devemos perseguir o inimigo cambaleante, e não imitar o conquistador Hsiang Yu na pretensão de inútil fama», (1) empreender uma acção conjunta e perseguir vigorosamente e castigar «os cães na água» e vencê-los completamente, para que não possam levantar-se de novo. Devemos executar inflexivelmente a orientação correcta de «participar activamente na revolução e promover a produção» aconselhada por ti, e varrer totalmente a influência maléfica do economismo contra-revolucionário. Não desiludiremos as tuas esperanças e, sob a sublime bandeira do Pensamento de Mao Tsé-tung, uniremos ainda mais estreitamente os grupos rebeldes revolucionários, uniremos conjuntamente a esmagadora maioria das massas e manteremos firme a direcção da Grande Revolução Cultural e da produção de Xangai, assim como garantiremos que a Grande Revolução Cultural Proletária na área de Xangai levará avante triunfalmente a linha revolucionária proletária representada por ti!

Desejamos ao nosso muito, muito respeitado e amado grande chefe Presidente Mao muitos, muitos anos de vida!

12 de Janeiro, 1967

Reunião presidida pelas Organizações Rebeldes Revolucionárias de Xangai e pelos Centros de Ligação de Xangai das Organizações Rebeldes Revolucionárias de Outras Regiões para Celebrar a Mensagem de Parabéns das Autoridades Centrais e para Esmagar Completamente o Novo Contra-Ataque da Linha Revolucionária Burguesa.

(1) Extraído do poema do Presidente Mao: *A Tomada de Nanquim pelo Exército Popular de Libertação*, «*O Conquistador*» era o título que a si próprio se atribuia Hsiang Yu, chefe da maior força camponesa que se opôs à Dinastia Chin, no século terceiro A. C. Desejando mostrar-se generoso, não matou o seu rival Liu Pang quando se lhe ofereceu a oportunidade. Por fim, foi vencido por Liu Pang e suicidou-se.

COMBATER O ECONOMISMO E ESMAGAR O ÚLTIMO CONTRA-ATAQUE DA LINHA REACCIONÁRIA BURGUESA

(Editorial de *Renmin Ribao* (Diário do Povo) e *Hongqi* (Bandeira Vermelha), 12 de Janeiro de 1967)

A decisão de radiodifundir para todo o país a «Mensagem ao Povo de Xangai» e a «Notícia Urgente», publicadas pelas organizações de massas revolucionárias de Xangai, tomada pessoalmente pelo nosso grande chefe, o Presidente Mao, é um acontecimento de importância histórica transcendente. Assinala o início de uma nova fase da Grande Revolução Cultural Proletária no nosso país.

Os traços mais salientes da nova fase são:

As massas conferiram uma dimensão ainda maior à linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao. Uma a uma, estão a ser tomadas as cidadelas em que se intrincheirou a linha reaccionária burguesa.

Os movimentos revolucionários dos trabalhadores, camponeses e estudantes e o movimento revolucionário de massas nos diversos domínios da cultura e das instituições do Partido e do governo, estão a confluir numa torrente revolucionária impetuosa e irresistível. E estão a desencadear uma ofensiva global à linha reaccionária burguesa.

As forças dos grupos rebeldes revolucionários do proletariado multiplicam-se em extensão e intensidade. Identificam-se ainda mais com o Pensamento de Mao Tsé-tung no decurso da luta, perfilhando resolutamente a orientação geral da luta, aperfeiçoando-se na arte de lutar e tornando-se a espinha dorsal da Grande Revolução Cultural Proletária.

A maioria das massas une-se em torno dos grupos rebeldes revolucionários. Sob a direcção do Comité Central do Partido, chefiado pelo Presidente Mao, as massas revolucionárias tomaram nas próprias mãos o destino da Grande Revolução Cultural Proletária, o destino da luta [para destituir os governantes que seguem a via capitalista], da crítica e repúdio [das «autoridades» académicas burguesas reaccionárias e da ideologia da burguesia e todas as classes exploradoras], e da transformação [da educação, literatura, arte e todas as componentes que não estão em correspondência com a base económica socialista], o destino da produção e do trabalho, o destino da ditadura do proletariado e do estado socialista.

Sob o impacto desta torrente revolucionária impetuosa e irresistível, o punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista e um reduzido número de conservadores extremistas que defendem teimosamente a linha reaccionária burguesa, são obrigados a retroceder de uma posição para outra. Os seus ferozes golpes contra-revolucionários foram ou estão a ser denunciados. Completamente cercados pelas massas revolucionárias, começaram a sucumbir em todas as frentes.

Porém, esses elementos reaccionários deporão as armas e render-se-ão de livre vontade? Sairão de livre vontade do palco da história? Não! Nunca o farão! Tal como os reaccionários do passado, nunca deporão as armas nem se renderão ou abandonarão, de livre vontade, o palco da história.

Como o Presidente Mao nos ensinou:

O inimigo não perecerá por si. Nem os reaccionários Chineses nem as forças agressivas do imperialismo dos E. U. abandonarão, de livre vontade, o palco da história. (1)

(1) Mao Tsé-tung, «Carry the Revolution Through to the End», *Selected Works*, edição Inglesa, Foreign Languages Press, Pequim, 1961, Vol. IV, p. 401.

Todas as coisas reaccionárias se comportam da mesma maneira; se não se abanarem, não caem. É o mesmo que varrer o chão; em geral, onde não chega a vassoura, o pó não desaparece por si. (1)

A realidade do desenvolvimento da Grande Revolução Cultural Proletária na China é a prova mais cabal desta brilhante tese do Presidente Mao.

Ao apoderarem-se de cada uma das fortalezas, os combatentes revolucionários depararão com uma resistência frenética por parte da classe inimiga. A cada passo em frente da revolução, o inimigo tentará novos golpes e deitará mão a todas as maquinações que possa inventar. Quando um método falhar, recorrerão a outro. Quando a táctica da violência não der resultado, usarão luvas de pelica. Quando a força falhar, usarão métodos não-violentos. Misturarão tácticas de força e de persuasão, e combinarão a força com a não-violência. A sua especialidade consiste em brandir «bandeiras vermelhas» para se oporem à bandeira vermelha, e incitar uma parte das massas a lutar contra outra. Muitas vezes, apoderam-se habilidosamente dos slogans revolucionários apresentados pelo Comité Central e pelo Presidente Mao e distorcem-nos para servir os seus objectivos políticos contra-revolucionários. Neste momento, simulam ser da ultra «Esquerda» e pretendem içar a bandeira da «oposição à linha reaccionária burguesa» com a finalidade de ludibriar e desiludir parte das massas. Chamam branco ao preto e desviam a luta para uma perspectiva errada, voltando-a contra a linha revolucionária proletária, os quartéis-generais revolucionários proletários e as massas revolucionárias, processo pelo qual procuram proteger-se a si próprios e à linha reaccionária burguesa e conservar a antiga ordem capitalista e revisionista.

(1) Mao Tsé-tung, «The Situation and our Policy After the Victory in the War of Resistence Against Japan», *Selected Works*, ed. Inglesa, Foreign Languages Press, Pequim, 1961, Vol. IV, p. 19

Presentemente, o punhado de dirigentes do Partido que segue a via capitalista e o reduzido número de conservadores extremistas que obstinadamente defendem a linha reaccionária burguesa, estão a conluiar-se com elementos burgueses, especuladores, proprietários, camponeses ricos, contra-revolucionários, maus elementos e Direitistas da sociedade, e a utilizar o economismo para enganar as massas e incitá-las a abandonar a produção, arruinar a obra financeira e sabotar a Grande Revolução Cultural Proletária; estão a combater o grande, glorioso e correcto Partido Comunista Chinês, e contra o nosso estado socialista da ditadura do proletariado.

A «Notícia Urgente», publicada pelo Quartel-General Rebelde dos Trabalhadores Revolucionários de Xangai e outras organizações de massas revolucionárias, revelou viva e penetrantemente a grande conspiração dos elementos reaccionários da região de Shangai — utilizando as «balas cobertas de açúcar» e os benefícios económicos para seduzir uma parte das massas. Os elementos reaccionários esbanjaram livremente a riqueza do estado, aumentaram arbitràriamente os salários e os lucros, distribuíram injustificadamente toda a espécie de fundos e bens e incitaram as massas a apoderarem-se pela força dos edifícios públicos e a ocupá-los como propriedade privada. Fomentaram actos de violência, incitaram muitos trabalhadores a abandonarem os seus lugares na produção, provocaram incidentes, levando assim algumas fábricas à imobilização e paralização dos caminhos de ferro e do tráfego rodoviário. Incitaram até o pessoal do porto a abandonar o trabalho. Alguns dos membros principais dos departamentos de caminhos de ferro usaram de meios semelhantes para paralisar o tranporte ferroviário, na esperança vã de sabotar a Grande Revolução Cultural Proletária. Os elementos reaccionários julgam-se inteligentes mas, na verdade, estão a levantar uma pedra que cairá nos seus próprios pés. Quanto mais activamente agem, mais revelam os seus desígnios revisionistas contra-revolucionários. Desta maneira, estão a criar as condições do seu colapso total.

O jogo do economismo que essas pessoas tentam, forneceu

às massas revolucionárias óptimos ensinamentos pelo exemplo negativo. Habilitou-as a reconhecer a verdadeira natureza do economismo e a necessidade de o denunciar e atacar até que seja completamente aniquilado.

O que é o economismo?

É uma forma de suborno que quadra à psicologia de umas poucas pessoas retrógadas, que corrompe a vontade revolucionária das massas e desvia a sua luta política para o caminho errado do economismo, seduzindo-as a buscar apenas interesses pessoais e a curto prazo, em vez dos interesses do estado e dos interesses colectivos a longo prazo. Visa estrangular a Grande Revolução Cultural Proletária, desintegrar a ditadura do proletariado e o sistema socialista.

O economismo quebra a produção social, a economia nacional e a propriedade socialista. Fomenta a tendência para o desenvolvimento espontâneo do capitalismo e encoraja os incentivos materiais revisionistas na vã tentativa de destruir a base económica do socialismo.

O economismo opõe-se ao Marxismo-Leninismo e ao pensamento de Mao Tsé-tung; é uma prática revisionista perfeitamente contra-revolucionária. São excrementos arrancados à estrumeira do passado e do revisionismo moderno. No sistema capitalista, o economismo é um instrumento de conservação do papel reaccionário do capitalismo e de oposição à revolução proletária. No sistema socialista, assume uma natureza ainda mais reaccionária e serve de instrumento para a restauração capitalista contra-revolucionária.

Numa palavra, substitui pela espontaneidade burguesa a consciência revolucionária proletária, substitui pela ultra-democracia o centralismo democrático proletário e o senso proletário de organização e disciplina, substitui pelas ilegalidades reaccionárias burguesas a ditadura do proletariado e a sua democracia extensiva, substitui pela propriedade capitalista a propriedade socialista. O economismo é uma nova forma pela qual a linha reaccionária burguesa desencadeia um grande contra-ataque à linha revolucionária proletária.

Todas as pessoas revolucionárias e todas as organizações revolucionárias devem aumentar cem vezes mais a sua vigilância, não se deixar enganar pelos expedientes do economismo da classe inimiga, destroçar completamente o último contra-ataque da linha reaccionária burguesa e levar até ao fim a Grande Revolução Cultural Proletária.

A «Notícia Urgente» publicada pelas organizações de massas revolucionárias de Xangai levantou bem alto a grande bandeira vermelha da linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao e apoiou resolutamente a política correcta de «participar activamente na revolução e promover a produção» preconizada pelo Presidente Mao, dando assim um bom exemplo na luta ao economismo contra-revolucionário ou, por outras palavras, ao revisionismo contra-revolucionário.

Na sua «Mensagem de parabéns às Organizações Rebeldes Revolucionárias de Xangai», o Comité Central do Partido Comunista Chinês, o Conselho de Estado, a Comissão Militar do Comité Central do Partido Comunista Chinês e o Grupo da Revolução Cultural adstrito ao Comité Central do Partido solicitaram ao Partido, Governo, Exército e meios civis, aos trabalhadores, camponeses e estudantes revolucionários, aos intelectuais e funcionários de todo o país que seguissem a experiência dos rebeldes revolucionários de Xangai, que agissem em conjunto e repelissem o último contra-ataque da linha reaccionária burguesa, para que a Grande Revolução Cultural Proletária leve avante triunfalmente a linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao. Este apelo será indubitàvelmente um grande encorajamento para as classes trabalhadoras e para o povo revolucionário de todo o país.

Para esmagar completamente o economismo, todos os revolucionários proletários devem, tal como os rebeldes revolucionários de Xangai, juntar as suas forças numa aliança estreita sob a grande bandeira do Pensamento de Mao Tsé-tung, e segurar firmemente nas suas mãos a direcção da Grande Revolução Cultural e da produção.

Devemos desenvolver um trabalho político-ideológico diligente e perseverante entre as pessoas que temporàriamente lavram no erro. Devemos convencer-nos de que a esmagadora maioria delas querem fazer a revolução. No momento em que compreenderem a verdade, serão capazes de distinguir claramente, nas questões fundamentais, o caminho certo do errado e decidir-se-ão pela linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao.

A actual luta de classes que nos rodeia foi provocada pela burguesia e seus agentes. Àqueles que se mantêm fiéis à linha reaccionária burguesa, nós dirigimos a seguinte advertência: afastem-se da beira do abismo quando existe uma possibilidade de redimirem os vossos crimes perante o Partido e o povo, prestando bons serviços. Se não se renderem ao povo revolucionário, então não terão salvação.

Classes trabalhadoras, uni-vos!

Classes trabalhadoras, camponeses pobres e camponeses das classes baixa e média e o resto do povo trabalhador, uni-vos!

Povo trabalhador, une-te aos estudantes revolucionários, aos intelectuais revolucionários e aos funcionários revolucionários!

Povos de todas as nacionalidades, uni-vos!

Desencadeai a luta de classes total à escala da nação!

Esmagai completamente o último ataque da linha reaccionária burguesa!

Levai até ao fim a Grande Revolução Cultural Proletária!

Viva o Presidente Mao, o grande mestre, grande chefe, comandante supremo e grande timoneiro!

REVOLUCIONÁRIOS PROLETÁRIOS, UNI-VOS
(Por Comentador, *Hongqi*, N.° 2, 1967)

Colèricamente, o macaco dourado balançou a moca compacta, e o firmamento de jade ficou liberto da poeira. (1)

---

(1) Do poema do Presidente Mao: *Resposta ao Camarada Kuo Mo-jo.*

Guiada pela linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao Tsé-tung, a gloriosa classe trabalhadora de Xangai formou um poderoso exército de rebeldes revolucionários com um milhão de pessoas. Aliados a outras organizações revolucionárias, enfrentam o novo contra-ataque da linha reaccionária burguesa, tomando o poder ao punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista, e estabelecendo a ordem nova na Grande Revolução Cultural Proletária. Com uma força impetuosa e irresistível, estão a alcançar a vitória e a varrer o entulho que se acumulou no caminho da história.

Esta acção revolucionária da classe trabalhadora, das outras massas revolucionárias e dos funcionários revolucionários de Xangai marca um novo ponto de viragem na Grande Revolução Cultural Proletária no nosso país e o começo de uma nova fase nessa revolução. É uma grande e nova vitória do pensamento de Mao Tsé-tung.

O princípio revolucionário adoptado, e as acções revolucionárias empreendidas pela classe trabalhadora, as outras massas revolucionárias e os funcionários revolucionários de Xangai deu o exemplo a todo o país e forneceu uma experiência nova e inestimável à Grande Revolução Cultural Proletária.

A sua experiência é multifacetada. Mas resume-se num ponto: estes revolucionários proletários, formando uma aliança, tomaram o poder ao punhado de dirigentes do Partido que defendiam a via capitalista, e colocaram nas suas mãos o poder cultural, económico e político da municipalidade de Xangai.

O Marxismo-Leninismo e o pensamento de Mao Tsé-tung ensina-nos que a questão básica de uma revolução é a que se refere ao poder político. A tarefa central da Grande Revolução Cultural Proletária, em última análise, é a luta através da qual o proletariado toma o poder ao punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista. Na fase presente, este é o ponto fulcral da luta de classes no nosso país, uma expressão concentrada da luta entre a via socialista e capitalista.

A 1 de Junho de 1966, o nosso grande chefe Presidente

Mao decidiu pessoalmente radiodifundir o texto de um cartaz da Universidade de Pequim, o primeiro cartaz Marxista-Leninista no nosso país. Apoiou assim a luta dos revolucionários proletáriaos da Universidade de Pequim ao tomarem o poder na universidade à clique anti-partido de Lu Ping. Representou um grande passo estratégico que acendeu o fogo da Grande Revolução Cultural Proletária que agora assola o país inteiro.

Agora, o nosso grande chefe, o Presidente Mao, decidiu ele próprio divulgar pela rádio a «Mensagem ao Povo de Xangai» e a «Notícia Urgente» publicadas pelas organizações revolucionárias de Xangai. Apoiou assim a luta da classe trabalhadora, das outras massas revolucionárias e dos funcionários revolucionários de Xangai que se uniram para tomarem o poder da municipalidade ao punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista e ao reduzido número de conservadores extremistas que obstinadamente se mantêm fiéis à linha reaccionária burguesa. Trata-se ainda de outra grande medida estratégica assumida na nova situação, que estimulará um novo avanço da Grande Revolução Cultural Proletária em todo o país.

Esses dirigentes do Partido que seguem a via capitalista são na verdade um punhado mas, em vários graus, mantêm ainda o poder financeiro, político e do Partido nas localidades e organismos em que se intrincheiraram. Usam esse poder para atacar as massas e fazer sucumbir a Grande Revolução Cultural Proletária.

De que modo usam o poder para destruir a Grande Revolução Cultural Proletária?

Utilizam o poder do Partido para ludibriarem e reprimirem alguns funcionários, elementos do Partido e membros da Liga da Juventude. Procuram despedaçar a disciplina proletária extremamente rigorosa do nosso Partido, disciplina que é essencial ao proletariado para vencer a burguesia. Transformam a disciplina do nosso Partido na disciplina burguesa, na «disciplina» de oposição ao Partido, ao socialismo e ao pensamento de Mao Tsé-tung, na «disciplina» de resistência à linha revolu-

cionária proletária representada pelo Presidente Mao, transformando-a num «sortilégio» para reprimir as massas e contrariar a revolução. Condenam quem se lhes opuser como elemento «anti-Partido».

Utilizando o poder político que exercem nesses departamentos e localidades sob o seu controlo, esse punhado de pessoas põe em prática a ditadura burguesa para suprimir, onde lhes é possível, as massas revolucionárias. Estigmatizam de «contra-revolucionário» quem quer que se levante e se revolte contra eles, e demitem-se ou prendem-no. Incitam as massas a lutarem umas contra as outras. Usam, para se protegerem, o slogan «Defender a ditadura do proletariado!» com um significado deformado, para induzir certas pessoas a estabelecer, sob o seu controlo, organizações como o «exército dos defensores do poder do estado vermelho».

Este punhado de pessoas utiliza o poder financeiro para levar certas pessoas pouco esclarecidas a protegê-los. Usam o dinheiro para comprar as pessoas e para corromper as massas revolucionárias. Utilizam expedientes económicos de todas as espécies, na esperança de conduzir algumas pessoas ao mau caminho do economismo, e de se entregarem puramente aos interesses individuais imediatos. Pretendem, não só restaurar, mas também alargar algumas das medidas erróneas adoptadas no passado a respeito de salários e sistemas de bem-estar. Entregam cheques e mercadorias librealmente, numa tentativa de ganhar a simpatia das pessoas, oferecendo aquilo que pertence ao estado. Fazendo isto, esperam sabotar a produção, as finanças, as comunicações e os transportes. Com intenções criminosas, «atribuem as contradições aos seus superiores». Estas são as manifestações correntes da luta derradeira dos dirigentes do Partido que seguem a via capitalista. Presentemente, representa uma nova forma do contra-ataque da linha reaccionária burguesa.

Essas pessoas salvaguardam todos os antigos vestígios do capitalismo e do revisionismo; em última análise, protegem o seu próprio poder. Frente à pressão das massas revolucionárias, fazem esta ou aquela falsa «concessão». Mas tudo o que façam

visa o ataque à nossa ditadura do proletariado e a preservação do seu poder para suprimir as massas. Na questão do poder, lutam por ele até à última migalha e não fazem qualquer concessão. Tentam pôr em prática todas as medidas possíveis com vista ao aniquilamento da nossa vida económica nacional socialista e à consecussão do seu objectivo de conservar o poder.

Arrancar à força o poder a esse punhado de pessoas é o fim fundamental da nossa luta. Só quando lhes for arrebatado o poder e exercida a ditadura sobre eles, serão completamente repudiados, derrotados e totalmente desacreditados.

O Presidente Mao ensina-nos que, arrancar violentamente o poder a essas pessoas, significa a revolução de uma classe para vencer outra, nas condições da ditadura do proletariado, isto é, a revolução do proletariado para liquidar a burguesia.

A luta entre os revolucionários proletários e o punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista é violenta, complicada e tortuosa. Os redutos em que os revisionistas contra-revolucionários se intrincheiraram têm de ser tomados um a um. As posições recuperadas pelo proletariado têm de ser consolidadas uma a uma.

Devemos redobrar a nossa vigilância sobre inimigos habilidosos. Hipòcritamente, levantaram a bandeira da «revolução» com o fito de arrebatar o poder ao proletariado. Estão habituados a espalharem boatos, e semear a discórdia a confundirem o branco com o preto, a misturarem o justo e o injusto, a incitar as massas e a desviar a luta para um falso caminho e voltar o ataque contra os revolucionários, a ditadura do proletariado e os quarteis-generais revolucionários do proletariado. Todos os camaradas revolucionários devem seguir os ensinamentos do Presidente Mao, manter os olhos bem abertos, distinguir os inimigos e distinguir a orientação certa da errada nas questões vitais. Esses maus elementos que atrás de nós agitam os ventos do mal, e voltam a ponta da lança contra a ditadura do proletariado, devem ser firmemente denunciados e destruídos um por um.

A grande contribuição da classe trabalhadora de Xangai e das outras massas revolucionárias e funcionários revolucionários consiste em terem marcado uma posição firme do lado da linha revolucionária proletária representada pelo Presidente Mao, desencadeado destemidamente um amplo contra-ataque à nova contra-ofensiva da linha reaccionária burguesa, proporcionado experiência na tomada do poder — sob a ditadura do proletariado — ao punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista, e apresentado princípios e políticas correctas, formas correctas de organização e métodos correctos de luta. São estas as questões essenciais dignas de serem estudadas pelo Partido, Governo, Exército e meios civis, pelos trabalhadores, camponeses, pelos estudantes, intelectuais e funcionários revolucionários de todo o país.

A grande revolução de Xangai é a personificação do papel fundamental e da iniciativa da classe trabalhadora, do seu sentido de organização e disciplina revolucionárias, e desenvolveu a democracia ampla da ditadura do proletariado.

A experiência de Xangai prova que só a tomada do poder ao punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista e o fortalecimento da ditadura do proletariado podem assegurar a ampla democracia proletária.

A experiência de Xangai prova que a democracia ampla da ditadura do proletariado não é de modo nenhum uma ultra-democracia ou a mentalidade de um «pequeno grupo» (que só considera os interesses de um pequeno grupo e ignora os interesses gerais — Ed.). Só com a efectivação do centralismo democrático e da grande aliança dos revolucionários proletários debaixo da bandeira do pensamento de Mao Tsé-tung pode haver democracia ampla na ditadura do proletariado, pode travar-se batalhas magníficas com coordenação de forças e pode ser estabelecida a nova ordem revolucionária.

A experiência de Xangai prova que o princípio de «participar activamente na revolução e promover a produção» preconizado pelo Comité Central do Partido representado pelo Presidente Mao deve ser firmemente executado, que devem desencadear-se combates a todas as formas de economismo, anarquismo, liberalização, etc., revisionistas burguesas, e que deve ser mantida a orientação geral do socialismo e protegida a propriedade socialista; só a isto se pode chamar democracia ampla na ditadura do proletariado.

É bastante claro o objectivo das massas revolucionárias de Xangai ao praticarem a democracia ampla sob a ditadura do proletariado. Visa despertar as massas para derrubar o punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista, e os fantasmas e monstros da sociedade, e encorajar e desenvolver a política, a economia e a cultura do socialismo.

Na mensagem de congratulações enviada às organizações rebeldes revolucionárias de Xangai pelo Comité Central do Partido Comunista Chinês, o Conselho de Estado, a Comissão Militar do Comité Central do Partido e o Grupo da Revolução Cultural adstrito ao Comité Central do Partido declara-se:

Ocasionastes uma grande aliança das organizações revolucionárias-proletárias e tornaste-vos o núcleo de todas as forças proletárias. Segurastes com firmeza nas vossas mãos o destino da ditadura do proletariado, da Grande Revolução Cultural Proletária e da economia socialista.

Isto constitui um alto louvor aos revolucionários proletários de Xangai, e um apelo veemente ao povo revolucionário de todo o país.

O último contra-ataque da linha reaccionária burguesa não demonstra que este punhado de reaccionários seja poderoso, mas estão a ser vítimas de ataques de histeria. Tais ataques são indício seguro do seu colapso iminente.

A nossa ditadura do proletariado é forte e consistente. Temos o poderoso Exército Popular de Libertação que é infinitamente leal ao Presidente Mao e ao povo. Temos centenas de milhões de pessoas munidas com o pensamento de Mao Tsé-tung. Esta é a maior força capaz de subjugar todos os inimigos.

Devemos ter em mente este ensinamento do Presidente Mao:

«São falsas todas as posições que exageram a força do inimigo e menosprezem a força do povo». (1)

Enfrentamos uma situação excelente, uma situação luminosa. Devemos compreender «o facto essencial de que o inimigo está próximo da extinção e que os revolucionários se aproximam da vitória». (2) Seguindo o exemplo das massas de Xangai, devemos repelir corajosamente as intimidações do punhado de agentes da burguesia. Devemos atrever-nos a lutar e empenharmo-nos na luta, devemos ousar alcançar a vitória e sabê-la ganhar.

Revolucionários proletários, uni-vos e juntai-vos às massas e, conduzidos pelo grande comandante supremo, o Presidente Mao, estendei a luta de classes a todo o país!

Executai resolutamente o princípio de «participar activamente na revolução e promover a produção» preconizado pelo Presidente Mao!

Esmagai o último contra-ataque da linha reaccionária burguesa!

Esmagai o economismo burguês!

Arrebatai resolutamente o poder ao punhado de dirigentes do Partido que seguem a via capitalista!

Viva a ditadura do proletariado!

Viva o sempre vitorioso pensamento de Mao Tsé-tung!

5. *O Grande Plano Estratégico*

Esta ordem foi publicada a 7 de Março de 1967. A reabertura das escolas, nesta altura, apenas era efectiva parcialmente. O trabalho do EPL recomeçou no Outono.

(1) Mao Tsé-tung, «The Present Situation and our Tasks», *Selected Works*, Ed. Inglesa, Foreign Languages Press, Pequim, 1961, Vol. IV, p. 173.

(2) Mao Tsé-tung, «The Turning Point in World War II», *Selected Works*, Ed. Inglesa, Foreign Languages Press, Pequim, 1965, Vol. III, p. 103

UMA DIRECTRIZ DO PRESIDENTE MAO RESPEITANTE AO GRANDE PLANO ESTRATÉGICO PARA A GRANDE REVOLUÇÃO CULTURAL PROLETÁRIA

Camaradas Lin Piao, En-lai e os Camaradas do Grupo da Revolução Cultural:

Este documento deve ser distribuído a todo o país e executado de modo adequado. O Exército deve promover treino militar e político nas universidades, escolas médias e as classes mais adiantadas das escolas primárias, escalão por escalão e grupo por grupo. Deve auxiliar a reabertura das aulas nas escolas, fortalecer a organização, constituir os corpos directivos segundo o princípio da proporção de «três-para-um» e promover a tarefa da «luta-crítica-transformação». Deve começar por fazer experiências em locais seleccionados, adquirir experiência e popularizá-la gradualmente. E os estudantes devem ser persuadidos a seguirem o ensinamento de Marx, que só com a emancipação de toda a humanidade o proltariado pode conseguir a sua emancipação final, e nos treinos políticos e militares não devem excluir os professores e funcionários que cometeram erros. À excepção dos velhos e dos doentes, essas pessoas devem ser autorizadas a participar e facilitado o seu arrependimento. Uma vez que tudo isto esja feito conscienciosamente, não será difícil resolver os problemas. (1)

7 de Março

MAO TSÉ-TUNG

(1) A tradução inglesa foi publicada na *Peking Review*, 15 de Março de 1968.

4

REPORTAGENS E ENTREVISTAS

O ambiente da visita a uma fábrica ou instituto modificou-se desde o começo da Revolução Cultural. Antigamente os visitantes estrangeiros eram recebidos numa sala especial, mobilada com cadeiras estofadas e com coberturas. Serviam chávenas de chá e ofereciam cigarros. Estavam presentes vários representantes da empresa, mas só um falava, o director ou o secretário do Comité do Partido, que dava informações e respondia às perguntas. Os restantes sentavam-se em silêncio, provàvelmente roubando tempo a outras ocupações.

Esta cerimónia e a perda de tempo e espaço foram objecto de crítica na Segunda Fábrica de Máquinas-Ferramentas de Pequim. Agora os visitantes sentam-se em bancos e as salas são utilizadas para reuniões de trabalho. A visita começa com a leitura de algumas citações do pequeno livro vermelho. (O intérprete indica aos visitantes o local na edição Inglesa) Os anfitriões são trabalhadores dos novos comités rebeldes. A conversa é infernal. Há um que orienta e os outros intervêm. O ambiente é franco e aberto. Num colégio, os estudantes não hesitam em manifestar os seus pontos de vista em frente dos professores, que antes eram tratados com deferência e temor. Uma grande parte da conversa consta de frases estereotipadas e considerações gerais. Estas não se destinam a abafar as opiniões

individuais. Segundo penso, na maneira de ver deles, serem capazes de analisar a experiência própria em termos de «escolha entre dois caminhos», «extirpar o revisionismo», ou «evitar a linha ultra-esquerda» funciona como fonte de esclarecimento e estão convencidos que é mais importante falar em termos gerais, que na experiência concreta: Não é necessário grande discernimento para apreender a experiência concreta. Um exemplo cómico de uma comuna!

«Antigamente alimentávamos os porcos com cereais; essa é a maneira dos ricos. Agora, contribuímos para o desenvolvimento nacional, alimentando-os econòmicamente».

«O que é que lhes dão?»

«Tratamo-los diligente e econòmicamente».

«Sim, mas o que é que lhes dão a comer?»

«Damos-lhes um quarto dos cereais, e cortamos ervas nos valados.»

«Os porcos gostam?»

«Aumentam de peso mais depressa que dantes.»

Apresento a seguir alguns exmplos típicos de relatos da experiência revolucionária que colhi em Outubro e Novembro de 1967, completados com notas que, numa visita anterior e noutra posterior, tomou Mr. Roland Berger.

Uma Fábrica de Máquinas-Ferramentas, Pequim:

O movimento surgiu nesta fábrica com a publicação, em 2 de Junho, do cartaz na Universidade de Pequim. Apareceram milhares de cartazes a criticar as autoridades. Um em particular, considerada má pessoa, o Engenheiro Chefe Delegado, apresentava um passado suspeito — fora oficial no Koumitang e era capitalista, recebendo juros. (No sistema da propriedade do estado introduzido em 1956, muitos capitalistas recebiam juros sobre o valor da participação nas fábricas que lhes pertenceram, e muitos deles tinham cargos executivos. Não parece que alguma lei tenha alterado este sistema, mas reduziu-se a cinzas na fogueira da Revolução Cultural.) Criticaram as autoridades pela sua atitude pessoal. Mostravam-se superiores e

tinham um estilo de vida burguês. Houve protestos quando um trabalhador se afogou ao tentar salvar um rapaz que caíra ao rio, enquanto um funcionário, que tomava banho nas proximidades, não se dispôs a ajudá-lo e se comportou de maneira desumana. Um outro usava o carro oficial para ir pescar ao Domingo. Arranjou um cargo administrativo para a esposa, para o qual não estava de modo nenhum qualificada. Quando se esperava que cumprissem a sua contribuição regular de trabalho manual, reservaram para si trabalhos leves e limpos numa oficina mantida, por razões técnicas, a temperatura estável. Foram acusados de um estilo de gestão não-democrática, herdada dos Soviéticos, confiada a especialistas e traduzindo-se em ordens que não eram explicadas aos trabalhadores. Foram acusados de utilizarem mal os fundos da fábrica, gastando dinheiro na reparação da piscina e no embelezamento da oficina, sem ter em conta a produção.

(A moderação do grau de corrupção que provocou tanta indignação é um exemplo típico do elevado nível de integridade de carácter generalizado na China).

O acesso crítico obrigou o Comité Municipal do Partido de Pequim a enviar uma equipa de trabalho, a 8 de Junho. (Este é um método há muito adoptado pelo Partido Comunista Chinês. Quando surgem complicações, o organismo imediatamente superior manda uma equipa de trabalho investigar e solucionar o problema.) A equipa de trabalho reuniu-se com os trabalhadores da fábrica; anunciaram que iam ajudá-los a fazer a Revolução Cultural. «O vosso Comité do Partido na fábrica», afirmaram, «é bàsicamente revolucionário e bom; a Revolução Cultural diz respeito primàriamente às questões culturais. É um assunto das universidades e não da indústria». Os revoltosos ficaram indignados. A equipa de trabalho defendia o Comité do Partido. Recusavam-se a responder ao pedido do Presidente Mao. Nessa noite apareceram centenas de cartazes a criticar o grupo de trabalho.

Uma vez que os rebeldes não se calaram, foi enviada uma segunda equipa de trabalho. Instruídos pela primeira, e aproveitando a sua experiência, mudaram de táctica. Fingiram apoiar o movimento revolucionário. Organizaram um comité de vinte e três membros. Tinha o nome de Comité Revolucionário, mas os membros foram cuidadosamente escolhidos pelo grupo de trabalho. Estes eram funcionários do Partido e pessoal administrativo da fábrica, excluindo os trabalhadores. Em breve se verificou que esta equipa de trabalho, tal como a primeira, procurava escamotear o movimento revolucionário.

A 23 de Junho os trabalhadores organizaram o seu comité com dezoito membros. Convocaram uma reunião para dissolver o comité dos vinte e três e expulsar o grupo de trabalho. Nesse mesmo dia, às dez horas da noite, chegou um terceiro grupo de trabalho. Este grupo, sem rodeios, atacou os trabalhadores rebeldes. Acusaram o grupo dos dezoito de contra-revolucionário e qualificaram o incidente de 23 de Junho como um pequeno levantamento Húngaro. Opor-se ao grupo de trabalho, diziam, era o mesmo que opor-se ao Comité Central, e opor-se ao Comité Central equivalia a opor-se ao Presidente Mao. Muitos trabalhadores ficaram confundidos com esta acusação. O grupo de trabalho, contudo, conseguiu organizar grupos de trabalhadores que obedeciam cegamente ao Partido (os revoltosos qualificam-nos de conservadores e de realistas) para criticar o grupo dos dezoito e combater aqueles que haviam afixado os cartazes de crítica às autoridades.

O grupo de trabalho organizou um grande plenário a 24 de Junho. Exigiram aos dezoito que se retractassem. Tentaram obrigá-los a confessar serem oportunistas que queriam elevar-se a chefes. Fizeram visitas às famílias deles e exortaram-nas a desprezarem tais contra-revolucionários. O grupo de trabalho, em todas as discussões, chamou a si a capa do Partido. Exploraram a lealdade dos trabalhadores ao Partido e a sua devoção ao Presidente Mao. Muitos foram enganados por eles.

Foi este o período descrito como terrorismo fascista. Os revoltosos foram submetidos a grande pressão — o fardo mais pesado de suportar foi a tentativa de demoverem as suas famílias. Um grupo, pequeno mas resoluto, manteve as suas opiniões.

O ambiente mudou no começo de Agosto. O Presidente Mao regressou a Pequim. Depois de uma reunião tumultuosa do Comité Central que durou dez dias, foram publicados os Dezasseis Pontos. Enquanto decorria a sessão, o Presidente Mao apresentou o seu cartaz — «Bombardear os Quartéis-Generais». Então, os trabalhadores aperceberam-se de que o grupo de trabalho invertera todas as posições. O grupo de trabalho não se dava por vencido quando abandonou a fábrica a 13 de Agosto; sustentava que embora tivesse cometido alguns erros em questões de pormenor, a sua linha era correcta. Aconselhara as autoridades da fábrica a concentrar as suas forças no descrédito e derrota do grupo rebelde.

Os rebeldes, porém, foram encorajados pela orientação que o Presidente Mao imprimia à Revolução Cultural; formou-se um novo grupo, a princípio com cinco membros. Reexaminaram o incidente de 23 de Junho e repararam o bom nome daqueles que haviam sido acusados de contra-revolucionários. O grupo cresceu ràpidamente («Uma só faúlha pode ocasionar um incêndio na floresta») mas a contenda persistiu durante todo o verão. Ao mesmo tempo que lutavam, os trabalhadores mantinham a produção. Os rebeldes trabalhavam para além dos horários para compensar o tempo perdido nas reuniões. Estavam sujeitos a grandes pressões. Algumas vezes dormiam apenas duas horas. As autoridades recorreram ao «economismo» e procuraram captar os aprendizes, oferecendo-lhes salários completos, mas não conseguiram muitos êxitos.

Em Novembro, a maioria dos trabalhadores fora conquistada pelos rebeldes; a 25 de Novembro, por meio de uma eleição «à maneira da Comuna de Paris» organizaram um Comité Revolucionário, mas a direcção da fábrica continuou na mão das autoridades. Só em Janeiro de 1967, a seguir ao «Tumulto de Janeiro», em Xangai, os trabalhadores tomaram o poder e implantaram a sua orientação.

Em Outubro de 1967, quando visitei a fábrica, o poder pertencia à Tripla Combinação. O elemento primeiro desta são funcionários revolucionários. Alguns deles haviam sido condenados pelos grupos de trabalho — o mesmo é dizer que simpatizavam com os rebeldes. Outros tinham apoiado as autoridades mas confessaram os seus erros. Apenas dois dos antigos chefes foram condenados no final, e trabalhavam na oficina, tendo-lhes sido dada uma oportunidade de «remodelarem as suas concepções através do trabalho produtivo».

O segundo elemento da Tripla Combinação são representantes dos trabalhadores — aqueles que se evidenciaram durante a luta. O terceiro são representantes da milícia. Nesta altura, o acento tónico era colocado na unidade e na reconciliação.

O Comité Revolucionário estava encarregado da direcção. A tarefa era desempenhada por três serviços: Política, Administração e Produção. O chefe de cada serviço fazia parte do Comité.

O plano Estatal é entregue ao serviço de produção; os trabalhadores, técnicos e funcionários aconselham-se uns aos outros para melhorar a produtividade. A fábrica tem orgulho em proclamar que, durante o período de luta em Julho de 1967, produziu um novo tipo de rectificador, de modelo internacional.

Em geral, a produção aumentou. Em vez do sistema artificial, que exigia ao pessoal administrativo que fizesse um mês de trabalho durante o ano, agora os técnicos e funcionários trabalham regularmente um período completo duas vezes por semana, para que adquiram conhecimento real quer dos trabalhadores quer dos problemas técnicos que vão surgindo.

Os trabalhadores esperam continuar a aumentar a produção assim como a prosseguir na reorganização da vida política. «Tomar o poder é difícil. Usá-lo bem é ainda mais difícil.»

Uma Fábrica de Doces, Xangai

No outro extremo do espectro industrial está uma pequena fábrica em Xangai, que emprega 250 trabalhadores. Pertenceu a um capitalista e foi integrada no sistema estatal em 1956. Em Setembro de 1966 foi integrada completamente. O capitalista que no sistema estatal recebia 5 por cento, no montante de 360

yuan por mês, foi expropriado, mas deixaram-lhe ainda 160 yuan por mês, que foi considerado suficiente para o sustento da sua família de seis pessoas, tendo em conta que um dos filhos está empregado.

Quando tomaram conta da fábrica em 1956, toda a produção era manual. Foram introduzidas inovações técnicas em 1958; hoje está mecanizada em 40 por cento. Cerca de 30 por cento da produção é exportada para o Sudeste Asiático.

A evolução da Revolução Cultural, nesta pequena empresa, seguiu a orientação geral da cidade. Os trabalhadores começaram a criticar os funcionários. O ramo do Partido tomou uma atitude reaccionária. Em Novembro de 1966, os rebeldes da fábrica pediram apoio ao Quartel-General da cidade. Em Janeiro de 1967, tomaram o poder durante o «grande tumulto».

Ao princípio, os trabalhadores tentaram dirigir tudo, mas verificaram que era necessário utilizar a experiência e habilidade dos funcionários. Colocou-se então a questão de saber qual a maneira de tratar os funcionários que, durante a luta, tomaram uma posição reaccionária. Os trabalhadores estudaram as instruções contidas nos Dezasseis Pontos, artigos publicados na imprensa sobre o problema dos funcionários e as citações dos escritos do Presidente Mao. Compreenderam que se tornava necessário dar oportunidade aos funcionários de corrigirem os seus erros. Analisaram a história e as posições dos seus funcionários.

O Vice-Director (que esteve presente a esta entrevista) aderira à orientação errada; fomentara a discórdia entre os trabalhadores; mas juntou-se aos rebeldes quando estes tomaram o poder. Examinaram o seu passado. Era originário de uma família de camponeses e, em criança, fora pedinte. Aos treze anos tornou-se criado de um proprietário (uma espécie de escravo doméstico). Aos dezasseis juntou-se ao EPL. Tornou-se membro do Partido aos dezoito. O seu trabalho na fábrica era orientado pelo Partido e não podia ser censurado por deslealdade para com os superiores. Nas categorias dos Dezasseis Pontos, foi classificado como relativamente bom.

A Secretária do ramo do Partido opusera-se fortemente aos rebeldes. Semeara o desentendimento entre os trabalhadores e acusara os chefes dos rebeldes de «fantasmas e monstros». (Esta frase de Mao, uma alusão ao folclore, aplica-se aos sobreviventes perversos da antiga sociedade feudal e burguesa.) Quando a acusaram desses erros, resistiu ostensivamente e caluniou os rebeldes e os membros do Partido que os apoiavam.

Analisaram o seu currículo. Em criança, fora trabalhadora e sofrera uma opressão amarga. Quando se tornou membro do Partido, comportou-se como pessoa superior, divorciou-se dos trabalhadores e assumiu as suas responsabilidades num estilo não-democrático. Concluíram que não era bàsicamente anti--socialista; colocaram-na na terceira categoria, daqueles que cometeram erros graves. Por fim, reconheceu-se culpada e fez uma auto-crítica. Foi admitida na Tripla Combinação e, agora, está encarregada da propaganda.

O antigo Director da fábrica cometeu erros graves. Foi negligente na actividade relativa ao Partido e introduziu desonestos comportamentos ex-burgueses. Acreditava na co-existência com o antigo capitalista e permitiu-lhe que dirigisse o departamento de abastecimento da fábrica. Foi também acusado de pôr desenhos «feudais», de dragões e fadas, no papel de embalagem dos doces.

Na direcção, seguiu políticas «revisionistas». Não dava confiança aos trabalhadores. Pediu-lhes que confiassem no capitalista e lhe restituíssem a autoridade. Disse aos trabalhadores que sem o capitalista não podiam produzir doces, embora tivessem melhorado a qualidade dos produtos desde a ocupação da fábrica. Não colocou a política em primeiro lugar mas, seguindo a orientação de Liu-Teng, subordinou os trabalhadores aos técnicos, e implantou o lucro como critério de êxito; usou também o sistema dos salários-estímulo. Provinha de uma família burguesa e tinha um estilo de vida burguês. Mantinha relações estreitas com capitalistas — jantava com eles e trocava presentes.

Foi classificado como um daqueles que cometera erros graves e como burguês que não se remodelara suficientemente,

mas não o qualificaram de Direitista anti-Partido. Ofereceram--lhe ajuda no reconhecimento dos seus erros. Foi difícil ajudá--lo, pois receava perder o cargo, mas consideram que fez alguns progressos. Ele e o antigo capitalista trabalham agora na fábrica.

O sistema de gestão foi simplificado e o número de funcionários reduzido em 42 por cento. Cada grupo de trabalhadores tem um chefe que vigia a produção. Foram abolidas as regras desnecessárias. Quer a qualidade quer a quantidade da produção melhoraram significativamente; foi ultrapassado o plano anual de produção. No agitado mês de Janeiro de 1967, a produção subiu acima do nível programado.

O sistema de salários ainda não foi alterado. O vencimento médio é de 70 yuan por mês. Um trabalhador empregado na fábrica durante quinze anos tem direito a uma pensão de reforma de 75 por cento dos proventos. Os trabalhadores veteranos recebem o salário completo durante a doença; os outros, 50 por cento do ordenado.

A antiga Federação dos Sindicatos aderiu à orientação de Liu-Teng e foi repudiada pelos trabalhadores.

A fábrica é dirigida agora por um comité de onze membros. Cerca de 60 por cento dos trabalhadores são mulheres, mas o comité tem apenas três mulheres.

Esta história proporciona um quadro do alto grau de descentralização e de auto-gestão dos trabalhadores que está a estabelecer-se através da Revolução Cultural. Os trabalhadores aceitam a orientação dos funcionários porque consideram que necessitam dela.

Esta espécie de auto-gestão é bastante diferente do sistema Jugoslavo que dá aos representantes dos trabalhadores o controlo dos preços e dos bens que devem ser produzidos, e é diferente também dos sistemas experimentais da União Soviética e das Democracias Populares que orientam a direcção das empresas para a obtenção de lucros. Os preços e o total de mercadorias são fixados à empresa, na China; no caso desta fábrica de doces, o plano é fornecido pela Corporação Alimentar de Xangai; o produto é controlado pela procura no mercado; se os custos

se mantêm abaixo do nível programado, o lucro extra não é absorvido pela empresa, mas os custos e os preços são calculados com a inclusão dos pagamentos da segurança social pelos quais a empresa é responsável. A administração não está relacionada com assuntos comerciais, ocupa-se apenas com a produção e as relações humanas dentro da fábrica. «Colocar a política à frente» significa que o orgulho, mais que os proventos monetários, dá incentivo aos trabalhadores e à administração para manter e melhorar a produção.

Uma Companhia de Transportes, Pequim

A entrevista que se segue foi obtida por Roland Berber. A companhia de camiões ocupa-se fundamentalmente com o transporte de produtos agrícolas das comunas para Pequim. O pessoal compõe-se de condutores, carregadores e operários de reparações e abastecimento. Um grupo apresentou o relatório de um curso de dez dias sobre o Pensamento de Mao Tsé-tung, que acabava de completar. Eram à volta de oito condutores de camiões e dois mecânicos. Outros grupos estavam a seguir cursos semelhantes.

Cada um falou acerca do valor do curso em relação à sua formação mental e comportamento.

Um motorista, de 26 anos, originário de uma família de camponeses pobres:

...eu pensava que, por pertencer a uma família de camponeses pobres, seria naturalmente um comunista espontâneo e genuíno. Participei na Revolução Cultural convencido de que era um comunista espontâneo. Julguei que não precisava de remodelar as minhas ideias ou fazer uma revolução contra mim próprio. Devido a estas ideias fui influenciado pela linha reaccionária burguesa.

As massas foram incitadas a combaterem-se mùtuamente e eu acusei de reaccionários os meus irmãos de classe. Cheguei a feri-los. Depois de cometer tais erros, muitos dos meus companheiros de trabalho na companhia procuraram ajudar-me. Em-

bora tenha feito auto-crítica, no íntimo não estava realmente persuadido. A razão principal deve-se que a minha visão do mundo não foi suficientemente remodelada.

Logo no começo do estudo de Mao eu não queria participar porque tomei uma atitude errada em relação ao grupo de estudo. Receava ser criticado e repudiado pelos outros.

Mas através deste estudo compreendi que a atitude que tomei a princípio estava errada. A finalidade principal do grupo não é criticar e repudiar pessoas. Esses grupos estão inteiramente de acordo com os Dezasseis Pontos, permitindo que as massas se libertem a si próprias. Compreendi melhor o que significa «o povo» e «o inimigo». Estava enganado acerca da origem de classe — é importante, mas a chave do problema é o comportamento de cada um. A exposição do Presidente Mao esclareceu-me neste aspecto. Depois de estudar estas passagens, inspirei-me e comecei a compreender que ocuparam a vanguarda da luta aqueles que, embora originários de uma má família, se mantiveram na linha proletária desde o começo da Revolução Cultural.

Estudei também Norman Bethune. Veio para a China sacrificando a sua vida — aqui onde eu sou Chinês e ele era estrangeiro. Por que não faço eu igual sacrifício? Compreendi que no começo da Revolução Cultural tomei uma atitude de anarquismo.

Estudei o «Combate ao Liberalismo» de Mao e apresentei muitos dos meus problemas ao grupo, quando este estava a ser discutido. Nesta obra, Mao descreve onze exemplos de atitudes liberais; verifiquei que muitas delas se aplicavam directamente a mim e, quando consegui suprimi-las, tornei-me muito mais activo quer no trabalho quer ideològicamente. Tomei a iniciativa na minha brigada e dei a minha comparticipação. Falei com muitos dos velhos trabalhadores da minha brigada, que não receberam educação na sociedade antiga, e escrevi-lhes cartas.

Apesar do diminuto período de estudo, sinto que já colhi bons frutos. Fui bem sucedido nos meus estudos e tenho agora

uma visão correcta. Mas o Presidente Mao diz que «se tivermos uma teoria mas só dissermos tolices sobre ela, arquivando-a e não a pondo em prática, então essa teoria, embora boa, não tem qualquer significado».

Desejo seguir essas instruções. Desejo transformar a minha ideologia, combater o egoísmo e denunciar aos meus camaradas todas as minhas ideias falsas. Quero assegurar-me de que as ideias do Presidente Mao dominarão o meu pensamento.

O Presidente Mao diz: «O mundo é vosso e nosso, mas em última análise, é o vosso. Vós, jovens plenos de vigor e vitalidade, sois o sangue da vida, tal como o sol às oito ou nove horas da manhã. A nossa esperança reside em vós... O mundo pertence-vos. O futuro da China está nas vossas mãos».

Tenho 26 anos. Quero servir o povo com todo o meu coração e alma e ser um herdeiro da revolução. Quero que o regime do nosso país nunca mude. Quero estar de acordo com os meus camaradas.

A minha vida é limitada mas eu quero ser uma força sem limites.

Um motorista:

...Alguns dos meus camaradas eram membros do grupo rebelde que tomou o poder em Janeiro. Depois da tomada do poder, a posição de alguns desses camaradas começou a mudar. Queriam ter um carro para ir às reuniões na cidade em vez de ir de autocarro. Era um estilo de vida burguês; o antigo Director fazia o mesmo. Nós dissemos: Vocês têm uma nova responsabilidade para com a companhia, não se podem limitar a fazer o mesmo que os antigos chefes, devemos combater o egoísmo até aos pequenos pormenores; até na questão dos carros. Devemos sentir-nos responsáveis para com o povo.

...Em Maio de 1967 a situação geral da companhia era boa mas havia ainda divergências entre os nossos camaradas. Alguns apresentavam a mentalidade dos grupinhos e por outro lado, os grupos grandes contribuíam para aumentar a sua influência. Organizámos estudos a todos os níveis para solucionar estes problemas. Conseguimos organizar cinco grandes reuniões

sobre a luta ao egoísmo — que duraram todo o dia. Dentro do espírito dos cinco artigos ([1]) examinámos os nossos actos e ideias. Debruçámo-nos sobre uma questão: «Se a situação é excelente porque é que nós, grupos pequenos e grandes, estamos separados?» Todos compreenderam que era comum o objectivo fundamental de todas as organizações. O Presidente Mao fez nesta altura a sua comunicação, no seguimento da visita às cidades do norte e oriente. Escolhemos a afirmação «não pode haver causas de conflito no interior da classe trabalhadora». Por consequência, conseguimos libertar-nos dessas divergências.

Uma Fábrica para Cegos e Surdos

No Ocidente, o Estado do Bem-Estar tem algo da condescendência da caridade. Na China, não existe a preocupação de ajudar os infelizes, ou sequer de ajudá-los a vencer a sua desventura, antes são chamados a contribuir para a construção do socialismo. Existem em todos os bairros de Xangai fábricas que empregam trabalhadores cegos e surdos-mudos — que antigamente eram um fardo insuportável em algumas famílias pobres, ou que ganhavam a vida como adivinhos e pedintes — o montão de inúteis de uma sociedade cruel.

A fábrica que visitei em Novembro de 1967, começara em 1958 com quatro auxiliares, quatro trabalhadores cegos e quatro surdos-mudos. Manejavam equipamentos muito simples. Hoje tem 460 trabalhadores, dos quais 130 são normais. Os trabalhadores diminuídos fisicamente conseguiram aprender a manejar equipamentos mecânicos. O trabalho está engenhosamente preparado para que o cego, quando for necessário, reparar uma máquina, faça sinal ao surdo, acendendo uma luz. Os mudos comunicam com os normais através da sua linguagem manual.

([1]) Os três artigos mais lidos são: «Servir o Povo», «À Memória de Norman Bethune» e «O Velho Louco Que Removia Montanhas». Foram acrescentados «Como Corrigir Ideias Erradas no Partido» e «Sobre o Manejo Correcto das Contradições do Povo».

O cego pode ler e escrever através de caracteres perfurados, uma espécie de Braille.

Também aqui chegou a Revolução Cultural. Os trabalhadores notaram que a filial do Partido estava contaminada pela linha reaccionária. A administração da fábrica não era democrática. O Secretário da filial do Partido não consultava os trabalhadores, antes procedia como um oficial que desse ordens. Os trabalhadores cegos revoltaram-se. A princípio, o Partido procurou reprimi-los, mas estes chegaram à conclusão, por fim, de que os funcionários não eram realmente anti-socialistas, mas que tinham adoptado a orientação de Liu. Formou-se uma Grande Aliança e o trabalho prossegue em boa harmonia.

Evidenciou-se que a Revolução Cultural trouxe uma grande contribuição ao problema de fazer com que os infelizes sintam que não são desprezados, que podem ser úteis não só às suas famílias mas também à nação, e que estão integrados num grande movimento. O triunfo sobre uma deficiência física é não só uma vitória para o indivíduo, mas também uma reivindicação do socialismo e do Pensamento de Mao Tsé-tung. Também os trabalhadores normais, cujas tarefas são algumas vezes exasperantes, foram nitidamente beneficiados pela libertação dos espíritos que a Revolução Cultural introduziu.

Instituições Educacionais, Pequim e Xangai

A acusação dos estudantes rebeldes ao ensino que lhes era ministrado visou, em primeiro lugar, os cursos demasiado longos, bastante formais e pouco dirigidos para a prática; em segundo lugar, o objectivo do ensino, orientado para a formação de uma elite divorciada da massa do povo; e em terceiro lugar a discriminação em relação aos estudantes das famílias dos trabalhadores e dos camponeses, em vez de serem ajudados a superar a falta de formação literária.

I

No Instituto Geológico de Pequim, o estilo antigo de ensino baseava-se largamente em livros de texto soviéticos. Os cursos eram altamente teóricos, deixando poucas oportunidades para o trabalho no campo. Desencorajavam-se as discussões políticas e inculcava-se a escravização ao Partido.

Na Academia das Ciências Médicas, o ensino estava orientado para a formação da elite da profissão, mas não estruturado para atingir essa finalidade em toda a sua extensão. O curso durava oito anos; os três primeiros destinavam-se à ciência em geral e o quarto e quinto a treino pré-médico; apenas nos últimos três anos se proporcionava algum trabalho clínico. Acentuava-se o papel do doente individual, e não eram abordados os aspectos sociais da medicina nem a sua relação com a política.

No Colégio de Construção e Engenharia Civil de Xangai, os estudantes de arquitectura queixavam-se de serem obrigados a fazerem desenhos de Notre Dame de Paris, de Law Courts de Londres, de antigos palácios Chineses, e de lhes serem ensinadas teorias ridículas, como a da porta que separa e junta dois espaços. Após um curso de seis anos, e antes de qualquer utilidade, era necessário cumprir dois anos de trabalhos práticos. Inculcava-se a ambição pessoal de sobressair como artista. Dizia-se ao caloiro que um arquitecto deve ter o cérebro de um filósofo, os olhos de um pintor, o ouvido de um músico e a alma de um poeta. Os estudantes sentiam que eram preparados para servir uma aristocracia, e não para solucionar as necessidades urgentes do povo.

O colégio era a continuação de um outro, fundado pelos Alemães em 1907. Fora alargado e alterado o estilo de ensino com a Libertação, mas ficara muita coisa da antiga tradição. A maioria dos professores eram intelectuais burgueses, muitos deles educados no Ocidente. Controlavam as aptidões e impunham as suas concepções aos cursos.

Os estudantes provenientes de famílias de trabalhadores e camponeses, que em 1949 não ultrapassavam os 4 por cento,

são agora mais de 50 por cento. Mas os professores discriminavam-nos e insultavam-nos. Nesta atmosfera burguesa, alguns estudantes de origem humilde, em vez de se orgulharem da sua origem proletária, procuravam escondê-la. Conta-se a história comovente de um rapaz cuja mãe puxava uma carroça, que se esquivou a reconhecê-la quando ela o foi visitar ao colégio.

Alguns dos professores mais novos e alguns estudantes fizeram várias tentativas de contestação desses professores e de introdução das ideias do Presidente Mao sobre educação. Conseguiram alguns êxitos, mas a velha guarda sempre os fez malograr e anulou as suas reformas.

II

Nestes três institutos, e em muitos outros, o processo da Revolução Cultural sofreu uma evolução paralela, mas com variações individuais.

O movimento rebelde começou em Julho de 1966, na sequência do que acontecera na Universidade de Pequim, com cartazes de crítica às autoridades.

Foi enviado um grupo de trabalho para o Instituto Geológico. Os componentes do grupo sustentavam que eram os representantes do Presidente Mao; só mais tarde os estudantes vieram a saber que tinham sido mandados por Liu Shao-ch'i enquanto o Presidente Mao estivera fora de Pequim. A seguir, o Ministério de Geologia enviou um grupo de duzentos membros, chefiado pelo Vice-Ministro. Um membro do Comité do Partido do Instituto estava ao lado dos estudantes rebeldes. Este organizou uma manifestação com 2000 estudantes contra o grupo de trabalho e afastou-o. Foi enviado um novo grupo por Po I-po, Ministro encarregado dos assuntos económicos. (Este foi mais tarde reconhecido como um dos principais sustentáculos de Liu Shao-ch'i, desacreditado). Apoiado na autoridade, o grupo de trabalho desencadeou um ataque feroz aos estudantes rebeldes. Acusaram os seus opositores de contra-revolucionários. Exigiram a estes que fizessem a sua auto crítica. Muitos deles,

confundidos e intimidados, obedeceram e escreveram longas autocríticas. Foram demitidos os membros do Partido que aderiram aos rebeldes. Foi proibido aos estudantes que participassem em manifestações nacionais. Mas o chefe dos rebeldes recusou-se a ceder e continuou a luta. Este período de «terrorismo fascista» prolongou-se até ao fim de Julho, altura em que Mao regressou a Pequim e foram demitidos os grupos de trabalho.

Então os estudantes, encorajados pela publicação dos Dezasseis Pontos, levaram a luta ao campo do inmigo. Marcharam sobre o Ministério da Geologia, entoando slogans contra o Vice-Ministro. Foi organizada uma segunda marcha a 5 de Setembro. Mais de um milhar de estudantes, com os professores que simpatizavam com eles, ocuparam o Ministério. Incitaram o pessoal administrativo contra os manifestantes, e os cozinheiros recusaram-se a dar-lhes de comer. Acamparam durante três dias no Ministério, sem comer. O inimigo principal, o Vice-Ministro, foi demitido. (O Ministro de Geologia permaneceu no cargo). Os Guardas Vermelhos compilaram uma acusação de Po I-po, que julgaram suficiente para demonstrar que ele fora anti-socialista de convicção ainda antes da Libertação. (Quando lhes perguntaram como era possível um traidor esconder-se durante tanto tempo, os estudantes responderam que levou tempo a descobrir os seus crimes.)

No Instituto, em mais de 800 professores, só dois ou três foram denunciados como «partidários da via capitalista». Os restantes foram aceites pelos Guardas Vermelhos, no Outono de 1967, e os que no início tinham sido hostis admitiram a necessidade de mudar as ideias e os métodos de trabalho.

Na Academia das Ciências Médicas os acontecimentos seguiram mais ou menos o mesmo curso, à excepção do Director, um cirurgião mundialmente famoso, que cedo aceitou a crítica dos rebeldes e pôs-se ao lado deles, pelo que ele próprio foi atacado pelos outros membros do Partido da administração da Academia e pelo grupo de trabalho enviado para dominar os rebeldes, que o acusaram de contra-revolucionário.

O movimento começou com um cartaz afixado a 2 de Junho, que criticava o estilo de ensino na Academia. A 4 de Junho chegou um grupo de trabalho; convenceram alguns estudantes mas os rebeldes conseguiram expulsá-los.

A reorganização do Ministério da Propaganda a 25 de Junho foi, ao nível do governo nacional, uma importante vitória para os partidários do Presidente Mao, mas infelizmente o novo Vice-Ministro Tau Chu (o Secretário do Partido para a Região Meridional) que se camuflara de ultra-esquerdista, revelou-se um dos mais obstinados adversários da Revolução Cultural.

Enviou um relatório à Academia a defender o Ministério da Saúde e a acusar os rebeldes de se oporem ao Comité Central e de adoptarem uma orientação contra-revolucionária. Os estudantes recusaram-se a aplaudir o relatório e gritaram: «Fora com o dirigente máximo do Partido que segue a via capitalista». Afixaram cartazes a ridicularizar Tau Chu. Contudo, alguns estudantes deixaram-se enganar e estalaram disputas violentas. Os rebeldes encorajavam-se uns aos outros, encontrando apoio no livro de citações. Escreveram uma carta ao Presidente Mao, explicando a situação na Academia.

O grupo de trabalho foi retirado quando o Presidente Mao regressou a Pequim. Após a publicação dos Dezasseis Pontos, os estudantes exigiram que o grupo de trabalho voltasse para se submeter à crítica, e que Tau Chu voltasse para responder pelo relatório.

Voltou a 23 de Agosto. Liu Shao-ch'i não admitira a derrota, e encorajava ainda os grupos de trabalho que tentavam suprimir o movimento.

Tau Chu procurou proteger os estudantes e os professores que se opunham aos rebeldes. Os contra-revolucionários fizeram uma lista dos estudantes que participaram na Revolução Cultural, cujos nomes apareceram em cartazes. Tau Chu castigou os rebeldes, não poupando o Director, que classificou na quarta categoria dos Dezasseis Pontos — um Direitista anti-socialaista que devia ser expulso do Partido.

Os Dezasseis Pontos justificaram os rebeldes, mas o poder financeiro e administrativo continuava nas mãos dos reaccionários. Procuraram neutralizar os estudantes retirando o fornecimento de papel e tinta para os cartazes. A 11 de Novembro (no tempo de inverno em Pequim) ordenaram ao pessoal administrativo que suspendesse o aquecimento e a electricidade, e fechasse a cantina.

Como resposta, os estudantes trabalharam à luz de velas e construíram um «fogão de protesto» para fazerem as refeições. (Isto ficou conhecido como o incidente de 11 de Novembro.) Tais tácticas apenas desiludiram os estudantes que haviam sido enganados pelos reaccionários. Após uma série de reuniões no mês de Novembro os rebeldes alcançaram a maioria. O Secretário do Partido no Instituto foi atacado e duramente criticado. (No fim, foi o único funcionário a ser condenado como «partidário da via capitalista». Em Novembro de 1967 encontrava-se numa fase em que lhe era dada «oportunidade de começar uma vida nova».) No final de Junho de 1967, constituiu-se um Comité Revolucionário baseado numa Tripla combinação de funcionários, estudantes revolucionários e representantes da milícia de estudantes.

O Director tinha agora, como é evidente, excelentes relações com os rebeldes. Era um homem com senso de humor suficiente para não se importar que os seus alunos lhe ensinassem o Padre-Nosso, e também com um sentido de dedicação que lhe fez sentir que o entusiasmo revolucionário deles podia ser canalizado para a formação da espécie de profissão médica que a China necessita.

Em Xangai, os estudantes não se mostraram tão esclarecidos como em Pequim; seguiram e apoiaram os trabalhadores e participaram no Tumulto de Janeiro que conduziu à tomada do poder na cidade.

No Colégio da Construção, haviam tentado anteriormente reformar a educação segundo a orientação advogada pelo Presidente Mao; mas o movimento foi frustado todas as vezes; os êxitos alcançados eram anulados e o ensino regressava ao

estilo antigo. A Revolução Cultural apresentou-se como uma grande oportunidade de tentar uma vez mais. Constitui-se um grupo de Guardas Vermelhos, no início com 700 membros. Opôs-se-lhe uma organização reaccionária com 4000 membros, mas quando a luta se estendeu à cidade durante o Verão e o outono de 1966, os estudantes rebeldes ganharam aderentes, e a organização conservadora caiu. Os rebeldes tomaram o poder na Universidade. Em Junho de 1967, um comité tomou conta do colégio, tendo como presidente um estudante de 23 anos.

No Outono de 1967, as suas discussões sobre a reforma da educação eram das mais avançadas no país, e foram publicadas como exemplo para outras instituições.

III

As escolas reabriram na primavera de 1967, mas a verdadeira reorganização, em geral, não começou antes do Outono, depois de outras longas férias de verão. Quando os estudantes regressaram aos trabalhos escolares, a maior parte do tempo foi consagrada à discussão sobre a maneira de incorporar na educação os princípios da Revolução Cultural. Os estudantes perderam completamente o antigo receio dos professores, e alguns professores, embora se não opusessem às novas ideias, tiveram dificuldade em se acomodarem a eles. Alguns, contudo, como o Director da Academia de Medicina, reconheceram a necessidade de mudança e estão a colaborar na preparação das reformas. Além do mais, muitos professores jovens, apoiam sinceramente os estudantes contra os «tiranos escolares» e o antigo estilo de ensino dos mandarins.

O objectivo principal consiste em tornar mais prático o ensino e abreviar os cursos, acelerar o fornecimento de principiantes a todas as profissões, e destruir ao mesmo tempo a concepção do homem educado como um ser superior ao qual a sociedade deve mais que a um simples trabalhador.

No Instituto Geológico, as aulas começaram no outono de 1967 e os estudantes estavam a fazer revisões para reatar a

sequência dos cursos interrompidos. Simultâneamente, continuavam as discussões, levando a cabo uma revisão crítica dos livros e textos soviéticos que usavam antériormente, e planeando um novo sistema de selecção para vencer as desvantagens dos filhos dos trabalhadores e dos camponeses, e um novo sistema de exames que acentue mais o trabalho prático e menos a simples memória.

Na Academia de Medicina, a discussão sobre a duração do curso continuava ainda. Concordava-se, em geral, que oito anos era um período demasiado longo, que o estudo teórico devia ser abreviado e que os estudantes deviam entrar em contacto com os problemas dos camponeses e trabalhadores e das suas famílias numa fase anterior do currículo. No decurso da Revolução Cultural, conheceu uma grande expansão o sistema de enviar grupos de médicos das cidades a visitar as zonas rurais, dando um impulso ao serviço de saúde nas comunas. A proposta da Academia consistia em enviar estudantes, com médicos e cirurgiões qualificados para observar o trabalho deles, desempenhando todas as funções e familiarizando-se com as condições de vida rural. Ao regressarem aos livros e leituras, aprenderão mais depressa na medida do seu contacto com a realidade. O sistema estava já a ser experimentado. As aulas tinham começado; cerca de um terço do tempo era gasto no ensino tradicional e dois terços no estudo e aplicação dos princípios da Revolução Cultural ao funcionamento da Academia.

A terapêutica tradicional chinesa é estudada paralelamente com a medicina moderna. Por outro lado, a geração mais antiga ainda tem muita confiança nela e alguns produzem curas ainda não explicadas pela ciência.

No Colégio da Construção de Xangai, que reabriu em Julho de 1967, realizavam-se discussões nos mesmos termos. A educação deve tornar-se mais prática e orientar-se de encontro às necessidades do povo.

As primeiras tentativas de reforma estavam a ser analisadas para verificar quais eram os seus fins e como tinham sido frustradas. Estavam a ser enviados grupos para compararem experiências com as instituições mais avançadas de Pequim, e para o campo, a fim de descobrirem as necessidades do povo e colher ideias dos camponeses.

A proposta de combinar a investigação, o ensino e a produção foi criticada por alguns técnicos desactualizados, com ideias burguesas, que a consideraram uma utopia, mas foi aprovada pelos trabalhadores e camponeses com quem os estudantes a discutiram.

O esquema estava a ser planeado para reorganizar o sistema de faculdades e reduzir o absolutismo dos professores. O curso ia ser reduzido de cinco a três anos. No primeiro ano, metade do tempo seria consagrado ao trabalho produtivo e ao treino na milícia, e a outra metade a estudar teóricos básicos. No segundo ano, dois terços do tempo seriam gastos no estudo de desenho, através de trabalhos práticos no instituto de investigação. O terceiro ano seria consagrado à teoria de uma matéria especializada e ao desenho de um projecto completo.

Os métodos de exames estavam a ser discutidos. Em algumas matérias, dizia-se, o exame não era necessário pois o estudante podia ser julgado pelo seu rendimento geral. Em algumas, seriam usados livros de referência, evitando que o exame fosse um simples teste de memória. Em alguns casos, vários estudantes podiam discutir em conjunto as respostas, e apresentar uma prova comum. Desta maneira, os exames deixarão de ser, como diz Mao, um ataque de surpresa dos professores aos estudantes, e tornar-se-á um teste da competência real.

Acima de tudo, os estudantes estavam a ser imbuídos de um novo espírito proletário, para vencerem os preconceitos burgueses por que foram afectados no passado.

Tudo isto se encontra ainda na fase de concretização. Resta verificar se tal acentuação da política não enfraquecerá a dedicação ao estudo aturado que os técnicos não podem dispensar, ou se, pelo contrário, como proclamam os Guardas Vermelhos, a fortalecerá.

(PÓS-ESCRITO)
POST SCRIPTUM

No ano que se seguia ao período em que foram tiradas estas notas, a Revolução Cultural foi completada, num sentido formal, com a formação de Comités Revolucionários nas restantes Províncias (excepto em Taiwan, como os Chineses têm o cuidado de frisar). Num outro sentido, nunca estará completa pois traça uma linha de desenvolvimento que deve ser prosseguida indefinidamente. A discussão, a reorganização e a luta entre «duas linhas» continua ainda. Houve, durante o ano, explosões esporádicas de violência e até derramamento de sangue, que a imprensa Ocidental divulgou com exageros de contentamento.

O apelo de Mao Tsé-tung ao povo em geral: A rebelião justifica-se! Interessem-se pelos assuntos do Estado! Interroguem-se sobre as causas e os motivos! e o apelo dos Dezasseis Pontos: «Confiar nas massas, contar com elas e respeitar a sua iniciativa... Através de debates normais e amplos, as massas afirmarão a verdade, corrigirão o que está errado e alcançarão gradualmente a unanimidade» (¹) significam que ele tem uma fé inquebrantável no senso comum básico do povo Chinês. Mas era necessário, desde o princípio, combater as tendências disper-

(¹) Ver p.p. 98 e 100

sivas do isolacionismo. A declaração de Mao Tsé-tung, na vésperas da Libertação, é citada muitas vezes:

É necessário vencer resolutamente certas manifestações de indisciplina e anarquia que existem em muitos domínios. Há pessoas que, sem autorização, alteram as orientações e tácticas adoptadas pelo Comité Central ou por outros comités superiores do Partido, e executam orientações e tácticas extremamente nocivas, que vão contra a vontade e a disciplina colectivas e que teimosamente julgam ser correctas. Há também pessoas que, pretextando excesso de trabalho, adoptam a atitude errada de nem pedirem instruções antes de praticarem a acção nem posteriormente a submeterem a apreciação e consideram a zona que administram um reino independente. Tudo isto é extremamente nocivo para os interesses da revolução. Os comités do Partido de todos os níveis devem discutir este assunto com insistência e trabalhar sèriamente no aniquilamento de tal indisciplina e anarquia, para que todos os poderes que podem e devem ser centralizados se concentrem nas mãos do Comité Central e suas agências. (¹)

O acento tónico, no período até Outubro de 1968, era colocado mais na necessidade de disciplina que na necessidade de rebelião.

Devemos combater a teoria dos «muitos centros», que é a teoria de «nenhum centro», o sectarismo e todas as outras tendências burguesas reaccionárias que minam a chefia da classe trabalhadora. (²)

Até Liu Shao-ch'i foi censurado como advogado do anarquismo. Ao mesmo tempo que era atacado e escarnecido por advogar a obediência cega à autoridade e sustentar a disciplina do Partido exige que as ordens sejam cumpridas ainda que erradas, foi acusado também do vício oposto:

(¹) Ver *Peking Review*, 30 de Junho de 1967
(²) Hsinhua News Agency, 11 de Agosto de 1968

> O Khrushchev Chinês disse, com razões ulteriores: «Faz como as massas querem» e «depende principalmente da espontaneidade do movimento de massa». Declarações como estas mostram claramente que se opôs à direcção do Partido e fomentou o anarquismo. (1)

Não se tentou situar tais declarações no seu contexto (foram feitas, parece, antes da Libertação) ou considerar a mudança de frente de Liu Shao-ch'i. A citação não significa uma contribuição à análise histórica. Visa manifestamente fortalecer a capacidade do grupo moderado e sensato de qualquer organização na discussão com um colega que ponha em prática a ordem de defender as opiniões próprias até limites despropositados.

Este retorno a um acentuar da disciplina não aparece como contradição em relação aos princípios de 1966, antes é um desenvolvimento natural do êxito destes.

Se bem que possa ter havido distúrbios no decurso da Revolução Cultural, parece que o desenvolvimento económico não sofreu interrupções. Anuncia-se que a colheita de 1968 é excelente uma vez mais; houve reveses em algumas indústrias devidos aos distúrbios, mas em muitas reivindicam-se novos avanços técnicos, aumento da produção, diminuição dos custos e melhoramento da qualidade, devido à organização simplificadada e à elevada moral que a Revolução Cultural introduziu nas fábricas. Os homens ocidentais de negócios que assistem à feira de Cantão afirmam que, no seu ponto de vista, as condições parecem ser normais.

Tem havido processos recentes da reforma do ensino. Têm sido feitas investigações sobre o papel dos estudantes depois de completarem o curso, uma das quais tem sido largamente divulgada. Respeita à crítica do Instituto de Engenharia Mecânica de Xangai, feita pelos operários e pessoal administrativo de uma importante fábrica de máquinas-ferramentas. A conclusão (com a qual muitos industriais Ocidentais simpatizarão) diz que os melhores engenheiros são aqueles que têm alguma experiência prática antes de frequentarem os cursos universitários e que o ensino deve ser integrado com trabalhos práticos e com a investigação. (1)

(1) Hsinhua, 15 de Março de 1968

Sobre este assunto, Mao Tsé-tung comentou:

> É ainda necessário ter universidades; refiro aqui principalmente os colégios de ciência e engenharia. Contudo, é essencial abreviar a duração da escolaridade, revolucionar a educação, adoptar políticas proletárias e seguir o caminho da Fábrica de Máquinas-Ferramentas de Xangai, escolhendo os técnicos de entre os trabalhadores. Os estudantes devem ser seleccionados entre trabalhadores e camponeses com experiência prática, que devem voltar à produção após alguns anos de estudo. (2)

Do mesmo modo, os membros das comunas foram solicitados a exprimirem os seus pontos de vista aos estudantes que foram trabalhar com eles:

> Os pobres e os pequenos-e-médios camponeses salientaram que, no passado, as escolas se regiam pelo princípio de que «a educação intelectual vem primeiro» e «as classificações têm primazia». Isto significa «apenas o reconhecimento das classificações mas não das pessoas, e ainda menos das classes sociais a que as pessoas pertencem». Muitos alunos eram obrigados a «preocuparem-se com as classificações enquanto estudavam». Na escola, preocupam-se com as classifi-

(1) Hsinhua Supplement (13), Setembro de 1968
(2) *Peking Reeview*, 2 de Agosto de 1968

> cações, e quando trabalham nas brigadas só pensam em «classificações, classificações, classificações», tendo como resultado a deslocação total da revolução e a sua colocação nos termos tradicionais. (1)

É citado o comentário esclarecedor da mãe de um soldado. «Agora que estamos empenhados na construção de novas aldeias socialistas, precisamos de muitas pessoas com talento. O que nós não queremos são estudantes divorciados das práticas e políticas proletárias e que olhem de cima para as pessoas que trabalham». A luta contra a tradição dos mandarins não pode ser realizada num dia.

Parece que em muitas universidades e colégios as tentativas de reforma se transformam em longas querelas que por vezes irrompem em desordem e faz com que os edifícios sejam danificados e o aparelho esmagado. Encontrou-se a solução no envío de grupos de propaganda de trabalhadores e soldados que, como se proclama, promovem discussões em conjunto, dos grupos hostis, que por vezes duram vários dias, e até algumas semanas, e põem em funcionamento o novo método de ensino.

No campo da medicina, estavam a ser divulgadas as ideias discutidas na Academia em 1967. ([1]) Em muitas comunas, os enfermeiros com um treino inicial são encorajados a adquirir experiência (deixando os casos difíceis aos clínicos regulares) trabalhando nas suas aldeias, e a selecção para a frequência dos colégios médicos é feita entre eles.

Este desenvolvimento é lógico. Se o Partido e os intelectuais servem o povo, o povo deve julgar o serviço, embora os professores Ocidentais, fortificados nas suas «cidadelas», não gostem muito que o julgamento seja aplicado a eles próprios.

A questão, na sua totalidade, adquiriu novo significado com as discussões actuais sobre os dirigentes da URSS. ([2])

([1]) ibid., p. 22

([2]) Relatadas opr Kyril Tidmarsh, *The Times*, 9 de Outubro de 1968.

Aqui, parece, a educação é considerada pela gente nova, antes de mais nada, como uma qualificação para empregos e rendimentos superiores. A quantidade de pessoas instruídas ultrapassou as exigências da indústria e são muito poucos os que querem ser operários industriais e ainda menos os que querem ficar no campo. É a consequência sombria da concretização da educação universal e da igualdade de oportunidades, que os Chineses tentam evitar.

COLECÇÃO PELICANO

Último volume publicado

HISTÓRIA DE MÚSICA «PELICANO»

3

Clássico e Romântico

editado por ALEC ROBERTSON

«Este terceiro volume da História de Música «Pelicano» incide fundamentalmente sobre os séculos XVIII e XIX, mas as obras de Mahler, Bloch, Bax e outros são analisadas em apêndice final.

Mesmo na época do Iluminismo, um «bom gosto» do patronato era algo que os compositores tinham de defrontar com as chamadas formas *style galant*, a base que levou às realizações de C. P. E. Bach, Mozart e Haydn.

Mas Beethoven desprezou o gosto convencional e as grandes obras dos compositores do final do século XVIII devem a sua ousadia ao *style bourgeois*.

Os compositores românticos do século XIX, tais como Wagner e Verdi, estavam cientes da fabulosa expansão material e da aventura da sua época. E, diferentemente dos compositores que os antecederam, tinham consciência da sua afinidade com os escritores e pintores; alguns dos seus maiores êxitos musicais encontram-se na ópera.

Uma edição de

Editora ULISSEIA limitada

Rua da Misericórdia, 137-1.º — Lisboa

EMPRESA TIPOGRÁFICA
CASA PORTUGUESA
RUA DAS GÁVEAS, 109
L I S B O A

publicado pela Editora Ulisseia

Muitos jornalistas ocidentais supõem que a China se encaminha a passos largos para a auto-destruição, numa orgia de violência caótica e adulação furiosa, numa barafunda inexplicável e segundo um ritual meticuloso e sem sentido. Como é possível, perguntam, que os Guardas Vermelhos acreditem nos seus cartazes de parede? Qual o significado de um «dirigente do Partido que segue a via capitalista»? Como é possível que o Pensamento de Mao faça nascer searas num monte de pedras?
Nesta investigação documental, a autora apresenta os próprios Chineses a explicarem a sua revolução. Joan Robinson, Professora de Economia em Cambridge e autora de obras de economia consagradas, visitou a China recentemente. A partir de entrevistas, aqui relatadas, e dos documentos fundamentais, que não foram ainda publicados no Ocidente, centra a atenção no fenómeno que mais tem embaraçado os observadores — um governante de tal modo hostil à administração que fomenta e dirige contra ela uma revolução popular a nível nacional.